

A vocação satírica e paródica de Luísa Costa Gomes, as parábolas-contos ou os meros textos de aparência circunstancial que lhe dão corpo, são uma autêntica novidade na ficção portuguesa. Não estávamos habituados a uma imaginação ao mesmo tempo tão desvairada, imprevisível, no sentido próprio, insólita, e tão controlada, como evocação que é de *faits divers* triviais que num segundo conhecem uma vertigem que em seguida deriva, impávida, e nós com ela, para abismos ou conclusões onde o sentido do mundo naufraga e por assim dizer se anula e resplandece.

In Prefácio de Eduardo Lourenço

SETEMBRO

e outros contos Luísa Costa Gomes

Prefácio de Eduardo Lourenço

Autora
Vencedora do
**GRANDE PRÉMIO
DE CONTO**
da Associação
Portuguesa
de Escritores

Luísa Costa Gomes

SETEMBRO e outros contos



581122
ISBN 978-972-20-3401-2
9 789722 034012
ALP



DOM QUIXOTE

2/11/2018
Valadet
Contos de Vasconcelos:

a torre derruad

(Fant. → tema

vingança, espelhos
e auto-ironia)

Hugo Roche:

A casa à beira do mar

(Fant. → Tema

ESPAGO

Hugo Roche:

O aspecto do hotel ...

(Fant. → tema

ESPAGO

6. Trindade Filipe:

Tenda, culs

(Fant. → tema

Bastardo
(Análise...)

Em *Setembro e Outros Contos* Luísa Costa Gomes reúne alguns contos inéditos e outros publicados ao longo dos últimos anos. O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira constituída por um conjunto de oito contos mais recentes de atmosfera e temática semelhantes, em torno da escrita e da sua possibilidade, da memória e dos seus fantasmas. A segunda parte do livro reúne textos mais curtos e de cariz mais humorístico.



Publicações Dom Quixote
Edifício Arcis
Rua Ivone Silva, n.º 6-2.
1050-124 Lisboa - Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2007, Luísa Costa Gomes e Publicações Dom Quixote

Capa: Atelier Henrique Cayatte
sobre foto de Luísa Costa Gomes

Este livro foi composto em Kongul,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano

Revisão: Eda Lyra

1.ª edição: Setembro de 2007
Paginação: Segundo Capítulo
Depósito legal n.º 264 956/07

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas

ISBN: 978-972-20-3401-2

www.dquixote.pt

Prefácio de Eduardo Lourenço 9

I Setembro

Setembro	17
A boa mãe	33
Casa assombrada	49
Fantasma	67
O amante natural	75
<i>Doubleface</i>	83
Três meninas	89
<i>Calcio</i>	95
Solo & <i>The conga line</i>	101

II

Outros contos

Por extenso	109
Vítimas de uma História muito longa e imbricada	113
Não Ir e Outras Formas de chegar ao Porto	121
Felicidade	129
Que.	135
Eça de Queirós: um episódio menos conhecido da sua intimidade	143
Memória de Silvana	149
No barril	155
Carne e ossos	163
Cristo em casa de Manuel Assunção & Família	167
Em Telma, o Infinito	169

(=) ^(mãe) Besteira Fant. → Tem
Tenda, culs

6. Trindade Filipe Fant. → Tem

Hugo Roche Fant. → Tem

A casa al beir de estrada Fant. → Tem

Atori de vasconcelos Fant. → Tem

valde

uma mem em
vêl de t

Atti: de Vasconcelos:
a fome durad

(
vampiro, espel
e mato-viro

/ Fant. → teme

Hygo Roche:

A casa d' beir de estrada

/ Fant. → teme

ESPASO

Hygo Roche:

O aspecto do hotel ...

/ Fant. → teme

ESPASO

G. Trindade Filipe:

Tenda, culs

/ Fant. → teme

(Mirad...)
Bastião

Prefácio
IDOS DE SETEMBRO

Não tem muito sentido – ou nenhum – acompanhar textos de uma das mais originais escritoras portuguesas, de uma qualquer glosa com pretensões a instância crítica. Já terá algum fazer-lhe companhia como seu amigo e velho leitor desde o tempo em que o primeiro livro que li dela – *A Vida de Ramón* – a colocou, para mim, num sítio aparte, insólito, sobretudo pela singular mistura que nele havia de mística e lógica. Pouca gente, entre nós, saberia então quem era o famoso Raimundo Lúlio, o homem das artes mnemónico-mágicas que, à força de silogismos, queria converter inféis e penetrar nos arcanos do entendimento humano como um Leibniz medieval. Desse romanesco personagem fez Luísa Costa Gomes uma evocação realista e fantástica, a meio caminho entre o romance de cavalaria e a ficção científica do nosso presente fascinado por mundos virtuais.

A sua obra, já reconhecida, antes deste romance, por um prémio prestigiado, confirmaria, com uma discreção rara para a sentimental alma lusíada, o seu gosto, a sua paixão, fria e luminosa, passe o paradoxo, por temas e mistérios, para ela e nós, seus leitores, «claros como uma fotografia».

Na nossa literatura dos últimos vinte anos haverá poucos textos mais vertiginosamente labirínticos, divertidos e irónicos até à provocação, que os da autora de *Contos outra Vez*. São textos dignos dos Monty Python ou de Woody Allen. Basta lembrarmos-nos de «Uma empresa espiritual», soberba farsa burlesca do nosso mundo ocidental, religiosamente desertificado, aberto às paródias mais sacrílegas – rendosas – que lhe possam dar a ilusão de conhecer velhos êxtrases sem ressurreição possível.

Ou de ter presente o não menos antológico conto «A Janela da despensa como argumento moral», história de um menino bulímico, Luisinho, para quem o mundo tem a consistência de um bolo que ele devora e por quem é devorado, alegoria cruel do nosso mundo de ricos de tudo e de tudo esfomeados.

A vocação satírica e paródica de Luísa Costa Gomes, as parábolas-contos ou os meros textos de aparência circunstancial que lhe dão corpo, são uma autêntica novidade na ficção portuguesa. Não estávamos habituados a uma imaginação ao mesmo tempo tão desvaivada, imprevisível, no sentido próprio, insólita, e tão controlada, como evocação que é de *fais divers* triviais que num segundo conhecem uma vertigem que em seguida deriva, impávida, e nós com ela, para abismos ou conclusões onde o sentido do mundo naufraga e por assim dizer se anula e respandece. No seu livro *Setembro* encontramos a mesma autora, de olhar implacável, incomplacente com a cena do mundo, desmistificadora, em cada linha, da visão canónica do «conto» como virtualmente transfigurador da vida. As fadas, como a Musa, de Luísa Costa Gomes, não são, precisamente, as da Condessa de Ségur, mau grado as correções que a leitura psicanalítica lhe acrescentou. O seu mundo é o nosso e o ainda em gestação, pós-freudiano e pós-modernista, um mundo já fora de si mesmo em que tudo é duplo e nessa duplicidade os nossos fantasmas conduzem o baile. Não vêm de vidas extintas mas de um presente em que de repente

uma cena do passado, como no conto que dá o título ao livro, destrói ou revela o autêntico sentido de um casal outrora feliz, numa Roma de fantasmas banalizados, onde Máximo escritor em «panne» de criação, como num sonho, se revestiu da voz de Marlon Brandon recitando Shakespeare. Nesses idos de Setembro – mas agora trinta anos depois – Máximo, «atado à canela da mulher (narradora) como uma grilheta», numa cidade do Norte, espaço de predilecção da autora – que em *Contos Outra Vez* já evocara magistralmente a Islândia – não será assassinado como César. Escreve à mulher cartas que ela deixa de lado. Não quer viver, mas dormir. Para ele «um bom livro só pode ser aquele que faz dormir». E por fim: «O livro perfeito é o livro que ninguém lê.» Este sarcasmo triste é menos o da personagem Máximo, fazendo turismo na Suécia, que o da autora-narradora e da sua devastadora ironia.

É fácil entrar no mundo de Luísa Costa Gomes. Mas é uma facilidade enganadora, como a do dorso do tigre. Como em muitos dos seus contos, perdemos de repente pé e não podemos esperar que seja ela a Ariana do seu fantástico e luminoso labirinto. De todos os contos de *Setembro* talvez o mais classicamente enigmático e revelador dos «fantasmas» e obsessões de Luísa Costa Gomes seja *Casa Assombrada*. Começa de uma maneira quase naturalista, na linhagem de Maupassant, invocando uma Lisboa cinzenta, um pouco sórdida, de destinos à deriva ou sem destino, mas em breve a casa da narradora se converte em casa assombrada pela presença invisível mas palpável dos que antes a tinham habitado deixando nela, se não o cheiro, a sombra dos desastres passados ou recentes. Como todas as casas antigas é um cemitério vivo e é a invasão dessa morte congelada que pouco a pouco assombra os náufragos que um dia a escolheram como morada de passagem. «Mudei-me a meio de Julho, pintei o quarto que fora no tempo deles a sala de jantar e instalei os parques haveres. Mas

(Luisa CG) emt → fant /
Tenda, culas

6. Trizade

o hnt → fant /

... ptog do hnt →
hnt Roque r:

o hnt → Teme
Fant /

hnt de beir de esad
hnt Roche:

(Luisa CG) emt → fant /
Tenda, culas

o hnt → fant /
Fant. de

16/12/11

ter chegado assim a uma casa onde a vida de outros se interrompera enquanto na minha ressoava ainda o eco de uma vida anterior, esquinava as coisas todas num desajustamento miúdo, como o de duas rodas dentadas feitas de propósito para não se entenderem. (...) Era difícil que a casa não ficasse manchada por um mal-estar que nela se instilou como um cheiro.» Esta estranha herança de desastres cria uma espécie de comunidade de gente assombrada. Tudo adquire uma dimensão, ao mesmo tempo intrigante e banalmente policial quando o pequeno grupo recebe, destinada a um dos hóspedes, a ameaça de um chantagista, acompanhada de um prospecto do Banco Ambrosiano. O chantagista ignora que a vítima virtual está no hospital, gravemente enfermo. «Pouco há de mais assustador que um criminoso incompetente», comenta a narradora. Com a estranha referência ao Banco Ambrosiano se antecipa uma daquelas derrapagens abruptas tão típicas das ficções sempre oníricas no seu realismo, de Luísa Costa Gomes. E na verdade, enquanto a narradora, mais que consciente da realidade já toda ficcional do caso que a assombra, compreende que não acabará o conto que tem nas mãos no seu próprio cenário, abre-se uma outra ficção, na verdade um autêntico *flash-back* que introduz a história mais do que rocambolesca de um tal capitão Godofredo Bolloni, que em tempos estivera em Lisboa, à caça de um activista das Brigadas Vermelhas. Será ele o Colombo desta extravagante aventura onde a autora-narradora, como uma Agatha Christie improvisada, se divertirá menos a elucidar um mistério que a gozar o prazer de o tornar credível.

Mais do que o prazer dos *fais divers* revisitados que motivam a sua ficção, o mais inovador nela é essa dupla viagem do seu imaginário em torno dos fantasmas ou obsessões que o povoam – sonhos, nítidos como filmes – e a consciência ficcional com que são escritos. Como se fossem copiados e a própria imprevisibilidade deles anunciada ou colhida no seu voo deslumbrante.

Talvez porque na sua escrita singular, guiando-a, sobrepondo-se ao delírio quase geométrico do seu imaginário, esteja presente, como raramente em prosa portuguesa, a ave de Atena, de que Luísa Costa Gomes é tão devota cultora. Na sua companhia qualquer noite se volve dia. Tão enigmático como ela.

Lisboa, 4 de Setembro de 2007

Eduardo Lourenço

(Lisboa) 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

Temps, cults

: 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

o 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

... 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

o 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

o 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

(Lisboa) 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

o 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

o 0.4.5.488B1 emt (- Fant)

verano:

Atori de Vasconcelos:

a torre da roched

(Fant. → tema

vaquinos, espelhos e auto-vidros)

Hugo Roche:

A casa a beira do estado

(Fant. → Tema

Espago

Hugo Roche:

o aspecto do hotel ...

(Fant. → tema

Espago

G. Thirade de Filipe:

Tentaculos

(Fant. → tema

Bastardo (Midiast...)

Verdade

Atos de Vasconcelos:
a fome duradoura

(Fam. → fome
reagido, espelido
e morto-vivo)

Hugo Roche:

A casa à beira do estado

(Fam. → fome
ESPASO

Hugo Roche:

o aspecto do hotel ...

(Fam. → fome
ESPASO

6. Trindade Filipe:

Tenda, culas

(Fam. → fome
Bastardo

(Midiast...)

Não consigo escrever, começava a longa e irritada carta de Máximo, sento-me aqui à janela a olhar lá para fora durante o dia e faço o possível por me rodar de tudo o que é preciso, mas não consigo escrever. Seguiam-se dez páginas de memórias, ideias para ensaios, recriminações, descrições de sonhos, começos de histórias, sinopses. Mandara-me essa primeira carta num envelope ao quarto, que ficava no andar de baixo. A miúda entregou-ma de fugida, esquivando o olhar, ofendida por aquela extravagância. Máximo exigira à chegada o quarto do sótão, esconso, austero, todo branco, com uma grande janela sobre uma visão de bétulas prateadas – e anunciara que ia finalmente tentar escrever. Eu preparei-me num instante, pela longa força do hábito, para mais uma viagem com um peso morto.

Se nos encontrávamos na sala para almoçar, abria-se o menos possível, comendo quase sem mexer os maxilares. Era como se estivéssemos ambos a dieta líquida. Mas nas cartas falava pelos cotovelos. Dizia ter nascido de pais analfálicos, que se escreviam dos respectivos escritórios nas extremidades opostas do corredor. Não significa que não trocassem amenidades na sala

comum, cujas intenções e múltiplos subentendidos discutiam depois em cartas que mais pareciam comunicações em congressos ou memorandos, cheias de especulações que se apoiavam na autoridade de citações de áreas respectivas: ele, médico, mas de alma, pintor, não se coíbindo de apresentar gráficos e ilustrações; ela, poetisa, mas com imaginação de matemática. Eu é que não podia deixar de imaginar o que seria para Máximo, nesse mês de Agosto, aquele rodear-se de «tudo o que era preciso».

Mas o plano estava traçado e seguiu o plano. A casa ficava longe da cidade, havia autocarro à porta e ia directo ao centro, onde me largava no meio de um parque sombrio. Nos dois primeiros dias o clima húmido e abafado, a luz parda, igual e sem profundidade, a solidão das ruas de Estocolmo ataram-me o Máximo à canela como uma grilheta. Sentia um vazio pesadíssimo. A carta que eu imaginara ser a nossa felicidade com uma tal frieza vingava, um tal ressentimento, que me sentou uma bola de ferro no peito e me tirou até, por umas horas, a vontade de ver. No final de onze páginas cerradas de azedas confissões, Máximo incluía uma lista de tudo aquilo de que dizia ter desistido por uma espécie de obrigação moral que a minha presença lhe impusera. Da lista constava o sacrifício de «nunca ver o pôr do Sol». Por fim, queixava-se da insónia que o calor induzia, do cantar de um pássaro madrugador e acusava-me de o ter arrastado sob *falsos pretextos* para a estufa de um *falso Norte*, sabendo eu muito bem que ele só conseguia escrever nas temperaturas relativas e amenas de Setembro.

Apanhei o barco para o Palácio Real. O Sol descobriu-se, queimava, e saímos para o mar. A paisagem de matos e musgos que enfeitava as costas que navegávamos converteu-se a pouco e pouco em floresta densa, de uma beleza monótona, que um ou outro passageiro filmava de pé, oscilando na corrente.

(Luisa Costa Gomes)
 04.5.48 B
 Tente, culas
 Fant. /

6. Tirada de F. Lipe

o bnd B
 Fant. /

...
 o bnd B
 Hugo Roche -
 Fant. /

o bnd B
 Fant. /
 A casa al beir de estrada
 Hugo Roche :

(Luisa Costa Gomes)
 Suplica 'Wilhelm'
 Fant. /
 o bnd B
 Fant. /
 Otri: de vassallos

v. bnd B

Máximo escrevia, com certeza, lá no sótão, os seus remoqueos. Mas foi ficando para trás, e assim me encontrei diante de um palácio pesado e rebuscado que olhava, perplexo, um lago sem vida, e atravessei um grupo de alemães róseos que esperavam o seu guia. Determinei ali mesmo que era preciso não ler por enquanto mais cartas de Máximo, e comecei a subir as escadas de mármore claro que sugeriam o avançar sobre a casca de um caracol, tão largo era o degrau, tão suave a ascensão, tão deliciosamente curva; misto fui involuntariamente seguida pelo grupo de alemães, que deve ter imaginado, à minha resolução e despacho, ser eu a guia enviada pela agência de viagens. A circunstância era propícia, o sinal evidente e afiz-me de imediato ao papel. Eram sobretudo casais de velhos sandalizados, desgovernados e sem folhetos. Num relance aos tetos pintados de frescos com cenas a atirar para o mitológico, apresentei-lhes a minha falsa identidade e pus-me a contar histórias num inglês turístico. Enquanto invento, neste hábito adquirido de ter duas vidas e duas medidas, aparece-me, e singularmente nítido, na memória, aquele louro guia australiano de óculos escuros na testa, que nos mostrara, há uns trinta anos, o *forum* de Roma.

Na manhã seguinte faltei à promessa e li a carta fresca que tinha na mesa do quarto. Esperava que houvesse alguma revisão, um pensamento mais compassivo, um recuo nas acusações descaídas que me fazia, mas nesse dia Máximo desviava-se para abordar a situação dos pais dele, cuja forma peculiar de comunicação responsabilizava pelos fracassos da sua própria vida. Eu tinha dificuldade em ajustar a imagem do casal que eu conhecera alegre e vaidoso — perenemente petiscando e cozinhando, projectando excursões em vista do petisco e coleccionando grandes livros de imagens onde ele abundava — à ideia culta e perversa desses dois artistas epistolares que Máximo queria agora recriar. Percebi que ele estava já a caminhar para a ficção autobiográfica, mas como

Ao contrário de cidades que amolecem ao calor os seus patri-
cios, e lhes propiciam sestras e descanso, Roma Antiga dá sede e
angústia. O menino fixava-me afogueado dos braços do pai, com
aqueles olhos grandes e cheios de paixão; eu levava um biberão
de água fresca e puxava cada dez metros Máximo para uma som-
bra, dava de beber ao filho, procurava localizar a *baby siter*, que
nos seguia à distância, escavacada de calor e a arrastar os pés, e
procurava a melhor estratégia para me manter no meio deles.

Estávamos a certa altura sentados num murinho baixo, que
assistia serenamente a tudo desde o tempo dos imperadores,
quando se materializou à nossa frente, como surgida do nada,
uma multidão excursionista que vinha anexa ao tal guia aus-
traliano. Pareceu-me logo um tanto excessivo o brio que ele
punha na apresentação do lugar, como qualquer outro vende-
dor ambulante, e não lhe prestei atenção. Mas Máximo levan-
tou-se folclórico para o seguir e eu segui Máximo. A rapariga
alheava-se de tudo, bebia água numa fonte. O guia desceu por
ali abaixo despachando templos e arcos e colunas. Era um guia
pós-moderno, que reduzia à expressão mais modesta os fac-
tos, as datas, os nomes, os contextos, e usava apenas a súmula
do escândalo e da violência para manter interessado o audité-
rio. Num templo um imperador violava virgens, mais à frente
corria um rio de sangue que brotava de uma cena de ciúme;
noutra porta, padeciam mais virgens e logo abaixo, uma conhe-
cida meretriz batia recordes com soldados que regressavam das
campanhas da Dácia. Toda a gente gostava destas coisas. O guia
contava-as com menções e olhava ao mesmo tempo significati-
vamente para uma rapariga que, louca de calor, lhe devolvia
o sorriso e levava à boca a garrafa de água gelada. Um homem
magro, em calções de banho, suando profusamente, comentou
para os lados da esposa que esperara melhor. Constantinopla,
disse, faz mais vista.

Diante da Cúria, pousámos. O guia deixou-se ficar um momento
de costas para o grupo, silencioso, de cabeça baixa. Olhámos
o edifício austero – uma espécie de alta capela de tijolo vermelho
escuro e em volta o vale semeado de ruína e oliveiras – quando nos
surpreendeu o *volte-face* repentino do australiano que, rodando
sobre os calcanhares, ajustando ao ombro uma toga que não exis-
tia, ergueno um braço e gritou sem pejo: *Friends! Romans! Lovers!*
Atrou-se ao discurso. Já não tinha os olhos na testa. Houve na
assembleia uma primeira paralisia, depois um entreolhar-se de
espanto e desconforto. Nos casais, o que tinha ficado com o papel
de estúpido, informava-se junto do cônjuge.

O guia despejou a primeira parte do discurso de Bruto como
quem se lança à água fria, com voluntarismo, em rápidas brça-
das de aquecimento, e sentámo-lo intimidado e temerário, afi-
nal não era um actor, apenas guia ao serviço de um hotel, e houve
simpatia e condescendência para com ele. Na avaliação conta-
va-se-lhe sobretudo o profissionalismo enquanto guia. Assim foi
que, na corrente das frases que citava, e em meio daquelas meias
colunas e restos de praças em que secavam ervas daninhas, ele
se foi tomando de verdadeiro entusiasmo pelo que dizia e após
breve pausa em que se ouviram alguns aplausos, avançou para
o discurso de Marco António diante do cadáver de César e de
Roma dividida. Agora imitava Marlon Brando.

Eu desconfiava de tudo. Não havia uma palavra que não me
soasse a falso. A pose dele, o tom, a trivialidade a que via rebar-
xada a peça e a nobreza do teatro, a falta à verdade histórica, o
contexto grotesco, a atitude complacente dos espectadores, esse
grupo de turistas que nos incluía à força, a própria água das fôn-
tes que a meu ver caía artificiosa e sem gosto. Tudo era cenário
insensível posto ao serviço de um mero espectáculo de sangue
e circo. A *baby siter* sentara-se entretanto numa pedra antiga e
abanava-se, ausente, com a mão.

(1.1.1974) e 2.5.1974 B. emt → Fant /
Tent, culs

: 2.1.1974 Filipe de 1974 6.

o 1.1.1974 emt → Fant /

... 1.1.1974 de 1974 0
: 1.1.1974 Roche

o 1.1.1974 Teme → Fant /

trava de 1974 A casa de 1974
Fugo Roche :

(1.1.1974) e 2.5.1974 B. emt → Fant /

o 1.1.1974 de 1974 0
: 1.1.1974 Roche

1.1.1974

Olhei então para Máximo, querendo partilhar com ele o que sempre nos fora possível partilhar, o patético da situação, o carícató deste homem que tirou os óculos da testa para declamar Shakespeare e imitar grosseiramente Marlon Brando, ao sol do meio dia na excursão ao *forum* de Júlio César. Mas o guia avançava cada vez mais devagar e sonhador no restolhar das frases, saboreando a frescura e a doçura a que se ia acolhendo. E quando me volto, vejo Máximo comovido como nunca antes e deslumbrado, com o filho bem assente nos ombros, e ambos sem peso e sem medida, quase voando sobre os templos e as basilicas, unidos como um animal mitológico, na mesma esperança destemida e simiesca dos anões aos ombros dos gigantes – e isso provoca-me directamente, a beleza irrompe no mundo e apresenta-se perene e verdadeira, muito para lá das meias colunas e da erva seca, do guia, e do medo da viagem e do fracasso.

Era esta a imagem de Máximo no seu esplendor que me assombrou sem eu tomar dela consciência no Palácio Real e o meu segundo discurso na sala da lareira já compreendia um intuito transportador. Máximo teria de voltar, a cavalo nos meus discursos, ao lugar onde pudera ouvir maravilhado as razões de Bruto e Marco Antônio. E isto deu-me afinal o alento que me tinha faltado para não ler as cartas – que se iam espalhando no meu quarto por cima dos móveis, marcando raivosas os dias todos.

Nessa manhã eu visitara um museu extravagante, construído em volta de um imponente galeão que naufragara, desequilibrado, vergado ao próprio peso, no cais de onde partia. A tripulação do *Vasa* levava as mulheres, era a viagem inaugural, pelas ilhas diante da cidade. Diz a notícia que morreram trinta pessoas e o gato de bordo. Três séculos depois puxava-se do mar a ruína intacta. Subi a espiral do corredor que circunda o salvado e achei-me ao muro de onde se vê, numa primeira etapa, a proa imensa trabalhada de baixos-relevos, mais acima o casco

escavado de portas da bateria por onde espreitam canhões, e por fim o convés lavado e esfregado como no dia da partida. Pensava no que diria a Máximo mais tarde, hesitando entre a forma da palestra e a do sermão. Queria falar-lhe sobre o que constitui e não constitui uma *situação*. Mas na realidade, no íntimo, eu já descreia dos tópicos.

Estava de tal modo absorta na minha hesitação, que me deu para ir atirando da carteira, para o convés do *Vasa*, de uma altura de uns cinquenta metros, os itens que lá se encontravam pessoais. Comecei por lhe lançar um bilhete de teatro, há muito fora de prazo, rasgado em pedacinhos, que pouseu disperso sem acertar uma única vez no casco. Na minha imaginação, eu estava debruçada como que sobre o poço dos leões, a ver um grande navio infecundo e morto, icado das profundezas, incapaz de sobreviver à humilhação daquele naufragar diante de todos, afundado ao peso do erro na proporção, depois da expectativa do império e do triunfo na longa guerra, agonizante para sempre, condenado à limpeza e à relucência. Atirei-lhe um maço vazio de tabaco, atirei-lhe um *báton* do cieiro, atirei-lhe as chaves de uma casa a que não queria voltar. Juntava-se gente para me ver sujar. Mas os seguranças não sabiam como agir, não lhes ocorrera nunca que alguém pudesse querer conspurcar uma relíquia. E eu percebi, pelo exercício, pela ejeção, e pela saudade que me causava cada item descartado, que talvez não bastassem os discursos. Lembra-me de Máximo sentado na sala da lareira, rodando o tronco devagar até ficar virado a três quartos para mim, e puxando discreto de um caderninho onde anotava frases. Depois, quando eu me aproximava em *decrecendo* do final da palestra sobre a *situação*, que nos deixava a ambos numa penumbra de paradoxos, ele levantou-se em silêncio e deslizou para fora da sala como uma sombra.

Nessa mesma tarde em que voltei do museu do *Vasa*, comecei por lhe mudar a disposição dos móveis no sótão, não animada

(L. Costa G.) e 45 (L. Costa G.) emt → Fant /
Tent, culs

: 6. Trindade

o bndp → Fant /

... ptog do bndp o
Hugo Roche r.

o bndp → Teme → Fant /

ptog do bndp
A casa de bndp
Hugo Roche :

(L. Costa G.) e 45 (L. Costa G.) emt → Fant /

ptog do bndp
A casa de bndp
Hugo Roche :

maneira, nem tem o mesmo significado. Vive sempre agora, já nem tenta lembrar sequer o que fez ontem, o que será amanhã. Foi esta convicção que me decidiu a mentir-lhe. Pergunto-me agora de onde viria esta quase delinquência que me fazia roubar e sujar e mentir. Não sei explicar. Talvez tenha uma certa facilidade em aborrecer-me sozinha.

Convidei Máximo para um passeio no bosque, ali nas imediações da casa, antes do jantar. Estranhamente, ele acedeu. O Sol rompera forte ao fim da tarde e inclinado tornava cada erva, cada baga, cada tufo de musgo, volumoso e nítido. O verde daquelas paragens é aberto como o dos choupos, dos salgueiros, e dá a sensação, se formos pelo meio dele, de caminhar nos debaixo de água. Talvez porque a ideia lhe agradasse, ou talvez por medo, o facto é que Máximo me pegou na mão a certa altura e seguimos calados, ele displicente no pisar do mato, eu como sempre alerta para as suas várias dimensões, espianando a vizinhança, batendo o pé para afastar as viboras, distraída com alguma suspeita de mosquito, ou a colher um ouriço de castanheiro. Em simultâneo magiçava no *incipit* da palestra seguinte, que resolvera antecipar para aquele momento mesmo. Não haveria afinal propriamente um tema, seria um género de conversa, para a qual Máximo contribuiria meramente com a presença e o assentimento. Chamo-lhe primeiro a atenção para a inclinação do Sol, já reveladora do fim do Verão, e para o verde amarelado de folhas que murcham e de caminhos que se tornam de novo selvagens; indico-lhe as primeiras névoas no ar; a dificuldade de ver ao longe; um certo calafrio acolhedor; tudo anuncia a renovação do Outono, prenuncia o Inverno, e sinto nele o medo de se perder. Não que se aproxime mais de mim, contentar-se-ia, julgo eu, com o calor de um bicho. Mesmo ali, dentro da minha mão, a ouvir-me, ele consegue estar ausente. Senta-se por fim sobre um tronco decepado, atenta no chão que não seca nunca, molhado pela cacimba que cai todas as manhãs.

- Passa depressa o tempo aqui na Suécia.

O que me dá a ideia de que ele está mais que pronto. Que se rendeu ao inevitável. Faço-lhe o jantar, e ele remexe-o no prato, franzido, fechado, num halo de pena e desperdício, o grosso lábio inferior descaído no seu amuo de décadas, a cabeça inclinada para o peito, o cabelo grisalho ralo com uma risca ao lado, uma risca que se alarga com o hábito de um mesmo apartar-se.

- A necessidade mantém-se - digo-lhe eu - e a vontade foi-se. A vontade é pouco popular. Mas repara que comer sem apetite é coisa bastante filosófica. Porque podes não ter vontade de comer, mas tens de comer, se não morres. Comes porque eu preciso de ti vivo.

E ele deve ter sentido estas palavras de uma maneira qualquer tremenda, como se eu falasse de um pedaço de boi de que me vou alimentando, porque se levantou de repente, me olhou com nojo e saiu da sala. Eu achei que não havia lugar para explicações e recolhi-me de seguida. Não me privei foi da sobremesa, essa é a única lição de vida que vos posso deixar.

Pelas minhas contas, Máximo escrevera nessa tarde a décima primeira carta e não o digo com a antecipação e o entusiasmo de coisa aguardada como a revelação de algum segredo que me resolvesse tudo. Era a décima primeira carta, a que eu supusera, assaz especulativamente, ser o termo de um processo. Mas não é, na verdade, pergunto eu agora, o termo de um processo o meio de outro processo, o princípio de ainda outro processo? Assim, sem indevida esperança, sentei-me confortável na cama para ler.

Somos grandes amigos, o sono e eu. Vemo-nos é pouco. Oigo dizer por aí que contempla gente pelo mundo fora, visitando-a, demorando-se, eu próprio vejo muitos dormirem, oito horas seguidas, e mais. Parece que é um dom, como o dom das lágrimas. Uma graça concedida.

(L. Costa G.) 0.5.4.8.2.1 Fant. → Tem. → Fant. /

Tem. → Fant. /

6. Trindade Filipe

→ Fant. → Fant. /

... ptog op apeda o
Hugo Roche r.

→ Fant. → Tem. → Fant. /

Hugo Roche :
A casa al beira de espede

(L. Costa G.) Fant. → Fant. /

Atm. de casamento :
a fome duracão

Perguntas-me, na entrelinha, como passo os meus dias. Pois bem, passo-os a preparar-me para dormir. Tudo se dispõe na minha vida em função das poucas horas de sono que me são dadas, ou que eu consigo arrancar a um cérebro preocupado e malsão. Não fumo, não bebo café, não como carne vermelha, não tomo drogas e não participo em actividades irritantes - incluindo obviamente a televisão e a conversa de chacha. Aqui chove sempre, o que torna o diálogo sobre o tempo ainda mais insuportável.

Podes, por isso, compreender que para mim o bom livro só possa ser aquele que faz dormir. E não é líquido qual seja ele, não por ser assunto sujeito a muita variação - de humor excitável, de conjuntura barométrica, e outras - mas, ao contrário, porque a leitura é, na essência, activante, ou transportadora, como dizes, ou motora, ao contrário da televisão que é, e numa mistura que sempre me deixa perplexo, sobretudo no que diz respeito ao zapping, a um tempo passivante e enervante.

Para cumprir a sua missão, o livro não pode ser muito pesado, porque se passar do quilo e meio já magoa o esterno. Não pode ter capa dura, por maior de razão, nem ângulos aguçados. A capa tem de ser atracente, equilibrada, adequada ao conteúdo. O mais importante é que não fina a vista e não ponha problemas ao intelecto. A letra, no corpo do livro, tem de ser cómoda, amigosa, generosa. A entrelinha confortável. A mancha idem. (A propósito, o teu Verdana é bem esquisito! Eu estou no Bookman Old Style, mas não discuto preferências, aliás penso que serão passageiras). As margens da página devem ser bem medidas, avenidas espaçosas como na antiga Sampetersburgo, com muita lata versta. (a versta tem ar de ser mais comprida que o quilómetro, aqueles miujiques fartavam-se de andar nos livros russos) mas ao mesmo tempo sóbrias, com um desperdício bem calculado, que não seja o do construtor civil bem sucedido e sófrego que apalaca espaços, mas o do mestre calhno que denegar lá vai ao longe. Esses livros que amontoam letras e letras numa página, numa ânsia de serem lidos pelo que dizem, são cá de uma arrogância! A ideia a dar, em todo o lado gráfico, será a de que se trata de um livro, sim, e por isso é preciso ler o texto que as letras formam, mas que cada página é uma página. Porque isso é que é bom, isso é que faz dormir. Não se chega

a criar aquilo a que alguns teóricos chamam a vertigem para o fm. Porque começa a ler, no livro, a história - e pronto, não consegue adormecer. Dá-te espertina. Não, o livro perfeito é o livro que ninguém lê.

Suponho que brincas com a minha situação quando dizes que a «figura da ilha deserta caducou». Vê-se bem que não conheces Santa Maria dos Açores no Inverno. A escola é limpa e asseada, como se dizia dantes, os alunos andam meios perdidos, meios passados, mas igualmente limpos e asseados, e com o pequeno-dimogo tomado, o que não é dizer pouco com essa desgraça que por aí vai. A casa já está mais ou menos arranjada, ainda correm correntes de ar, claro, mas o vidro está posto na bandeira da porta e conforta-me saber que nestas duas últimas semanas fui visitado respectivamente por um pedreiro, que arranjou primorosamente o lave-loicas, um vidraceiro, que apenas numa tarde das duas às seis colocou, retirou, voltou a colocar, e voltou a retirar e assim por diante, o vidrinho da bandeira da porta, e um homem indescritível que me queria vender paramentos e benzeduras com a respectiva bolsa de milagres.

Vieio agora ter comigo uma vaca. Não sei muito bem conversar com animais. Provavelmente comentaria a ruminante que hoje choveu mais (ou menos) que ontem. Uma notícia importante: chegou hoje, no ferry de S. Miguel, o meu segundo psicoterapeuta. Ele ainda não sabe que o é, e eu só sei da existência dele pela encimada referência do meu primeiro psicoterapeuta, que disse:

- Esta ilha se não fica currada, não será por falta de médicos.

De facto, chegam e sobram para os quinhentos habitantes que sofrem, sobretudo, de falta de televisão por cabo. E eu, insono, numa ilha deserta. Se não é isto fantasia de bibliómano, não sei o que seja.

Li, uma atrás da outra, na ordem inversa pela que tinham sido escritas, as cartas de Máximo, que me fizeram muita companhia. Depois, apaguei a luz. A noite estava serena. E mesmo sem Lua, por um fenómeno qualquer excêntrico e semi-polar, tudo brilhava numa luz quase fluorescente, lá fora e dentro do meu

(Luisa Costa Gomes) emt - Fant /
Tens, culas

: p. Filipe Pedreira 9.

o livro emt - Fant /

... p. Roy do livro 0
p. Roy

o livro emt - Fant /

o livro emt - Fant /
A casa de beira do mar
p. Roy

(Luisa Costa Gomes) emt - Fant /

o livro emt - Fant /
o livro emt - Fant /

quarto. Ouvi Máximo, no sótão, tossicar umas duas ou três vezes. Queria dizer que dormia. Só no sono é que ele se permitia tossir. De manhã, levei-lhe o café, ele ressonava de boca aberta, rendido, um pé branco fora do lençol. Na bandeja do pequeno almoço, incluí um quarto de folha dobrado ao meio. Eu sempre escrevi em maiúsculas, porque escrevi sempre pouco. Dizia: «CHEGOU SETEMBRO.»

A BOA MÃE

A boa mãe não larga o filho dos olhos. Para onde quer que ele vá, acompanha-o o sorriso imutável, como um desenho fixo de nuvens no céu. Também nisto afronta a sua própria mãe, que a largava na vastidão da areia, adormecendo ao sol ainda de cigarro descaído ao canto da boca, os óculos escuros de banda, virada de costas para o mar. Deixava-a ir, perdida, buscando reconhecê-la em cada novo estranho. Chegou a confrontá-la com essa imagem cruel um dia, mas a mãe não se reviu em tal papel. Encolheu os ombros, puxou uma fumaça e chamou-lhe coitadinha na sua voz troante.¹

¹ A boa mãe omite o seguinte episódio: «Num mês de Inverno, teria uns seis ou sete anos, anunciou à mãe dela que lhe ia pintar o retrato. A mãe apagou o cigarro, acendeu a luz do candeeiro de pé e fez pose. Ela demorou um bom quarto de hora a reunir o material de desenho, os lápis de cor que só usava em momentos especiais, o bloco novo, e andou ali de volta à procura do melhor ângulo. Depois obrigou a mãe a estar quieta – e Deus sabe como lhe custava, que queria começar o jantar e fazer uma máquina de roupa – e trabalhou no desenho com aquela concentração maníaca que punha em todas as actividades. A certa altura a mãe começou a dar mostras de impaciência, enquanto ela desenhava e apagava; e desenhava e apagava e à medida que se lhe revelava a imperfeição da sua técnica e se apercebia da distância entre o original e a representação, impacientava-se, angustiava-se e chegava a tremeter de raiva. Finalmente, acabou. Ou desistiu. Não queria mostrar o resultado. A mãe, com artes de sedução, conseguiu tranquilizá-la suficientemente para que a deixasse ver o retrato.

(...
 Fant. → Teme Espago
 Teme, culas

6. Trindade Filipe
 Fant. → Teme Espago

Hugo Roche r.
 Fant. → Teme Espago

Hugo Roche:
 Fant. → Teme Espago
 A casa al beir do estado

(...
 Fant. → Teme Espago
 Fant. → Teme Espago

Fant. → Teme Espago
 Fant. → Teme Espago

a possibilidade de um dia ela lhe vir a faltar, as lágrimas saltavam como fúrias. Tentara com a filha o mesmo amor sem condições que a ligava a sua mãe. O resultado, inexplicável, era esta agressão, que a desencorajava a ponto de perder o pé dentro de si própria.

Catarina em tudo considera criticável sua mãe, que em tudo implícita e explicitamente se sente criticada e pensa (embora saiba que esta filha tem o poder especial de lhe ler o pensamento) não se coíbe de pensar em criticar à filha a sua crítica. Por isso, nem se defende já, não julga poder mais que seduzir brandamente a menina para lhe aplacar a fúria judicativa. A amiga da mãe, deitada na areia de barriga para baixo, crítica em pensamento mãe e filha. Quando fica a sós com a mãe, diz-lhe não compreender como é que ela, mulher tão inteligente e independente em certas coisas, se deixa assim mortificar por um miúda de treze anos.¹ E quando, a molhar as pernas para mitigar as varizes desfeantes, recebe as invectivas da filha contra a mãe que não se atreve a sair da sombra, não resiste no entanto a sentir um prazer de confidente, e a concordar com a mocinha em quase tudo. Pensa na sua própria mãe, fria como a água, que ameaçava deixar de lhe falar de cada vez que ela ameaçava sair de casa da família.

¹ Catarina não deixa de frisar que falta apenas um mês para os carorze. E a mãe sorri e faz-lhe uma festa no cabelo. Ao que ela riposta: «Nem penses que vai haver festazinha de família.» Quer ir para a discoteca com os amigos. E isto, pensa a mãe, em retaliação do seguinte episódio que lhe contara: «Eu ia ali a chegar à 5 de Outubro. Uma mulher parou ao meu lado no semáforo, baixou o vidro do carro e perguntou se eu sabia onde ficava o Hospital Particular. Mas é exactamente onde trabalho, disse-lhe eu, venha atrás de mim. Assim que arranquei, dei com um sentido proibido novo que me obrigou a virar onde eu não queria, entrar por uma rua, voltar de novo à direita e encontrar um troço em obras, e tudo isto com a mulher no outro carro atrás de mim. Detesto que me vejam falar. A mulher devia pensar que eu estava louca. Digo-lhe que sei onde é o hospital, sugiro-lhe que me siga e depois desato às voltas... Começo a ter medo de a perder. E olho, ansiosa, pelo retrovisor, num semáforo improvisado noutra sítio em obras, a confirmar se ainda me segue. Confundo o carro dela com outros, da mesma cor, do mesmo tamanho. E claro, lá chega uma esquinha em que eu a perco, ou ela desiste, ou é convocada por outro condutor.»

(...
 e 4.5.4088) em t. → Fant.)
 Tens, culas
 6. Thirde de Filipe
 o h b p b → t. Fant. /

...
 p t o y o p a p e c a r
 Hugo Roche r.

o h b p b → t. Fant. /
 Teme
 Hugo Roche:
 A casa de beir de es n d e

ca r a c e m e r
 e p e l o w i l h e m s
 Fant. → t. Fant. /
 a t o r i a d e a s a m e l o
 a t o r e

Numa grande toalha azul,¹ já a subir a duna, deita a mãe o seu bebé todo besuntado de creme branco. Debaixo do guarda-sol fica o estendal de sacos térmicos – um deles só para a garrafa de água pura, destilada e duas vezes fervida, com que se lavará a chupeta, em callhando cair na areia repleta de vida vil. Sacos de algodão, fraldas de pano, brinquedos de barulho, coisas de roer e outros itens que apenas servirão no futuro, como a pá e o ancinho e o baldinho, atestam que *bebé* é um conceito dinâmico, em que tudo pode acontecer a qualquer momento, quer por parte de uma realidade exterior imaginativa e o mais das vezes adversa, quer vindo de uma realidade ebulliente que pode decidir levantar-se e andar, ou falar filosoficamente, ou pôr um problema técnico qualquer para o qual não se está preparado. Fica-se interdito ao pensar como foi possível àquela mulher caminhar pelas dunas ajudada de tanto peso. Mas apesar de estar assim rodeada de utensílios e acessórios, que pareceriam ao olho nu manifestação de insegurança, Berra sente-se, à partida, imortal. Aceita, meramente para despistar a contínua avaliação da mãe, rodar-se desertes sinais de que está ciente dos perigos, se informou das precauções, e não lhe importa ter de provar as competências. Sabe-se no íntimo e tão certamente como estar ali naquela praia naquele momento, invencível. Sozinha com o filho, abandona-se à mais selvática, animalasca adoração.

A uns passos, espalhada na areia caótica, uma família de quatro – pai, mãe, dois filhos machos – discutem o jogo de domingo. E quase em cima destes, numa triangulação por certo involun-

¹ Prenda da madrinha do menino, em bom turco do *El Corte Inglés*, o toalhão servirá até aos cinco anos, passando os Invernos na arca para onde o pai atrá tudo o que lhe lembra o Verão. No primeiro dia de praia é retirado e posto ao sol para arejar os fungos. «Para qué lavá-lo? – pergunta o pai. – Foi lavado antes de ir para a arca.» Apanha-o do estendal e «arruma-o» bem no fundo da gaveta. É assim que cria as condições para uma conspiração com a empregada, que acabará por esquarterjar o toalhão numa certa manhã em que apanha Berra Manfredi desprevenida. «Era só uma toalha velha», dirá a sonesa, brasileira. E Berra tem vontade de a estrangulá-la.

tária com a mãe do bebé, beija-se demoradamente um casal de muito jovens namorados. A mãe de Mara tinha-a preparado desde muito cedo para os sustos da puberdade. Entretivera a filha com bibliografia variada, começando pela filogénese, para chegar à fêmea contemporânea; incluía uns manuais ilustrados sobre o sexo dos 10 aos 13 e dos 13 aos 15. E poemas de amor, também lhos dera, do Camões e do Neruda, para cobrir a parte emocional. Converteva «abertamente», como ela própria dizia, sobre sexo e comentava com picante quase todas as situações da vida comum. A Mara ficava capaz de se enfiar pelo chão adentro quando a mãe lhe dizia pénis. E o desembarço com que ela se referia às coisas privadas das mulheres dava-lhe uma náusea de despeito. O que Mara sentia pelo Carlos não vinha descrito em lado nenhum. Queria literalmente comê-lo aos bocados – começando pelo lobo da orelha feita. Pensava que primeiro teria de lhe rapar o cabelo e os pêlos que nos rapazes crescem por todo o lado, e depois comê-lo, como um cacho de uvas, sem descascar, cuspendo as gralhadas no final. Não percebia como é que ele não dava por isso, embora por vezes se ela se entusiasmava como agora, e se colava a ele macerando-lhe o pescoco – ele se afiasse um pouco, a rir, e a olhasse nos olhos como quem quer adivinhar. Mara ficava a ponto de o admitir, mais cedo ou mais tarde teria de lhe confessar o intento incontável.

A mãe deita a cabeça no côncavo do ombro do bebé. Vai ser alto e forte. É o bebé mais bonito que já alguma vez foi feito. Tem a cabeça redonda como uma laranja. É uma grande proeza ter um bebé assim tão bonito. Até a mãe dela parece invejar-lho. E todas as outras mulheres, quando passam, rapidamente à beira-mar, e mesmo se não passam, lhe espreitam o bebé de longe, lhe invejam aqueles olhos azuis. Descrever o seu amor pelo menino? Não é possível. Não há medida. O tempo que demorou escolher o nome. Não era um Vítor. Não era um Lourenço. O que era, então? O bebé esperecia de contentamento, agita as mãos

no ar, e arrulha. Vira-se de repente e abocanha o nariz da mãe. Já tem dois dentes. A mãe ri-se alto, o bebé continua a morder-lhe a cara, sério, grave, com os olhos muito azuis postos no céu.

A mãe de Mara refere-se-lhe sempre como «a minha filha» ou, em momentos de maior ternura, sobretudo quando fala com a mãe dela, «a minha Mara». Nunca diz, como Mara acha que ela devia dizer, simplesmente, «a Mara». Porque «a minha Mara»? perguntava ela, quezilhenta, insaciada, a Carlos naquele momento. Carlos nunca sabe o que lhe há-de dizer. Não tomou propriamente a decisão de se calar, não teve foi alternativa. Mara puxava-o para o meio de conflitos de que ele nada conhecia. Sua própria mãe era mulher plácida, que parecia ter entrado em hibernação a partir do momento em que ele deixara de mamar. Agora sente uma contracção de nojo na boca do estômago quando faz essas contas – mamou até aos três anos de idade, há doze anos ainda mamava. E afasta-se de Mara, propõe um mergulho. Ela levanta-se de um salto, calcula que a actividade e a água fria lhe hão-de espantar os desejos.¹

Elas estão agora sentadas lado a lado na areia, muito juntas na mesma toalha, enquanto a amiga, dentro de água, cumpre a sua obrigação para com as varizes. Odeiam em conjunto a interferência dela, têm ambas ciúmes da amiga da sua solidão. A mãe não se atreve quase a respirar, porque sabe que a tréguia passa depressa. Pelo canto do olho observa a sua pequena Catarina, tão perfeita, o longo cabelo liso, a pele morena e unida, os dentinhos que felizmente não precisam de aparelho, e enoja-a o velho que passa panchudo e deita o olho à menina. O nojo pelo velho comunica-se a Catarina que faz um esgar e se abraça a rir a sua mãe.

¹ Para Carlos tudo isto é novidade, Mara é a sua primeira namorada a sério. «A sério» é expressão dela, apanhada nas conversas que ouve a mãe ter ao telefone com as amigas. Ele deixa-a conduzir as actividades amorosas e mantém um perfil bastante discreto, esperando, como ele próprio diz, «não meter muita argolada». A Mara, sempre que ele diz coisas que lhe ferem a sensibilidade, beija-o para o calar.

(... (Sergio))
o. (Sergio))
Tema, tema

: 6. Tirada de

o. (Sergio))
Tema → Tema /

...
o. (Sergio))
Tema → Tema /

o. (Sergio))
Tema → Tema /
A casa de beir de esada
Tema → Tema /

o. (Sergio))
Tema → Tema /
A casa de beir de esada
Tema → Tema /
o. (Sergio))
Tema → Tema /

E surpreendê-la-ia, de certeza, à mãe temente e só, ouvir o que lhe diz Catarina em pensamento.

A mãe de Berta Manfredi, rebelando-se contra o marido que assim obrigava a filha de ambos a carregar pela vida fora um nome de trapezista, chamou-lhe desde sempre Belita, em memória de uma prima de infância que se metera a religiosa num convento. É verdade que essa prima a irritara em menina, com a sua santidade, e porque ciciava a rezar o terço, mas esquecera-o, para se lembrar apenas da liberdade de que a outra gozaria entre as freiras. O Dr. Manfredi tinha pela mulher uma paixão que ele classificava de carnal e, por isso, involuntária e absoluta. Era um amor baseado na posse, respectivo ciúme e no conflito de interesses. Mília Manfredi dizia desprezar esta espécie de amor, que lhe parecia humilhação. Berta alheou-se das querelas entre os pais – dois titãs envolvidos numa aura de tensão sexual – cumpriu os protocolos da piedade filial, tirou o curso, arranjou o emprego numa secretaria do Estado, casou-se, e tudo isto num halo sonâmbulo, povoado de paixões por gente inventada a partir de desconhecidos que encontrava nos trajectos de autocarro. A gravidez fora normal. O parto, normal. Depois, isto.¹

¹ O ciúme do Dr. Manfredi não era, aliás, totalmente infundado. Mília Manfredi, conhecida por *Vírus de Mília* Manfredi no serviço da Polícia Judiciária que secretariava, apaixonou-se a partir de finais dos anos setenta por uma cadeia de oficiais italianos, da que foi primeiro elo fundador o Capitão Bolloni. Este oficial esteve envolvido na busca internacional de um perigoso brigadista que se acoitou em casa de M. M., à Castelo Branco Saraiwa, em Lisboa, onde passou umas dias semanas a comer e a beber. Estou mesmo na disposição de especular que terá sido este Capitão Bolloni, se não o incitador, pelo menos o involuntário causador de uma desagradável operação de chantagem de que foi vítima, uns anos depois, vivendo naquela mesma casa. Mas voltando à Mília: os seus trevarios amorosos não a impediram de ser mãe presente e razoavelmente severa, espiunhando à filha dias de saída e horas de entrada em casa, notas mínimas a obter em disciplinas e objetivos domésticos a cumprir. Para todo o resto da vida familiar amparava-se numa criada herdada da mãe. A filha desta criada que, nessas piorescas ramificações familiares ainda tão comuns em Portugal, era afilhada da mãe de Mília, fora educada quase como meia-irmã desta, e fazia também por vezes de concubina do dono da casa, quando Mília se encontrava em fases de trabalho intenso. A severidade de Mília era com-

O Jerónimo, entretanto, desafiou o pai e correu à frente dele para dentro de água. Mas ele fica à beira-mar cheio de frio, curvado, encolhido, o vento não o deixa ser aquela pessoa fável que joga à bola e aguenta um bom quarto de hora de raquetes com a mulher, enquanto o miúdo arbitra. O vento é mais uma das hostilidades com que tem de arrostar. Tudo se tornou difícil na vida dele, sobretudo o silêncio aflito da mulher. Lembra-se do razoado constante de sua mãe mínima, vestida do que ela dizia ser preto e já não era, porque não via bem, sempre preocupada com vizinhas e senhores, quando ele a visitava uma vez por semana e ela lhe mantinha quente o jantar à antiga, prato sobre a boca do tacho no lume do fogão, e o alimento vinha morno e ressequido, e ele acabava por beber bastante mais. Não conseguira protegê-la, deixara-a morrer às mãos das outras velhas.

A boa mãe cumpriu – e com que magnífico escríptulo! – todos os deveres que havia. Seguiu o programa das ecografias, refletiu longamente na escolha do médico e do hospital. O quarto do Pedro esteve a ponto de nunca ser inaugurado, tal era a preocupação no pormenor. A cor era determinante, há amarelos que excitam e verdes que deprimem. Há elefantes que assustam, há ursos que dão pesadelos. Cortinas? Criam pó e dependência. Ou, pelo contrário, serão tão necessárias como o leite materno? O espaço devia ser todo preenchido, para haver uma sensação uterina de enfaixamento, de acompanhamento? Ou deixado vazio, e livremente colorido só com a imaginação da criança? Realizado na certeza de todas as consequências, e mostrado à família e amigos, o quarto foi depois fechado e abandonado. O Pedro dormiu sempre no quarto dos pais, na sua alcófnha, a meio da cama de casal, e mais tarde, quando já andava, enrolado aos pés da mãe. Ela sabe que plenamente desperdiçada em Berta, a quem um amigo uma vez fez esta bem achada proposta de análise: «Se te dão um jardim inteiro para brincar, tu deixas-te ficar a um canto, e dizes: Obrigada, não se preocupem comigo, já me chega este bocadinho.»

(... (Saraiva))
 o 2454888 Berta temente → Fant. /
 Tensas, culas
 o Saraiva temente → Fant. /
 6. Trindade de Filipe
 o Saraiva temente → Fant. /
 o Saraiva o Saraiva
 Hugo Roche r.
 o Saraiva temente → Fant. /
 A casa albeir de estado
 Hugo Roche:
 o Saraiva temente → Fant. /
 o Saraiva temente → Fant. /
 o Saraiva temente → Fant. /
 o Saraiva temente → Fant. /
 o Saraiva temente → Fant. /

está a fazer tudo como deve ser, embora sinta que lhe escapa sempre qualquer coisa. A sua fantasia é preventiva, fundada no imenso crime da sua própria mãe. Lembra-se apenas de a ver exclusivamente ocupada com o pai, para quem cozinhava, para quem se vestia, para quem se pintava, por quem chorava, por quem fazia o esforço de não chorar. Olhando o Pedro bem protegido do sol, feliz, a correr na praia, a brincar na água, sem medo, sem ressentimento, a boa mãe pensa para si que viveu de restos até lhe nascer aquele filho. E olha para a sua vida toda como uma coisa secundária passada numa franja distante, subitamente caída em si e revelada, triunfal.

O vento amainou entretanto e o céu toldou-se de repente. O ar fica pardo e a luz caprichosa, furando aqui e ali a abóbada cinzenta que põe a água prateada, incerta, com manchas de verde muito claro, de verde chumbo, de mercúrio, e oleosa como o dorso de uma baleia. E num instante está tudo coberto de garvotas que aos gritos se despenham na maré baixa. Muitas pousam na água, no meio dos banhistas, e disparam outra vez nervosas para o céu. A boa mãe sobressalta-se no devaneio e distrai um segundo os olhos do filho para observar os feios pássaros feroces. Daí parte sobre as ondas, para os efeitos da luz, e estende as pernas, e suspira. E já não volta. O Pedro baixa-se, arrebanha uma mão-cheia de areia e atira-a à cara da mãe. Ela leva as mãos aos olhos, corre para dentro de água. O Pedro ouve-a, affita, a molhar a cara, enrola-se na toalha dela, depois atira-a para longe e deita-se na areia a olhar para o céu. Entretanto, desanuviou.¹

¹ Como estava, aliás, previsto. A boa mãe reage mal ao tempo instável. Parece que não consegue formar certeza: Nascida de cesariana em pleno e escuro Inverno, pretere um sólido dia de chuva a estes ventos revoltos. Chegou a arranjar alergias graves, que a mantinham de cama a injecções de cortisona, no princípio da Primavera e do Outono. A meteorologia fora uma das inúmeras paixões, mas aos treze anos aspirava já ser astronauta, depois de ver o filme *Os Elétros*, apaixonada por Ed Harris (e não Sam Shepard que, no entanto, era mais dirigido ao público feminino). Logo depois, descobrindo profunda incompatibilidade com a Matemática (apodava o seu amor pela abstracção de «platonico»), decidiu-se com a mesma violência pela Teologia, de que não tinha uma

Pelas cinco da tarde a praia é inundada de bebés. Chegam de todos os lados, descem as dunas ao colo das mães, às costas dos pais, espreitam das cadeirinhas; os que sabem andar, correm para a água, amparados na própria velocidade que vão ganhando na descida. Espalham-se pela areia rija da maré baixa, protegidos pelos panamáis, equilibrando-se nas fraldas, pesos injustos para quem já tem tanto que pensar. O vento pára de repente e o ar torna-se doce. As mães seguem-nos, firmando bem os pés na areia, algumas já de esperanças de outros filhos e, gravitando à volta deles, vão sendo atraídas também para as órbitas das outras mães, de modo que a praia a essa hora é um sistema planetário em que tudo gira em torno dos bebés. Um deles, de passo ainda muito vago, vai pela mão da mãe molhar os pés e caminha de cabeça baixa, interessado no que vai pisando, uma ou outra concha que lhe faz cócegas, coisas escuras, sombras de salvados, e ao levantar a cabeça fica pasmado com tanta água, aponta o dedo, olha para a mãe, pede explicações. E outro faz com o mar uma dança amorosa, com as mãos chama a onda até si, e enquanto ela sobe, ele recua no seu passinho, como se

ideia muito exacta, pelo Direito e pela Filosofia. Tem de se admitir que teve paixões absolutamente clássicas. Nunca se lembrou do Design de Moda nem de Engenharias esquisitas. Chegando o momento de decidir, usou o prático sistema da Exclusão de Partes, afastando os amores não correspondidos por disciplinas avulsas e toda a área das Ciências e das Artes e enveredando pelas Línguas; optou pelo Alemão, única alternativa que lhe oferecia algum *catch* e parecia a Matemática das Letras. Assim chegou a ser excelente intérprete, até ao nascimento do Pedro. Recusou depois o convite para trabalhar no Parlamento Europeu. A mãe, Georgina Pires, uma mulher forte e extremamente paciente, que se lhe dedicou de corpo e alma sem, no entanto, morrer de amores por ela, fez o que pôde para aturar a infinita variação de humor da filha que ela considerava em público, com verdadeiro amor de mãe, como firme e determinada. *Sofronice* dizia «casemuita». Contava Georgina à própria mãe: «Veja lá que hoje quis que eu a fosse inscrever em Belas Artes, virou-se para mim, com aquele ar dela, absolutamente decidido, que não admite contradição, eram umas sete da manhã, e disse: "Nasci para a pintura. É o que eu sou, é o que serci. Reconheço que será uma carreira difícil e cheia de obstáculos, mas ó mãe, tenho a certeza absoluta de que é isto que eu quero!" E a cara dela, mãe, os olhos dela! Negros como tijolos a arder! Uma intensidade! Ontem era Enfermeira, queria ser a Florence Nightingale! Só tenho medo é destas setas, se a apanham, chamam-lhe um figo.» A mãe ria-se: «B tu, foste?» E ela: «Às Belas Artes? En? Para quê?»

(Luisa Costa Gomes) em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

o livro, em Fant. /

ele mesmo a deitasse e acomodasse na areia, quase se imagina que lhe pudesse dobrar o lençol debaixo do queixo, depois baixa-se e passa-lhe a mão no dorso e manda-a outra vez embora e recomeça. Já sabe, tão pequeno, que o mundo é feito de ferida e separação. À beira-mar prossegue a correria dos bebés, libertando-se primeiro das mães em direcção às ondas que chapinham, e ao encontro de cães e de meninos, de pessoas, de rochedos, de túneis escavados e de castelos construídos, e de volta às mães a quem se agarram ou a quem arrastam, conforme o que viram e o que por lá viveram, no volteio que anuncia o fim da tarde.

Mara e Carlos abraçam-se dentro de água. Ele leva-a ao colo até quase perderem o pé, depois deixa-a a flutuar, afasta-se e mergulha. O nadador-salvador, quando ele emerge, segue-o com os olhos, puxa uma fumaça. Começam a chegar os roncoss dos tractores que vêm receber os barcos da pesca. As mães pegam ao colo nas crianças pequenas e avisam as outras. Mostram-lhes os barcos ao longe, de popa e proa alçadas, um deles branco e vermelho, outro azul e amarelo, pintados como brinquedos. Os dois tractores param à beira-mar, afastados uns quinhentos metros, e os homens, bem-dispostos, saltam para a areia e deitam o vinho em copos de plástico. Comem pão. Os habituais desta praia sabem que o arrasto é uma operação demorada e que é preciso ter paciência. Os dois pescadores mais próximos de nós sentam-se no tractor, a conversar em gestos largos, e um deles experimenta o alador, e ambos têm nisto algo de *cow-boy*, um ar de vida difícil, de humanidade em condições extremas, mas também de profissionais de um espectáculo como o circo, que todos imaginam, e mesmo desejam, em breve irá desaparecer. O barco amarelo e azul, chamado *Robalo* quicá na esperança de que o semelhante atraia o semelhante, vem ainda longe e a gente na praia distrai-se, as crianças retomam as actividades marinhas, são novamente artilhadas com as bóias, as pranchas e as braçadeiras e

solta na água. A maré é mansa e baixa junto ao pontão, o solo faz uma grande piscina natural, ao fim da tarde aqueceu, anda gente a mais de cem metros da praia com água pelo meio da barriga da perna. Esquece-se a olhar o Bugio ou a conversar e olhando em volta, pasma ao ver-se tão defraudada na profundidade.

Mas já saltaram do *Robalo* os pescadores e trazem-no de cernelha, conduzindo o barco para a praia, debaixo da nuvem de gaivo-tas, e de longe insultam de sacana os do tractor, e todos riem; não se sabe donde chegou este grupo de mulheres que os interpela familiar, enxota as gaivo-tas que já cheiraram o saco do peixe, estende na areia uma grande folha de plástico forte, e se põe a descarregar caixotes vazios de plástico vermelho do tractor; animam-se os pescadores, os do tractor e as mulheres no reencontro, não vêm de muito longe, nem partiram há muito, é a reunião que provoca este alarido. O pescador adiantado do barco aceia do tractor o cabo que entrola em oitos ao cunho, e isto sem nunca deixar de participar na conversa, nem de atender a mãe ao telemóvel. Juntam-se curiosos para ver o esforço. O tractor puxa o barco para terra num arranque, enquanto os pescadores dentro de água o empurram de popa, sem convicção, falando e parando se for preciso para explicar com as mãos algum ponto mais abstracto do diálogo. O barco sobe na areia, o mesmo pescador desata o cabo e o homem do tractor, sempre desenvolvido, manobra e interpõe-se entre o barco e o mar, para alar o cabo das redes e puxar o saco do peixe. São mais de vinte pessoas a ajudar. Põem-se os caixotes a cercar o plástico estendido no chão, em cima do qual será aberto o saco e largado o peixe. O alador vai agora recolhendo o cabo das redes, dá-lhe duas, três voltas e assim puxando o saco, enquanto um homem e uma mulher o recebem do alador e vão arrumando a rede, que é lançada em véu e pausa dobrada no fundo do barco. À medida que fica cada vez mais pesado, ocorre gente a puxar à mão o cabo da rede. Mas é o tractor que arrasta o saco na última arrancada e

(...
Baba
Tante, cula
Tante)

6. Trindade Filipe

o baba tante → Tante!

...
o baba tante → Tante!
o baba tante → Tante!

o baba tante → Tante!

A casa da beira da estrada
Hugo Roche:

o baba tante → Tante!
o baba tante → Tante!

o baba tante → Tante!

o baba tante → Tante!

o revela bem bojudo à praia inteira. E quando se abre, já os bebês estão a postos para ver: o palpitar prateado, o esparinhar de água salgada que chega a molhar a cara, a entrar no olho, e tantas formas de vida. Uns primeiro deslumbram-se, outros primeiro assustam-se; das mães, umas deslumbram-se primeiro, outras assustam-se primeiro. Uma é natural que se impressione imediatamente com o peixe-aranha que um pescador, ajoelhado no meio do peixe miúdo, atrai para a areia, e que avise contra ele o filho. Outra prefere não dizer nada. Há tantos outros peixes. Prefere ficar perplexa diante de um estranho peixe armado de uma espécie de trombeta, um gume prateado, espalmado no fundo do mar ao peso da água. Outra nem pensa nisso. Está a fazer as contas, a calcular quantos quilos de sardinha ali estarão. É o seu orgulho, saber calcular quantidades por alto. O Pedro sente vontade de enfiar o dedo no olho de um robalo, mas a mãe sorri e ele mete para dentro. A boa mãe informa-o então da beleza do espectáculo onde ele só vê uma agitação imunda. Berta Manfredi, achegando mais a si o bebê, pensa que uma coisa tão bela é afinal o espectáculo de muitas mortes. Uma mãe omitirá um tal detalhe, enquanto outra dará ao filho, logo ali, essa lição. O Jerónimo recolhe para dentro do seu balde os peixinhos minúsculos que os pescadores descartam, e há-de levá-lo, poderoso, à família. Os pescadores escolhem e separam o peixe por afinidades: sardinha com sardinha, Lula e carapau nos caixotes respectivos. O robalo é apanhado à mão com gravidade. Os que não pertencem a categorias palatáveis são atirados às alforrecas. O pai do Jerónimo comove-se diante do trabalho deles. Se tudo fosse tão simples na vida como trabalhar. Mas há estes intervalos, em que prevalece a saudade. Intimidados pelo público, os pescadores reagem como actores e falam alto, mostram mais hábito do que realmente têm. As mulheres, namoradeiras, atiram de vez em quando uma alforreca ao camarada do lado oposto. E as gaiotas, percebendo que não há esperança, desapareceram no ar.

Quem conheça a indescritível suavidade de certos finais de tarde nas praias daquele lado, sabe o que se passa a seguir. Os pescadores e as mulheres fazem logo ali algum negócio, depois alçam os caixotes e desaparecem empoleirados em cachos nos tractores, numa saída um tanto à maneira da ópera de Pequim, que lembra os velhos tempos cooperativos. A praia é então devolvida à sua verdadeira natureza e há uma calma colectiva que responde à temperatura certa do ar. Um cansaço do descanso. Uma sombranzinha de tédio, que não chega a envenenar o momento. Elisa, de quem a filha, Catarina, se afastou com o pretexto de já ter apanhado muito sol, adormece na desordem de toalhas salgadas e garratãs de água morna, com a cabeça na areia. Sonha que passeia sozinha numa praia imensa, numa tarde literalmente dourada de Outono, e que nesta praia ela quer escrever um poema. E caminha à beira-mar, concentrada no seu poema, que ela sabe que mais cedo ou mais tarde lhe há-de dar prazer e satisfação, e interpreta com amizade o olhar unívoco de uma gaiota de que segue as pegadas, como runas. Quando Elisa acorda, adormeceu Catarina com uma revista sobre a cara. Despertando há-de queixar-se, como Elisa sabe, e queixar-se como se fosse culpa da mãe, da tinta que se despegou da página e lhe ficou estampada por causa da transpiração¹.

Mara e Carlos recomecem as actividades amorosas. Quando saíram do banho, correram na praia e acabaram a rebolar-se na encosta da duna maior, onde dois ou três miúdos experientam um desporto novo e seco com uma prancha de *skinboard*. Mara picou-se

¹ Elisa não gostará lá muito de se lembrar deste sonho, e prefere manter apenas a boa imagem de uma mulher na sua idade madura, solitária, pachorrenca, prazenteira, que passava numa praia a compor um poema. A verdade é mais complexa. Acontece que Elisa quer - no sonho! - e à viva força, que o poema rime: e o tal passeio, que podia ser, na realidade, uma deambulação no mínimo despreocupada, torna-se num verdadeiro tormento. No sonho, e por derivação de sentido, na realidade, nunca lhe ocorre que o poema não precisa, forçosamente, de rimar.

(... (11/11/11) 0.12.5.432 B temt → Fant /
Tema, culas

6. Trilide de papel /

o hnt B temt → Fant /

... hnt do papel o hnt
hnt Rode r: /

o hnt B temt → Fant /

hnt Rode r: /
A casa d'beira do estado

o hnt B temt → Fant /
o hnt Rode r: /

o hnt B temt → Fant /
o hnt Rode r: /

o hnt B temt → Fant /

circulares de vasos de plantas deslocados -, lembro-me apenas do eco dos trabalhos da oficina e de um insólito pintor de paredes fadista, contratado pelo administrador do prédio para realizar o impossível, e que usava essa caixa de ressonância para se ouvir melhor. Eu tentava escrever à tarde, acompanhada pelos choradinhos do pintor e o martelar constante do bare-chapas. E noite adiantada, ouvia muitas vezes arrastar móveis no andar de cima, que não existia.

A Cláudia saíra de casa para um fim-de-semana em Espanha e morreu num acidente de automóvel. O marido e o filho abandonaram a casa pouco depois e quiseram alugá-la. Quando foi a minha vez de entrar, ainda havia livros dela nas estantes, fotografias com o marido e com o filho e champôs na casa de banho. Cláudia também escrevia e penso que chegou a publicar um livro de poesia. Na mesa-de-cabeceira estava só um caderno pequeno, manuscrito, que não tive curiosidade de ler. E a um canto uma arca de couro que não tive curiosidade de abrir. O telefone tocava muito à procura dela. E eu tinha de dizer que ela morreu, e ouvir a estupefação ou o choro repentino de quem ligava.

Mudei-me a meio de Julho, pintei o quarto que fora no tempo deles a sala de jantar e instalei os parques haveres. Mas ter chegado assim a uma casa onde a vida de outros se interrompera enquanto na minha ressoava ainda o eco de uma vida anterior, esquinava as dentadas feitas de propósito para não se entenderem. Estava na Figueira da Foz a ver filmes quando soube que o filho de Cláudia tivera um acidente de automóvel em Espanha, partira as pernas e a bacia, escapando à justa da morte. Pouco depois, nem sei se na mesma semana, o Vítor dava um mergulho em Porto Covo, batia numa rocha e partia a coluna. A tragédia deles, quase desconhecidos, atingia-nos numa zona cinzenta, que nos implicava mais do que a meros espectadores. A Morte, na sua representação antiga de capa e capuz, rondava-nos a porta. Agora, vinte anos

(Luisa Costa Gomes) Fant. → Tente, culos

6. Thirdeel Felipe

o bndp → Fant. /

... ptog do bndp o bndp
Hugo Roche

o bndp → Tente / Fant. /

A casa al bndp
Hugo Roche:

(Luisa Costa Gomes) Fant. /
o bndp
o bndp

passados, aceito que seria não a Morte, mas talvez a Coincidência, com o seu lado rocambolesco de monstruosa curiosidade, que aparecia ali espioteando como uma criança impertinente num funeral. Havia um elemento já circense na acumulação dos desastres, como se a repetição na contiguidade quisesse arrotar-se em sentido, e nessa espécie particular de sentido que é o da narrativa ficcional. Naquele caso, uns tantos factos dispersos transformavam-se numa constelação fantástica de cuja incribibilidade decorria a própria eficácia.

Era difícil que a casa não ficasse manchada por um mal-estar que nela se instilou como um cheiro. Estou convencida de que ajudou a cimentar o nosso sentido de comunidade, porque nós éramos as pessoas a quem acontecera herdar uma casa assombrada pelas vidas que outros deixaram a meio de repente. Não digo que houvesse ali fenómenos estranhos e assustadores. Nós é que partimos do princípio de que o mal podia acontecer. Havia as dificuldades normais da vida em comum - a sempre injusta divisão da conta do telefone, a limpeza das salas que eram usadas por todos, o arranjo e desarranjo periódico dos electrodomésticos e um problema que se arrastou de tal modo que a água esteve cortada mais de um mês - mas estas dificuldades eram enfrentadas com uma desproporcionada fortaleza de ânimo, uma quase abnegação, como se todos esperássemos uma catástrofe por osmose, por mera pressão do lugar. Por isso, quando recebemos a primeira carta do chantagista, o meu impulso não foi encolher os ombros, detá-la no lixo e esquecer o assunto, mas tomá-la tão a sério que acabou por nos ocupar a todos nas semanas seguintes.

Jantávamos, Márcio e eu, em frente da televisão, na diminuta sala esconsa, quando o chantagista telefonou a anunciar que devíamos descer a recolher uma carta à caixa de correio. Márcio, caracteristicamente, pousou o auscultador e continuou a comer. Quando digo que todos esperávamos sofrer, estou a exceptuar

Márcio, o palhaço, que despachara o sofrimento todo nessa excêntrica povoação boliviana onde nascera e fizera o voto de nunca mais se lhe atravessar ao caminho. A carta que Paulo acabou por trazer não tinha selo e vinha dirigida a Vítor Moreira. Manuscrita em maiúsculas, exigia 15 000 contos até sexta-feira dessa mesma semana para não divulgar um segredo qualquer do passado. A carta aludia a actividades que teriam tido lugar naquela mesma casa. O chantagista referia-se a Vítor Moreira pelo número do bilhete de identidade e sugeria que, se ele quisesse continuar a usar tal identidade, devia pagar aquela soma em escudos – e convertia-os, prático, em 100 000 dólares. Seguiam-se ameaças de represálias sobre «os seus amigos em Itália, em Portugal» e outros sítios e a garantia de que não se tratava de uma brincadeira. Terminava apelando à calma. Junto à carta vinha dobrado um prospecto do Banco Ambrosiano.

Vítor Moreira jazia numa cama do Hospital de S. José com dois parafusos enterrados no crânio. Estava tão cheio de sedativos que pouca diferença lhe faria aquela ou outra identidade qualquer. Incomunicável, sabíamos-lo completamente para-lisado e sem perspectivas de recuperação. Imaginá-lo assim e ainda perseguido por alguém que obviamente desconhecia os factos criou-nos uma angústia suplementar. Pouco há de mais assustador que um criminoso incompetente. Era claro que o chantagista não preparara o crime e ignorava quer a situação do visado, quer a nossa relação de completa estranheza com ele, inquilinos de uma casa cuja renda ele já não conseguia pagar. E inquilinos dos menos comprometedores, chegados em várias marés de acaso ou desventura. Seria talvez um polícia impulsivo a fazer um *gancho* para arredondar o subsídio de férias, ou algum maníaco com ideias próprias e fixas. O Paulo correu a aferir-lhar a porta da cozinha que dava para o pátio das traseiras e que nunca fechávamos. Márcio retirou-se imediatamente do assunto

e foi dormir (a sua vida tinha duas velocidades, dormir e apanhar sol na varanda, enfaixado em cobertores, só com a cara de fora, como um velho índio tribal abandonado na alta montanha para morrer).

Eu não conhecia ainda, pelo menos na vida adulta – fora da esforçada aprendizagem dos protocolos do amor romântico – este sentimento de ter aterrado numa realidade alienígena, de convenções bem estabelecidas, quase encenada. Era como um livro policial, um filme de *suspense* e isso, de certa maneira, interrompia ou curto-circuitava o *river*. Agora recebia-se uma carta malévola que não nos era dirigida, não tínhamos a quem recorrer, e até ao fim da semana, estacionados entre o primeiro e o segundo capítulos, vivíamos a incerteza quanto ao desenvolvimento do enredo. Ou seja, ficávamos reféns da nossa maneira de ler e, sobretudo, presas da imaginação livresca. E enquanto Márcio dormia, Paulo tomava tisanas acompanhadas de charros calmantes que o tornavam críptico e mesmo, a partir de certa hora, transcendental. Jonas reagia sempre pelo silêncio. Não o conhecíamos o suficiente para discriminar os diversos tipos de silêncio com que ia recebendo as vicissitudes da vida. Percebi apenas – porque era tão evidente que se metia pelos olhos dentro – que se enganava menos nas escaldas quando andava infeliz. Como violoncelista, Jonas espantava pela falta de domínio do instrumento. Nunca lhe ouvi uma interpretação. Se conseguia ler a direito uma pauta até ao fim, fazia-se no final um grande silêncio na casa, e eu sentia o Paulo e o Márcio, nos quartos respectivos, levantarem os olhos do que estivessem a fazer e eu própria suspendia a caneta e esperava o gemido de Jonas; depois ele retomava as escaldas, rigoroso e triste. Só agora, na minha meia-idade, sinto compreender o paradoxo em que ele vivia.

Sexta-feira pelas quatro e vinte recebemos novo telefonema. O prazo dado pelo chantagista era as duas horas da tarde e eu

(...
Luísia Costa Gomes) Tempo, culo
6. TTTT

Tempo, culo
6. TTTT
Tempo, culo

Tempo, culo
6. TTTT
Tempo, culo

(...
Luísia Costa Gomes) Tempo, culo
6. TTTT
Tempo, culo

resistir a não ir para casa até às quatro, mas queria muito acabar um conto, e era imperativo acabá-lo no meu próprio cenário. Paulo atendeu e afastou o auscultador da cara para eu poder ouvir também. Era uma gravação, a mesma voz mecânica, reiteração de ameaças, reiteração do anúncio da vigilância de que éramos alvos, reiteração de que não valia a pena pensarmos em escapar. Com alguma presença de espírito, informei a gravação do estado de saúde mortal de Vítor Moreira. E desligámos.

■

O capitão Godofredo Bolloni, das *Sezioni Speciali Anticrimine* dos *Carabinieri* teria os seus trinta e cinco anos a primeira vez que esteve em Lisboa. Vinha no trilha de um activista das Brigadas Vermelhas que andava a monte, já nessa altura, pelo País Basco. Era o Capitão Bolloni homem bem apessoado, com farta cabeleira de fogo e marrafa sobre os olhos cor de azeitona, fatos brancos de linho usados com o *panache* de um filho de família, o casaco meramente pousado sobre os ombros, e a impressão que deixava era mais a de um *playboy*, atlético e boémio, que a de militar de carreira.

Nascera pelo final dos anos quarenta em Nápoles, filho da mãe, e de um pai que ela não quis ou não pôde identificar. Como mãe solteira foi modelo de virtudes, trabalhadora, dedicada, quase feitura laica, arrostando a maledicência com perfeito espírito de mártirio. E embora se dissesse sozinha no mundo, tinha afinal uma família frutuosa que não lhe largava a porta com lamúrias e recriminações, e tendo quase sempre o cuidado de deixar um prato de *pasta* com almôndegas à saída; esta mãe preencheu toda a vida de Fredo, até à morte dela, quando ele atingia a maioridade. Sobreveio-lhe então uma grande necessidade de procurar o pai verdadeiro e cedo compreendeu que só teria vantagem em

(Luisa Costa Gomes) o pai verdadeiro → Fant.

Tenta, culs

: o pai verdadeiro

o pai verdadeiro → Fant.

... o pai verdadeiro → Fant.

o pai verdadeiro → Fant.

A casa de vidro
Hugo Roche:

(Luisa Costa Gomes) o pai verdadeiro → Fant.

o pai verdadeiro
Ator: o pai verdadeiro

o pai verdadeiro

entrar para a polícia, antes do mais, pela perspectiva panorâmica. Da mãe, não conseguira qualquer informação relevante, excepto a generalidade de que os homens eram todos iguais, egoístas, desprezadores, fêmeiros e gulosos, e ele só pôde basear-se em conjecturas. Os Bolloni da lista telefónica revelaram-se todos pais improváveis. Tentou saber pelo menos, por outros membros da família, de onde lhe viria o nome, mas deparou-se com um quadro exasperante de etimologias fantásticas, dizendo uns que viria de *bollo* porque o homem trabalharia nos correios, ou seria funcionário público, outros que seria corruptela de Bologna, indicando a proveniência dele e as tias, claro, coadjuvadas pelas primas, discutindo entre elas se não seria afinal Bellone o nome que a mãe lhe pusera por ele ser tão bonito, sem qualquer relação com o nome do pai. Estas sessões em que os vinte membros da família gritavam uns para os outros as suas especulações deixavam o jovem Fredo arrasado. Não lhes tinha amor. Mantinha com eles as relações estritamente oficiais das festas e cum-pria, por alto, um aniversário em cada três. A mãe fora o seu norte, o seu amparo, e agora via-se a braços com esta algazarra de ignorantes. Mas procurou-os ainda, um a um, para tentar reconstituir quem se teria cruzado com a mãe ao tempo da sua concepção, e apercebeu-se com tristeza de que, embora vivessem literalmente quase em cima uns dos outros, dominavam pouco os factos. Tudo somado, as tias velhas inclinavam-se para as hipóteses românticas de um amigo de infância «que sempre gostou muito dela», mas que fora obrigado a casar com outra mulher, que entretanto engravidara para o «apanhar»; ou de um perfeito desconhecido que lhe prometera mundos e fundos e a abandonara ainda na cama quente do acto. Nenhum destes galãs tinha nome ou paradeiro.

Mas querer é poder e Fredo Bolloni conseguiu reconstituir a vida da mãe no ano de 1948 com dados suficientes para se limi-

tar a três possibilidades credíveis: um alfaiate, reservado e solitário, Tiziano Lamenti, que uma noite a convidara para jantar, a levara de carro e a trouxera de volta pelas onze da noite; este suicidara-se em cinquenta e quatro, suspeito de homossexualidade. O segundo, conhecido apenas por Zitto, era um meio deficiente, mudo, que carregava hortaliça no mercado da cidade com resultados próximos do péssimo, um miserável a quem a mãe de Bolloni sempre protegeu, mesmo quando o Zitto foi preso e espancado na esquadra dos *Carabinieri*, acusado de se exibir para uma senhora. (Ao investigar este Zitto, no entanto, Bolloni tropecara no nome de Freddo Riddle, que passara essa mesma noite na cadeia e aquele primeiro nome, tão próximo, na grafia do diminutivo, do seu, ficou algures reservado na memória). O terceiro, já mais especulativo, seria um engenheiro que terá alugado durante uns meses um quarto no andar de cima, um Montegni ou Montagna ou Montevecchio – uma das tias dizia Pontolio – e que uns consideravam simpático e bem-parcido, respeitador e incapaz de engravidar uma rapariga, enquanto outros reviravam os olhos e lhe chamavam sonso, sem aduzirem no entanto qualquer prova.

A demanda do pai verdadeiro transportou-o dos vinte e dois aos trinta e dois anos e revelou-se infrutífera. Palmilhou a Itália esquadrinhando registos e incomodando velhas em paróquias remotas. Elas davam-lhe informações, o mais das vezes irrelevantes, lisonjeadas pelo interesse dele. O dealbar da década de oitenta fê-lo desistir da busca. A conclusão dela, no entanto, levou-o a um envolvimento cada vez maior na política do país e a uma conversão religiosa. Aos trinta e cinco anos, portanto, já ele era monárquico e católico arcaizante, defendendo aos gritos na reunião semanal do seu grupo de activistas o regresso da missa em Latim, a deportação das abortadeiras para a Abissínia e a castração dos desviantes sexuais. Bolloni, que não conseguia

interessar-se pelas mulheres enquanto viventes e falantes, apaixonara-se entretanto por uma senhora de que nada se sabe, a não ser que era lindíssima e com a qual nunca chegou a casar, nem provavelmente a falar. A teoria mais recente aponta para a hipótese de ela já ser casada e Bolloni defender a indissolubilidade do casamento, sendo o divórcio especialmente proibidíssimo no caso da existência de filhos. Daí, e por uma força argumentativa de que se conhece o poder de arrasto, concluir-se que a senhora teria filhos, ou pelo menos um filho. As investigações de Bolloni, se foram infrutíferas no facto conclusivo, não o foram na imaginação. Data dessa altura o seu interesse pela genealogia fantástica, convencendo-se ao longo de pesquisas emotivas que iam fundo e largo, de que seria filho do famigerado Freddo Riddle, o furtivo alma negra da extrema-direita, o arcajo dessas *rattlines* por onde se escoaram para o resto do mundo os nazis depois da guerra, e cujo nome ele encontrara na mesma cadeia do infórtunio do idiota Zitto. É bem possível que para conhecer o putativo pai se tenha aproximado de um dos grupos que operava na sombra do Banco Ambrosiano, cujo escândalo e denúncia veio por etapas a público em 1983. Não se sabe se alguma vez terá conhecido Riddle em pessoa. Olhando para as datas e para os locais em que operaram, parece pelo menos provável que Bolloni tenha estado em contacto com ele ou mesmo participado em alguma «missão» de caça ou de limpeza. Nunca se provou o envolvimento de Riddle no assassinato ritual maçónico de Roberto Calvi, enforcado em Junho de 1982 na Blackfriars Bridge, em Londres, com as mãos atadas atrás das costas e um tijolo no bolso do casaco.

Não tinha verdadeiras qualidades viris, este Freddo Bolloni. Era indiscreto, palavroso, e não raro exibia incompatibilidade com o espírito de corporação. Por vezes, amuvara com as hierarquias, era desleal, e muito madraço. Encontramos-lhe na folha de serviço uma repreensão agravada por se ter gabado em público

(...
e 25/4/82) Bone → Fant. /
Tent. culs

: 24/11/82 de Filipe
6. Thilde

→ 25/1/83 Fant. /

...
→ 25/1/83 Fant. /
Hugo Roche

→ 25/1/83 Fant. /

→ 25/1/83 Fant. /
A casa de Hugo Roche:

(...
supõe 10/1/82 Fant. /

→ 25/1/83 Fant. /

→ 25/1/83

de torturar os presos políticos, isto ainda nos anos setenta, pouco depois de se juntar à brigada de combate ao terrorismo verme-lho dos *Carabinieri*. Quando chegou a Lisboa, portanto, atingia o máximo que lhe foi possível atingir de maturidade como homem e como profissional. Apaixonou-se por ele o mulhiero em peso da Judiciária. Os camaradas homens davam-lhe, por isso, um grande desconto nas faltas. Em Lisboa, Bolloni apreciou sobretudo os restaurantes e as discotecas estilizadas, e ligou-se não propriamente de amizade, que reservava apenas a compatriotas e cor-religionários, mas de uma simpatia reforçada, a um informador da polícia, um curioso, cuja maior qualidade era uma memória visual incorruptível. Recorde-se que computadores, em 1984, se encontrava um por outro em universidades, em grandes empresas, em instituições do Estado e muito mais esparsos ainda em casas privadas. Vivia-se então os primórdios desta nossa era e duplicava-se a papel químico tudo o que se mandava fazer ao computador. O informador amigo de Bolloni floriu na transição em que a suspeita em relação ao computador não se dissipara ainda e foi, estou certa, um dos últimos arquivos biológicos do funcionalismo público. Era homem capaz de declamar nome, morada, filiação e número do bilhete de identidade de todos os membros efectivos e de alguns simpatizantes dos partidos de esquerda para lá do Comunista, e tinha em mente registo de casamentos, ajuntamentos, cruzamentos e encontros amorosos interpartidários por onde se podia escoar intimamente a subversão.

É claro que grande parte destas informações era dificilmente verificável. No princípio dos anos oitenta tudo começou a mudar a uma velocidade tal, que o mais bem informado dos denunciantes teria dificuldade em manter-se actualizado. A extrema-esquerda atingiu a idade adulta e desandou, de modo que se adormecia maquista e se acordava, na manhã seguinte, às portas do PPD.

E tudo o que se passara antes tingiu-se de uma certa irrealidade. Mas enquanto o comum dos mortais se apaixonava, casava e reco-lhia a penares e ao rame-rame de uma sociedade normal, a guerra prosseguia nas ruas de Roma tombando, de um lado e do outro, muitos mártires; em Lisboa, terroristas assaltavam um carro de segurança e roubavam cem mil contos por ideais. E em Junho a Judiciária fazia uma busca à sede da FUP e iam presos mais de quarenta activistas. E o tal curioso informador e arquivo vivo encontrou-se, de um momento para o outro, com uma valiosa oportunidade de negócio nos braços.



Mais ou menos por essa altura, vi-me assombrada por um sonho de que nada posso relatar, excepto que era imensamente nítido e vinha acompanhado de uma convicção profunda. Lembra-brava, por isto, aqueles sonhos arcaicos que visitavam os heróis dormindo, e desejei muito a orientação de algum adivinho ou sacerdote antigos, cujas versões modernas de videntes e astrólogos continuo a desprezar. O sonho, no entanto, impôs-se com tal intensidade, que me manteve uns dias na vida acordada como sonâmbula, fixa nas imagens dele e no sentido que teriam. Procurei nas minhas relações imediatas algo que se parecesse com um intérprete e lembrei-me de que deixara na Alemanha um amigo que, sendo absolutamente inculto e tendo ao todo na vida lido dois livros – um deles era *A Metamorfose* –, me maravilhara na altura com esse dom para ver nos sonhos algo mais que vã agitação neuronal. Escrevi-lhe a descrição do meu sonho, tão pormenhorizada quanto podia sê-lo, considerando que se tratava de uma natureza-morta com poucos elementos que – até aí conseguia eu percebê-lo – faziam as vezes de outros, ausentes. Escrever-lhe o sonho libertou-me da obsessão e permitiu-me voltar ao conto

(Lisboa) e 25.4.83 em t. fant. / Tent. culs

o bnd → t. fant. / 6. Trindade

... ptoy do apdy o Hypo Roche

o bnd → t. fant. /

A casa d'beir de end Hypo Roche:

o bnd e mnd → t. fant. /

o bnd a t. fant. /

o bnd

que tentava terminar há meses. Como ele demorasse a responder, telefonei-lhe e conversámos sobre o sonho que, para ele, não punha quaisquer problemas de interpretação. As referências que me deu tinham todas a ver com quadros conhecidos – um deles *A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp*, de Rembrandt – não pelo tema, mas pelos ambientes, cores e posição relativa dos objectos. A explicação que me deu do sonho, ainda que bem arquitectada e plausível, não provocou no entanto em mim aquele choque que é o impacto íntimo total de uma certeza. Era uma interpretação que se ficava pelo indifferente verosímil e que, por isso mesmo, me deixou razoavelmente desolada. É que diante de mim se estendia já o rol dos intérpretes e das interpretações, cada um mais desconchavado que o anterior.

Bastante fora do que seria de esperar, convoquei uma assembleia de casa e dispus-me a receber de espírito aberto as opiniões obviamente contraditórias dos meus companheiros de habitação. Talvez tenha julgado que, sendo dada como adquirida a impossibilidade de chegar à verdade do sentido do que me acontecia, contá-lo a Márcio, Paulo e Jonas seria uma forma não de caminhar para a explicação, mas de reforçar os aspectos fantásticos da situação em si mesma. Eles, no entanto, surpreenderam-me ao ouvirem a descrição do sonho e o problema que eu lhes punha num silêncio embaraçado. Márcio boccejou um par de vezes e Jonas, muito corado, torcia efectivamente as mãos de vergonha e considerava os calos nas pontas dos dedos, que massajava. Só o Paulo me acolheu com alguma simpatia mas, pelo que ele disse, percebi que apenas ecoava o embaraço dos outros, obrigados a presenciar o despudor com que eu contava o meu sonho a pessoas com quem vivia meramente no mesmo espaço, e com quem não havia outra intimidade para além da do co-ínquilinato. Foi a minha vez de reconhecer o erro cometido, de fugir para o quarto numa aflição e de me fechar à chave por dentro. Procurava, entre

a cama e a estante, um ponto de apoio. Incapaz de me acalmar, corro a escrever a cena no diário. Na minha confusão precipito-me para a cadeira que desliza, bato com o cotovelo na esquina da secretária, enfo a caneta no olho esquerdo, saio de repelão, desço as escadas a correr com a mão sobre o olho ferido e aparo um táxi para o hospital. E é chorando sem emoção que sou introduzida no cubículo do oftalmologista por duas enfermeiras neutras, treinadas pela experiência para não provocar a ira do utente. Era tão pequenina a médica que não entrou logo no meu raio de visão. Mas pondo a cabeça a três quartos na direcção do gigantesco engenho oftalmológico, vislumbrei a mancha branca de uma bata que me acenava da banqueteta. Deixou por dizer as frases protocolares, não se trocaram nomes em fichas, nem se quis ambientar a doente. Não era meiga, ela, nem diplomata. Pediu que me sentasse na cadeira à sua frente, e de longe ainda, como se fizesse questão em não me tocar, esguichou-me para o olho uma gota anestésica e ordenou, firme, que estivesse quieta.

– Este olho – disse ela – viu recentemente algo muito forte.

E eu, que detesto a palavra «algo» – causa-me um aperto reflexo no diafragma –, saí momentaneamente da confusão mental para anotar que ela devia ter dito, em vez de «algo» a expressão que lhe é superior, «alguma coisa». Pressa na questão de forma, não percebi que a oftalmologista me perguntava, logo a seguir, em voz mais baixa, se eu tivera há pouco algum sonho de imagens fixas e intensas que me deixasse preocupada. Eu queria compaixão, naturalmente, mas não ouvi senão diagnóstico. Era uma lesão na córnea, tinha pela frente uma semana deitada de costas, com o olho tapado por uma compressa de pressão e pomada de cloranfenicol três vezes ao dia.

Uma semana no escuro algo nos ensinará. A primeira coisa é que os dois olhos se movem solidários e quando um decide

(...
o 24/5/48) Babel tem + Fant. /
Tema, culas

6. Thirde de Filipe

o 24/5/48 tem + Fant. /

...
o 24/5/48 o 24/5/48
Hugo Roche r.

o 24/5/48 tem + Fant. /

o 24/5/48
A casa al' beir de enxada
Hugo Roche :

(...
o 24/5/48 tem + Fant. /

o 24/5/48 a torre da varredura

o 24/5/48 a torre da varredura

o 24/5/48

olhar, o outro acompanha-o necessariamente. E isto pode ser muito doloroso. Condenada à inacção, pelo terceiro dia ouvi, enfim, numa bolsa de eco interior, o que a oftalmologista me dissera sobre o sonho e voltei ao Hospital. Chegar ao cubículo dela foi, se possível, ainda mais simples, munida apenas de uma guia e de um recibo de consulta; nos dez minutos que esperei no corredor vazio atenderam-se três desastrosos que acabavam de esperar coisas nos olhos. Já sabia que a médica que eu procurava só estaria no fim-de-semana. O oftalmologista da quinta-feira, pessoa tão seca que fazia apenas gestos rectos e falava de longe esticando dedos que sublinhavam o enunciando da receita (duas vezes ao dia durante quatro dias), censurou-me a falta de cuidado na pressão da compressa como se eu não estivesse no meu perfeito juízo e mandou a enfermeira fazer-me um penso exemplar.

Foi já com um olhar novo, esclarecido, que esperei a minha oftalmologista à porta do Hospital, no sábado de manhã e a dei-xei depois passar por mim sem a reconhecer. Já no cubículo, e eu esmagada pelo engenho de luz e lente, respondeu-me calma que sabia, com efeito, interpretar *alguns* sonhos em *algumas* circunstâncias e aquele horror ao universal soube-me bem. Era pessoa eminentemente discreta, não precisava de se chegar à frente para ser vista. Ela trazia o seu próprio contexto. Contei-lhe o sonho e os sentimentos que desde então lhe estavam associados e a busca que não me dava descanso. Seguiu-se um silêncio, um suspiro, um

sopro:
 – Esse não sei o que será – disse. – Em regra, só percebo bem os sonhos de minha casa.

No corredor, os ciganos levantavam uma algazarra de insultos e impropérios tal que não foi possível continuar. Entraram dois homens de negro e de ambos escorria sangue do olho direito. Pararam na soleira, como dois pegadores de touros, muito direitos, afeitos à dor, e olhavam de lado como galinhas, de sobrolho

alçado, alternadamente, para a oftalmologista e para mim. Talvez tenha sido por isso que os sentimentos de esperança e de perfeita confiança que até ali inexplicavelmente nutria por ela se tingiram de uma reserva, de uma quase suspeita em relação à sua capacidade como intérprete; afinal ela era a pessoa a quem acontecia aparecerem ciganos aos pares, sangrando e isso, por contiguidade, fundava o cubículo numa subcorrente de perigo, da impressão de que se vivia ali uma situação-aviso. A oftalmologista levantou-se da banqueta. Diante dela, os dois homens ficaram mudos e cheios de reverência. Atrás, no corredor, onde a tribo se estabelecera, podia ouvir-se cair um alfinete. Percebi que a algazarra e o sangue seriam para ela coisa recorrente. Lidava com eles por sinais, observou-os na lupa em silêncio, brusca, um pouco amuada, como se lhes levasse a mal o facto de não ficarem tratados de uma vez por todas. E se eles gemiam, porque ela lhes tocava lá nalgum ponto sensível, suspendia-se, reclinava um pouco o tronco, esperava um segundo aparentemente abstraída e voltava ao ataque.

Eu aproveitei para me escapulir, porque vivia já em pleno a insegurança em relação a tudo o que me levara de regresso ao Hospital. No parque de estacionamento, manobrando cuidadosamente a viatura para não bater em nenhum dos obstáculos expostos, sentia, para me proteger, que afinal o sonho não teria talvez importância de maior, que se explicava em definitivo pelos restos diurnos, e que, agora que o olho via e parecia adaptar-se de novo à função, melhor seria dedicar-me a uma actividade exterior, uma ginástica, o legítimo socorrer de outrem, a vida de relação. Esta é uma ideia aeróbica que tem o seu fundamento, pois são os próprios médicos a dizer que a maioria das enfermidades acaba por se esbater. No passar do tempo, desvanecera-se muita da intensidade do sonho. E saber que havia quem pudesse interpretar-lo era já consolação bastante.

(...
 e (1.5.4.8.2) B... tem t. fant.)
 Tenda, cules

: adp. Filipe de Almeida

o sonho tem t. fant. /

...
 o sonho do sonho
 Hugo Roche r:

o sonho tem t. fant. /

A casa do beir de enxada
 Hugo Roche :

o sonho tem t. fant. /

A torre da varandada
 o sonho tem t. fant. /

o sonho tem t. fant. /

Deixei-me, portanto, ficar a viver na comunidade dos inquilinos, e até com renovado entusiasmo, procurando estabelecer outros pontos de contacto para além dos de mera residência. Houve ali um interregno em que se foi ao cinema em conjunto, se encorajou o intercâmbio de amigos, mas cedo cada um reiniciou na sua própria rotina e se contentou com os cruzamentos ocasionais às portas do figorífico. Os sonhos, no entanto, não só não amansavam, como se tornavam cada vez mais ferozes, renovados também eles, e apresentando a curiosa característica de terem alguns conteúdos diferentes, mas sempre a mesma forma.

Tenho uma memória vaga dos meus últimos tempos na casa assomburada. E como estou convencida de que uma memória vaga é sinal de uma experiência do caos, e da consequência inflor cientificamente a causa, concluo que terão sido realmente confusos e conturbados esses meses. Julgo lembrar-me de escaramuças, de quase conflitos, de um mal estar, de horários estudados ao minuto para que os encontros no corredor da casa não se proporcionassem. Viver no mesmo espaço, contemplar da mesma perspectiva as mesmas traseiras, isso requeria protocolos passíveis de revisão constante. O Paulo, pela Primavera, apaixonou-se e deixou livre o quarto, por onde passou depois uma sequência vertiginosa de ocupantes; o Jonas teve uma Bolsa e dissipou-se algures na Europa e o Márcio, rendido à evidência de que em Portugal não se fazia carreira na palhacice, emigrou para Barcelona, onde me cruzei com ele, por mera coincidência, ao cimo das Ramblas, uns anos depois. Não foi, portanto, nem por acaso, nem por necessidade, mas por uma ordem de causas ainda por identificar, que me encontrei de novo à porta do cubículo de Lúcia Pinheiro na Oftalmologia do Hospital. Ali, sinto-me como um férreo intelectual de esquerda que rumasse de joelhos a Fátima em peregrinação. Ocupadíssima, ela estendeu-me um cartãozinho com a morada, disse que estaria em casa domingo de manhã.

É um bairro impessoal, de vivendas dos anos sessenta, por trás das avenidas médias, os sinos de uma igreja próxima tocam, está um dia de sol intenso, tudo parece em relevo. Quando dobro a esquina vejo-a a sair do prédio, descalça, a correr em direcção à igreja enquanto põe desajeitada um lenço de lá preto na cabeça. Pelos meus cálculos, e por experiência própria, sei quanto é difícil atar no queixo um lenço que não tem as dimensões apropriadas. E não posso deixar de ficar ansiosa com a dificuldade que, afinal de contas, só lhe diz respeito a ela. Está vestida de minhota, com uma saia curta e a perna nua. Pésigo-a de muito perto estrada fora, indecisa entre subir para o passeio ou manter-me no alcatrão, a saia pesada bate-lhe na dobradiça das pernas ao ritmo da corrida. Consigo alcançá-la, ainda correndo digo-lhe que devo ter feito nova lesão no olho e que preciso de um médico. Ela vira-se, nervosa, atrasada, de arrecadas e cordões ao pescoço, de onde pende um coração de ouro carnudo e papudo como um embrião. Já no sopé das escadas da igreja ela diz-me que nesse momento não me pode atender, que tem de ir à missa, e pede-me que a espere à porta de casa.

Pareceu-me, nessa altura, evidente, que teria de me mudar para lá. Sonhar nessa casa o que houvesse a sonhar e resolver o assunto de uma vez por todas. Assim fechei a casa anterior, arrumei o essencial na mochila e bati-lhe à porta ao fim do dia. Ela pôs-me num anexo, para não interferir com a vida de todos os dias. Ali estive bem, consegui acabar o conto que andava entravado há meses, só por isso acho que valeu a pena a mudança. Mas os sonhos pararam, às vezes agarrava a réstca de uma imagem, uma pulsação que ficava depois de acordar, uma ou outra assombração. Um dia sonhei nitidamente com o anexo em que vivia. Acordei desencorajada. Procurei Lúcia na sala de estar e contei-lhe o por menor com que vira a clareza instantânea e fugidia das formas pregantes da minha cama baixa, da estante abaulada

(L. Costa Gomes)
 0.4.5.4.8.8.8
 Tente, culas
 Fant. →

: 0.4.5.4.8.8.8
 6. Tente, culas

→ 0.4.5.4.8.8.8
 Fant. →

...
 0.4.5.4.8.8.8
 Tente, culas

→ 0.4.5.4.8.8.8
 Fant. →

→ 0.4.5.4.8.8.8
 A casa al'beir de enxada
 Tente, culas

(L. Costa Gomes)
 0.4.5.4.8.8.8
 Tente, culas

→ 0.4.5.4.8.8.8
 Fant. →

→ 0.4.5.4.8.8.8
 Fant. →

de livros, da secretária onde repousava a pessoa da máquina de escrever, como se tivessem nascido e se descolassem das paredes onde se haviam tornado, com o tempo, evidentes e amorfas.

Lúcia ouviu atenta, naquela maneira que ela tinha de se prestar inteira à ocupação do presente e no final, quando eu esperava, de chapéu na mão, uma manifestação superior de outra inteligência, ela riu-se. E escudada na intimidade que se construíra a pulso nos últimos meses, comentou apenas que eu era mesmo parva.



Muitas vezes, já no carro a caminho de qualquer lado, passava-me pela cabeça que a casa em que agora vivo acabou de explodir. Ou me esqueci do gás aceso, ou óleo caiu na água, ou ela atingiu um ponto de perfeita incontinção e rebentou, espalhando manuscritos pelas redondezas. Outras vezes, ao descer a última rampa que me traz de volta, e se acontece, por um acaso ainda maior, cruzar-me com uma ambulância que sobe, ocorre-me que a casa ardeu, ou arde ainda, dessa mesma explosão em que não pensei à partida. Hoje parece-me que o sonho que me assombrou não foi nem adivinhação do futuro, nem sintoma do passado, nem sinal dos céus, mas a vida em si mesma que me visitou naquela noite.

De vez em quando volta para me assombrar, quando menos espero, a meio de uma viagem nocturna de carro na auto-estrada, ou de uma frase de que subitamente me ausento, incerto de quem será o autor das últimas palavras. A lembrança ataca-me e eu recuo, alerta, preparando-me para a onda de culpa e de vergonha. Vejo-me sentado num sítio escuro, um tecto baixo, num círculo de crianças. Têm as camisolas molhadas da chuva e as botas sujas de lama e relva. O cheiro é o da conspiração para fazer o mal. No centro, deitado no chão de cimento, um rapazinho nu. É o que vejo agora e me tortura. A aparição é um comboio num túnel, gritando à aproximação, decrescendo para o negro com um sorriso mau – esmagando tudo na passagem. Anos inteiros sem acontecer. Depois, num dia em que me sinto feliz sem razão nenhuma, e oíço despreocupado o rádio no carro, o fantasma aparece no retrovisor, uma ausência muito densa sentada no banco de trás, e impõe-se. E vejo a criança imóvel deitada no chão e não posso fazer nada.

Um dia, revolto-me. Sei dizer exactamente que atravessava o parque com o Luciano pela mão, e o menino vinha ensimesmado

(L. Costa G.) Barba → teme

Tema, culas

6. Thredde Filipe :

o barba → teme

Hugo Roche : o barba do ...

Fant. → Tema

A casa q' beira do estado

Hugo Roche :

Fant. → Tema

a torre do rocad

Atari de Vasconcelos :

Marcelo

de uma festa de anos em casa de um amigo. Já desistira de lhe fazer perguntas e tentava distraí-lo com os nomes dos animais e os sons que eles fazem e concentrei-me nos patos do lago insípido e folhoso à procura de um por menor com que pudesse conquistar o meu filho. A mão do lago rodeou-me então a nuca, puxou-me a cara para a superfície onde boiavam uns arremedos de nenúfares, e obrigou-me a olhar. Não contava, de certeza, com a resistência que lhe opus. Forço a cabeça para trás, mas serenamente, para não assustar o Luciano e na luta que se trava pela imagem que antes fora nebulosa e geral, não mais que uma impressão, vejo por fim destacar-se uma figura, como num retrato a óleo, com o respectivo fundo trabalhado a terra queimada, verdes e ocre e efeitos que realçam e ensonbram.

Reconheci o personagem daquele retrato. Procuro-o depois em casa nas fotografias desse tempo e não tenho dúvidas de que seja o lendário Emílio, o vândalo, o ferido, o macerado, o suturado e cicatrizado Emílio que subia muros indiferente aos cacoros das garrafas, que passava descalço nas fogueiras, que fervia cobras e empalava galinhas, roubava fruta verde e fugia de casa de seus pais, e dormia sempre sentado – dizia-se – em permanente estado de alarme e alerta, inatingível, inimpresionável, fixo num único fito invisível, em cuja vizinhança não se conseguia respirar.

Convenço-me de que foi Emílio o incitador da tortura. Emílio quem primeiro, logo antes disso, nos trouxera a notícia da imperfeição daquele rapaz. Foi ele que nos ensinou o que queríamos ver, o que queríamos que ele nos mostrasse, a tal imperfeição.

Decido vê-lo. Emílio atende-me agora à porta de pantufas, rodeado pelos cinco filhos que parecem todos iguais e olham o estranho confiantes, fazendo-me recepção de tal forma calorosa que me vejo forçado a enxotá-los bonachão, como quem despega lesmas dos braços com movimentos empastados. Emílio parece feliz e aliviado de me ver, a mulher acabou de sair para o super-

mercado e deixou-o com as crianças, que ele entretém como pode num regime de videojogos e DVDs. Enquanto me estende o copo de cerveja, noto-lhe uma vaga assimetria na cara, um olho mais vivo do que o outro, as pregas junto à boca mais marcadas no lado do olho semimorto – vítima de um foguete de fim de festa –, como se ele tivesse começado a murchar por dentro, mas não é isso que mais me intriga nele.

Não nos víamos há mais de trinta anos. Aparece-me agora normalizado, sem sintomas, equilibrado e assente numa vida que imagino pacatamente atribulada e tingida de uma infelicidade inteiramente normal. Aquela remoto rapaz feroz está agora quebrado e sentado. Fala serenamente dos filhos, com movimentos curtos de cabeça na direcção do sofá onde eles se apinham, e insiste em enunciá-los a todos pelos seus nomes próprios – José-lito, Joel, Jonas, Jasão e Joly – e rece-lhes os louvores habituais e as recriminações gerais de quem perfeitamente os desconhece. Sem jeito para dissimular a falta de ansiedade, levanta-se nos intervalos do discurso, em busca das bases para os copos, por gavetas e recantos, para não estragar o tampo à mulher. E vai pondo, espacadamente, uma ou outra pergunta em cima da mesa. Mas eu, o mais das vezes, não tenho coragem de a recolher. Não quero que Emílio saiba nada. Não quero comparações de sucessos e fracassos, quantidade e qualidade dos filhos, capacidade de resistência ao tempo, ao casamento, volumes de vitalidade, número aproximado de decepções e profundidade da tristeza na maior parte dos dias. Trago a missão de saber, mas não tenho a coragem de perguntar. Como estou perdido no caminho, e me vejo acossado por memórias de factos de que não tenho formalmente a culpa, precipito-me, como é hábito, para as conclusões.

Inquieto-me ainda mais quando pressinto que os filhos de Emílio se calaram não para ver a televisão, mas para ouvir o que dizemos. Intimidam-me, e oiço acanhadamente a Emílio uma

(...
Fant.)
Tanta, culos

6. Trindade Filipe

o Simão → Teme → Fant. /

...
o Simão → Teme → Fant. /

A casa do pai de em...
Trigo Rode → Fant. /

o Simão → Teme → Fant. /

o Simão → Teme → Fant. /

o Simão → Teme → Fant. /

descrição muito detalhada das diferenças entre os vários tipos de almofadas ortopédicas – cuja marca alemã ele representa. Quero sair dali à pressa. Emílio não estranha isto e não solicita uma desculpa. Abraça-me e beija-me na cara e mantém a mão no meu ombro e diz-me que apareça sempre que quiser, enquanto me leva à porta. Quando saio, os filhos de Emílio já não estão na sala.

☐

Sai com um sentimento confuso que depressa se transforma numa tristeza abaulada, que abrange a sua vida toda – e inclui o seu próprio filho, que ele prefere a tudo, por quem desiste de tudo, a quem arrulha, e que ele passeia, e por quem espera, e sofre, e anseia, e por quem se sente sozinho e demasiado incapaz, aquém do que é preciso, tímido daquele olhar rigoroso da criança que o trespassa e se sabe insubstituívelmente adorada e perseguida.

No passeio, onde já anoiteceu, deseja como nunca a claridade da visão – e não ainda a coragem da acção – que lhe permita de uma vez por todas alocar o fantasma, entregá-lo ao dono e desfazer-se dele. Quase determina ir de novo ao lago, submeter-se à garra que lhe puxa pela nuca, para poder ver de novo com clareza – e voltar a partir investigando noutra direcção. O que mais o intrigara no Emílio fora isso mesmo, aquele estar inteiro e certo na sua sala, com seu rol de ignotos crimes e cauda de vítimas de breu e mais cinco crianças que amava e inocentemente desconhecia, sobre quem não tinha dúvidas, nem hesitações, nem sonhos dourados, nem delíquios de antecipação, nem vontades de triunfo, nem sentimento de troféu, nem expectativas frustradas, nem vingança, nem ressentimento. Havia um amor que aceitava, descobria, aqueles seres como fenómenos naturais que seguiriam o seu curso sem intervenção.

70

A visita a Emílio não foi, por isto, curativa. O fantasma, enlucado por um cúmulo, um amulo decrépito, tornava-se assíduo, quase violento. Aparecia-lhe inconveniente no duche, acenava-lhe de outra mesa no café, interrompia-se, quase histriónico, quando ele falava a algum conhecido. Mas a urgência de se livrar do intruso vem apenas do imaginar que a besta lhe ronda já o Luciano, e isso impede-o de dormir. Decide visitar em expedição o local do nascimento do fantasma – talvez tocando nas paredes sujas da casa da lenha, onde se deu o caso, procurando por lá algum sinal que lhe abra a imagem toda e o faça lembrar e compreender.

Escolheu um dia de Primavera, quente e doce, para encontrar o que procurava: andou a pé pelos caminhos da aldeia deserta, meteu-se por eucaliptais, saudou os dois pinheiros testemunhas do seu primeiro – e quase único – acesso de fúria infantil. Reconheceu de longe a casa da lenha e os grandes jardins um pouco áridos e despiu-se e tomou banho no tanque e os cheiros eram os mesmos ainda, como era imutável o estalar da caruma debaixo dos pés e para si mesmo, enquanto observava, dizia que fora sua aquela infância de pinhas e de pinhões, zumbidos de muitas moscas, tília imponente e alfarrobeiras, giestas e latadas de buganvílias no meio da planície aberta que protegia; e também uma infância de fogueão a petróleo onde o garratão se colocava invertido. E se partia com desconcertante facilidade.

– Tive um grilo numa gaiola – disse ele a Luciano – quando era da tua idade.

Queria mais uma vez livrar o Luciano do mal de estar sozinho, mas o miúdo olhava para a televisão e o pai não vinha a propósito. Lembrou-se então exactamente de quem estivera dentro da casa da lenha. Emílio tinha um assistente que executava as ordens. Ninguém falava. Todos fixos na vítima, unidos numa campânula quente, suando de medo e excitação. Lembrou-se do nome de quem estava à porta, um rapazinho vivo e cheio de iniciativa,

71

(...
o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
Teme, culs

6. Trindade Filipe :
o 4.5.48 B) Teme → Fant. /

...
o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
Apojo Roche :

o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
A casa do beir de esquadra
Apojo Roche :

o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
A casa do beir de esquadra

o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
A casa do beir de esquadra

o 4.5.48 B) Teme → Fant. /
A casa do beir de esquadra

que lhes pregou um ou dois sustos, antes de ficar de tal forma envolvido na cerimónia que se esqueceu do papel de vigilante e acabou por tomar o seu lugar no círculo. Ele próprio, Cristóvão, fora encurralado contra a parede e sentia a seu lado, um pouco recuada, encostada à pilha de lenha, a sua irmã pequena, que não levantava os olhos do chão. Lembra-se de que estava sentado de pernas cruzadas, encostado à parede do fundo, mesmo de frente para a portinha baixa, que por precaução e experiência tinham deixado aberta, para não levantar suspeitas. E à medida que a humilhação da criança crescia e se encaminhava, inexorável, para a tortura, ele não resistira, incapaz de se opor, e submetera-se ao prazer e à agonia. Actuava em pleno a imaginação de Emílio, encontrando terreno frutuoso no silêncio e na expectativa. E Cristóvão acabara por se levantar de rompante (mas tarde de mais! para o resto da sua vida, tarde de mais!) e atirara-se para fora da casa da lenha de cabeça baixa, ainda numa intenção confusa de escapar e de se vingar; e achou-se a correr pelo jardim em direcção à grande casa onde a mãe passava as tardes com as amigas.

Entrou no salão desesperado. Parado à porta, procurou a mãe com urgência no círculo das mulheres que conversavam e tricotavam, fumando, bebendo café, no ócio das preocupações com os nascimentos e os crescimentos. Distraiu-se sem querer a observar a inventiva com que lidavam com os cigarros, trabalhando nas camisolas sem se desligarem deles, fechando um olho ou dobrando-se de repente para darem fumaças longas como despedidas, enquanto a agulha, inquieta, lhes tremia na mão. E viu que o fumo não as envolvia, por qualquer razão do arrefecimento ele subia erecto no ar, era coado pela luz de uma janela imensa de vidro fosco, rolava em seus arabescos e desvanecia-se algures antes do recto alto. Era uma máquina feita de mulheres. Mas havia claridade nesse fumo. Quando ele chegou à porta e se encostou, ferido, à parede nua, a mãe ria o seu riso fadista.

72

Estrava no centro das amigas, o braço atravessado no peito, a mão pousada no seu próprio ombro, a cabeça inclinada para trás no resto de um sorriso. Acabava de ouvir alguma história, algum dito gracioso, e ele imaginou que ela estava a ponto de cantar. Teve mais uma vez o sentimento de que já chegara tarde à vida dela, que havia de estar sempre onde não devia.

A beleza da mãe fulminou-o. Ficou ali parado na soleira da porta. Não teve coragem de a sujar. Procurando com os olhos alguma salvação, deu com a bovina mãe de Emílio, a plácida Aurélia, nos seus imutáveis vestidos de grandes padrões floridos, o pé gordo inchado antes e depois da presilha do sapato menineiro. Os grandes olhos de coisa inerte, que incluíam mulheres, cadeiras, cafés, crianças, arabescos, troca de palavras, tudo na mesma paisagem húmida, pousaram sobre ele. Fez-lhe um aceno de longe, sorrindo, cúmplice, a despedi-lo.

Começou a ouvir do jardim uns gritos lancinantes. Julgou que vinham denunciar a sua falta de integridade e deprecionar mais uma vez – e definitivamente – a sua mãe. Tremeram-lhe as pernas, o chão fugia-lhe, animado como um abismo. Custaram-lhe muito esses poucos passos entre a porta envidraçada da sala e o telheiro, onde começava a escada que desce para o jardim. Mas à medida que avança, esses gritos que ouvira lancinantes perdem agudeza, tornam-se mera vozaria de crianças no recreio. E quando enfim espreita da esquina, ainda incerto dos passos posteriores, vê vítima e carrascos correndo pelo jardim à volta da casa como loucos, tentando apanhar o Emílio que foge vitorioso, erguendo o ringue na mão.

¶

Sentado no parque, de mão dada com o Luciano, pergunto-me outra vez: se eu me tivesse levantado logo no princípio? Se tivesse

73

(...
o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º)

Tanta, culas

6. Trindade Filipe

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

...
o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

o 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º

tentado impedir a humilhação da criança? Se tivesse corrido a chamar alguém, se conseguisse ter vencido o meu próprio medo, a minha curiosidade? O fantasma desta memória volta ainda de vez em quando, sente-se um bocado desamparado. É um desses fantasmas sem abrigo, e eu acolho-o e deixo-o andar por aqui, desde que ele se porte bem, e não interfira no dia-a-dia.

Ela dizia sempre que nunca na vida poderia ter estado com outro homem. Ele era o seu amante natural. Depois fazia esta coisa incrível: desabotoava-lhe o punho da camisa, puxava-lhe a mão direita até à altura da boca, e beijava-lhe o monte-de-vénus. Ele corava, ela dizia que ele estava a corar, e todos se riam. Os olhos dele pousavam inadvertidamente nos do género mais novo, que baixava a cabeça, apanhado em falso.

Desde que saltara para o barco, perdia o pé. Caminhara até à ponte adiantando-se ao amigo que lhe fazia companhia, o mudo amigo grave. E lesto, elástico, de manga curta apesar da névoa, inspeccionara proa e serviço de bar, imitando um miúdo que excitado imita um miúdo que entra num navio. Distrairam-se depois a seguir a simples manobra da largada, um homem robusto de camisa branca que desengajava num sacão a corda da amarra; o amigo sossegado, atento; e ele fisicamente arrancado da margem, e debaixo dos pés a massa incerta e aquele fio de sentido que se cortava e ele via, pela primeira vez, a amurada viva, uma cerca branca de ferro, e um banco corrido de plástico. A separação racha-o pelo meio - o António Mendonça engenheiro civil

Atiri de Vasconcelos:
 a torre da rocheda
 / Fant. → teme
 (espelhos, espelhos e mato-verde)

Atyjo Roche:
 A casa a beir de estrada
 / Fant. → teme EBNASO

Atyjo Roche:
 o aspecto do hotel ...
 / Fant. → teme EBNASO

6. Thidade Filipe:
 Tent, culs
 / Fant. → teme Balthazar
 (Mendonça)

que ia ver uma obra ao Pinhão, casado com três filhas maiores, um neto macho a caminho – e o outro, uma coisa alheia, um rasto sem luz, não propriamente uma sombra, que lhe dizia dentro da cabeça, impertinente, já estive aqui, sei exactamente o que se vai passar a seguir.

– Tenho sessenta e cinco anos – disse ele ao amigo – e nunca andei de barco.

Espantou-se o Jaime, que reagiu ao espanto com indignação.

E a casa na praia? Os Verões dentro de água? A pesca submarina? Nunca andaste de barco? Nem a gasolina, nem a remos, nem de gaiivota? Fiz agora mesmo essa descoberta, respondeu ele, nunca andei de barco na minha vida.

– E que tal? – perguntou o Jaime.

– Isto não é nada – responde. – Já passa.

Mas as margens afastam-se, por mais que estenda o braço, alongue os dedos, há um momento em que se perde o tacto, agarrado à branca amurada com picos de ferrugem, que deixa tinta nas palmas, para limpar discretamente ao rabo das calças. À primeira curva do rio, à desfilada de pobres aglomerações interrompidas, feias granjas cobertas do embaraço da exposição permanente ao olhar dos barcos, António Mendonça é levado aos tempos da guerra, a lugares sujeitos a tiroteio, a bombardeamento, presos no pesadelo da retaliação.

O outro António Mendonça, de costas direitas, ao lado do Jaime, explicava-lhe, a pedido, o funcionamento da eclusa. Quando deu por si, tinha um círculo de ouvintes não despicindo, ouvintes que surripiavam a informação, não muito próximos, mas fixos nele, lá dando aqui e ali a sua cotovelada conivente ao parceiro, e alguns surpreendiam-se a assentir com a cabeça quando ele fazia a pausa pedagógica, para deixar tudo aquilo ir assentando no Jaime. Mas na eclusa propriamente dita, a olhar para a alta parede negra e límbica, a interrupção do fluir

discreto do barco e a prisão apertada dos paredões do dique romperam António Mendonça, que se subdividiu em quatro, ou melhor, cada um dos anteriores se partiu em outros dois. Um par manteve-se na zona da proa, como pilares a um lado e a outro da cabina enquanto o terceiro pedia *gin tónico* ao empregado do bar e o último, sentado no banco corrido da popa, cobrindo a retaguarda, aguentava sozinho o peso mnésico. Este sabia que vinha aí um penedo, o primeiro penedo do percurso, e sobre ele ia estar um pássaro a que chamaria, quicá imprópria, garça, porque nenhum dos quatro Antónios percebia de pássaros. E ia espantá-lo, uma garça ali, e apenas porque ignorava a fauna daquelas raias margens. Deu por si, na proa, confuso, irrespirável, e os discípulos que o tinham ouvido explicar o mecanismo da eclusão, aceitando por menores e termos técnicos como fatalidades, aproximavam-se de novo, sotrateiros; mas ele calou-se, depois de dizer baixinho ao ouvido do amigo que estava *um bocaco cansado de estar de pé e que se ia sentar lá atrás, a olhar para o tecto.*

O Jaime, apesar de silente, não deixava de ter sensibilidade, e estranhando o característico passe no fraseado – que pôs logo na conta da excitação da viagem –, resolveu acompanhá-lo. Pelo caminho, em lenta proscição sinuosa, António Mendonça via cabeças, umas escuras, outras claras, e nelas estampada a mesma expressão atávica das aldeias, das feias granjas, do trabalho dos campos que escorrem para dentro dos rios, das casas inacabadas e pintadas de castanho, de verde contraditório, pela urgência do trabalho ininterrupto dos campos e dos bichos onde tudo se esvai. A cabeça da vingança. Passou por um grupo que comentava os méritos relativos das companhias de aviação. Preferiam, de uma forma que não tinha apelo, a companhia tailandesa, excepcional.

António Mendonça é que passava um mau bocaco. A transposição do estreito do Carrapatoso, a ascese sufocante, ainda ia durar uma boa meia hora. E aquela profusão de si próprio, espa-

☺ (Luisa) 0.5.4888 B → tano → Fant. / Tano, culo

: 6. Threde Filipe

→ 0.5.4888 B → tano → Fant. /

... 0.5.4888 B → tano → Fant. /

→ 0.5.4888 B → tano → Fant. /

→ 0.5.4888 B → tano → Fant. / A casa o beir de esada Hugo Roche:

☺ 0.5.4888 B → tano → Fant. /

→ 0.5.4888 B → tano → Fant. /

lhada da proa à popa, não o deixava pensar. Procurou concentrar-se nas coisas pequenas: o belo dente incisivo que o sorriso fraterno e ausente dele mesmo, António Mendonça, de cotovelo apoiado no bar; lhe reenviava ao ouvir, do empregado que lhe servia bebidas, as notícias, quaisquer que elas fossem; mas interferia nele, pelo caminho de um Mendonça à sua projecção, o claro céu imenso, e entre o infinitamente pequeno – a mancha branca aqui na unha do polegar – e o infinitamente grande do ar por cima, não havia meio termo, nem escala, nem escaler.

Entravam na velocidade média do cruzeiro quando o Jaime lhe tocou no braço, e ele viu, porque já sabia que ia ver, o solarengo paraíso familiar, a casa ativa senhorial, a mansão otocentista, bem cuidada, buganvilizada, preparada para a visita cerimoniosa e cheia de falsas memórias. E brindaram mudamente os quatro mendonças sem gesto que os denunciasse, aos avós que foram e ainda não morreram, à casarona murcha e melancólica de pais ausentes na guerra, de filhos que dali hão-de sair para os bons países e regressarem vergados ao peso da noiva e do diploma. Mas o velho carvalho centenário...

António Mendonça é agora uno. Absorveram-se as dispersões, é o mesmo exacto da terra firme. E escolhe este momento para gritar um grito que alarma os outros, porque vê o pé do irmão mais velho, Paulo Eduardo Carlos Arronches de Mendonça, primogénito, médico, salvo da guerra para herdar o nome, o pé saindo sob a forma de fumaça, do bico fino da torneira por onde se serve, a pedido, a cerveja de pressão. É que ele sentiu no peito o aperto affitivo desse irmão no barril de cerveja e a forma houndínica que inventou para nascer. Nascendo pelo pé, sob a forma de fumo, o irmão gasoso, salvo da guerra para morrer na Suécia, no frio de um acidente de automóvel, com Elisa, grávida e anuada.

O amigo pega-lhe de novo pelo braço, olha-o, interroga-o. Está genuinamente perplexo. Que irmão? Que é isso do irmão? Tu tens

algum irmão? Nunca me disseste que tinhas um irmão. A encosta era agora tão bonita e ordenada, na sua hierarquia monótona de vinha, o sol batia claro, pregnante, não permitia inconsciência. António de Mendonça ficou-se pelo óbvio: o que ele dizia ser o incidente-chave da sua vida, a noite em que pai e mãe decidiram sacrificá-lo ao nome, e salvar o irmão da guerra. Materialização dessa noite, o dia em que apanhou o avião, aos vinte e dois anos, já engenheiro, alferes, para Angola, trémulo do nome que levava, séquito do nome que levava, e que havia de atrair as balas em rajada.

O que ele agora calou diante do amigo Jaime foi o ataque de riso que ele teve, as lágrimas de riso, a carra amarrada na mão, a notícia formal em que o pai ressentidamente lhe anunciava que o carro do Paulo derrapara lá na Suécia, caíra ao forde, esmagando dois succos de galochas que passavam para a pesca; e que o neto, o neto macho, o que valia, nunca havia de nascer dali. Só dele, António, tem cuidado contigo, quero dizer comigo. António na guerra grávido do seu nome. Ele investigara, muito depois, isso dos fordes, e era consenso geral que os da Noruega eram os mais bonitos.

– Estou farto disto – disse o Jaime. – É água, água e mais água. Vamos em seis horas e meia de água. Saímos na Régua, tenho lá uma tia.

Havia muita realidade na Régua. Era a subir, a tia estava no alto de uma avenida enfarruscada, fazia questão em viver no meio do povo. Adoptara o hábito e os costumes dos chineses, emendara para Liu o seu nome, embora, aos oitenta e cinco anos, já poucos restassem para lhe lembrarem o original. Era pequena e rápida a tia Liu, confessando a António de Mendonça, parado a meio da sala em que se acumulava iconografia mista, que se zangara definitivamente com o Partido após a miséria, a desgraça, a vergonha de Tiennamen. E conduíra, soturna, passando-lhe o copo baço em que servira um Porto: – Aquilo não é uma democracia popular. Não me venham cá com cantigas.

o bndp → tave → fant /
Tava, cala

o bndp → tave → fant /
6. Tivede Felipe

o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /

o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /

o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /
o bndp → tave → fant /

Jaime ajoelhou-se aos pés da tia Liu e ela, com inesperado zelo, encavalitou-se nele. António Mendonça nunca viria tão lesta inválida. O sobrinho carregou-a às costas para a imprópriamente chamada sala de jantar, um quarto repleto de caixotes de papelão onde a tia Liu guardava o *bric-à-brac* das memórias de cinquenta anos passados na China revolucionária. Jaime sentou a tia numa cadeira de braços e continuou a falar-lhe, filial, silvestre, de um laranjal que ali teria havido no tempo do tio Apócrifo, um laranjal que ele dizia perfeito. Liu apontou, num sorriso que era tudo menos triunfal, para a janela da sala escura e abrindo as portadas António de Mendonça, sem ter de se habituar à luz da tarde, teve a *revelação* do laranjal, presumido em suas copas redondas e belos contrastes, quase quase mimoso, nas traseiras da casa burguesa que a tia Liu herdara de um sobrinho-neto, por sucessivos golpes de um destino antinatural.

Jantaram do sacco de plástico que os viajantes trouxeram do supermercado. A tia Liu explicava as incomodidades da sua vida e a forma como ela as tratava, como problemas sem valor que se resolviam por si próprios. Tinha a ajuda de um ex-camarada do Partido, que regava o jardim, apanhava as laranjas e lhe punha coisas necessárias ao alcance da mão. António de Mendonça, comendo, não percebia com rigor em que consistia o ambiente festivo da sala, mal iluminada por um candeeiro de pé com um *abat-jour* vermelho-sangue de franjas, decorado com motivos do realismo socialista. E acabou por considerar que era a positividade e a força anímica da tia Liu que coloriam a sala sincrética de um sopro quase sexual.

Ela fez questão em que passassem a noite. Jaime não lhe sabia fazer frente, a sua autoridade sobre ele parecia natural, e nem foi capaz de lhe chamar a atenção para o facto de não serem já pessoas novas, habilitadas para tais aventuras do dormir intempestivo, e de a parte desabitada da casa estar coberta de pó e a

cheirar a mofo. António de Mendonça ainda teve a veleidade de opor alguma resistência, mas Jaime travou-lhe o braço, fez-lhe um gesto de temporização. E levou-o por um corredor estreito para uma ala da casa que António Mendonça reconheceu perfeitamente. Subiu as escadas já cativo do conhecimento que elas espontaneamente ofereciam. E, entrando no quarto que improvavelmente reconhecia como o seu, olhando em volta, sentiu de novo a vida como nas agudezas da infância, e com um nó na garganta comentou, tal filho prodígio, que alguém mudara o candeiro da mesinha-de-cabeceira. Jaime olhou-o, preocupado:

- Queres que telefone à tua mulher?

Deve ter respondido ao Jaime, não se lembra; sentou-se diante da janela aberta, na *senhorinha* azul, e caiu a dormir. Voava gente à volta dele. Acordou gelado a meio da noite, dentro da imagem nítida do quarto da pensão suíça em que passara com Lucy a lua-de-mel. Era meiga, Lucy, era uma pessoa macia, mas resistente, não se amolgava com facilidade. Ele apertava-a com as mãos e metia-se dentro dela e ela recebia tudo com empenho e agia às vezes por conta própria e depois suspirava e voltava à forma original. O lugar que ela escolhera para cenário da novel actividade era uma estância de esquí, um quarto apainelado a madeira cor de mel e acolchoados garridos na cama de casal, com uma janela rasgada sobre um vale diante de uma parede de montanhas que de vez em quando, em virtude de conjugações amorosas da atmosfera, ficavam azuladas.

Nesse quarto, Lucy, uma noite, a segunda se não a terceira do idílio, tomou certa iniciativa. E António de Mendonça, estarecido, contivera um ataque de riso perante o inesperado oferecimento. Na manhã seguinte, exausto de uma noite reflexiva, encheu Lucy de carinhos, deu-lhe o chá por uma colherzinha de prata, evitando no entanto olhá-la de frente; e quando faziam delicados passeios de mãos dadas pelos caminhos conhecidos,

o. v. b. (v. b. b.) → Tante, cals
Tante, cals

6. Tirdede Filipe

o. b. b. b. → Tante.

o. b. b. b. → Tante.

o. b. b. b. → Tante.

A casa al' beir de esade
Ayo Roche:

o. v. b. (v. b. b.) → Tante.

o. v. b. (v. b. b.) → Tante.

pelo pequeno bosque de abetos nas proximidades da pensão, e iam enlaçados às lojas de *souvenirs*; Lucy tagarelando sobre as paisagens e o resto do folclore local, António de Mendonça aprendia a ausentar-se na exacta proporção das ternas festas que prodigalizava à mulher. Não sabia onde estava. Acusou-se de olhar concupiscente outros casais de esquiadores, de especular sobre o que fariam eles sozinhos em seus quartos apainelados, se todos teriam de aprender a dissimular o mesmo horror. E abismou-se, culpado, no inferno que ele julgava ferver-lhe algures nas profundezas.

O casamento durava há quarenta anos, e eram felizes.

Nessa noite em casa da tia Liu, acordado de repente sem saber porquê, olhando de cima o laranjal, ligou enfim o ataque de riso que ele conteve ao ataque de riso que ele teve; lamentou a viagem que deixara a meio. E sentiu pena de nunca ter chegado a conhecer o irmão, que ele tanto podia ter amado, morto antes de tempo e infrutífero no amor desde então.

Luz mutável nos montes. Nuvens rápidas criam sombras na ondulação da erva. Depressões leves cobertas de musgos e mato raso descendo a perder de vista, uma sugestão muito fina de haver mar, fora do alcance dos sentidos. Aqui e ali o lombo de um penedo, um charco de rãs, um muro de silvas. Mas nada quebra o espaço aberto que desliza. O ar é azul de manhã, quase sugerindo temperatura ideal eterna, mas o vento sopra de popa, de trás da casa, e da varanda sobre a planície sente-se a vertigem de um ponto de fuga. Pelo carreiro que serpenteia, acompanha-o à esquerda um canavial, passa uma clareira e um pinheiro retorcido como uma labareda, antes de a curva descer e deixar de ver a casa. Oculto, respira, continua.

É a primeira vez que estão os dois sozinhos numa terra estranha. Quiseram casar como sempre tinham vivido, no meio da grande família e dos amigos antigos e concordaram passar depois um mês longe. Escolheram um longe com água corrente, o exotismo de uma língua que não compreendiam, e a aventura da solidão. Vinham sedentos um do outro, passaram os três primeiros dias na cama. Nos intervalos, olhavam-se de muito perto, sem

≡ (1972) Beleza → teme → teme → teme

Tem, cala

6. Trindade Filipe :

Tem → teme → teme

Tempo → teme → teme

Tem → teme → teme

Tempo → teme → teme

Tempo → teme → teme

Tempo → teme → teme

falar. Fizeram um passeio a pé, e nele zangaram-se sem saberem dizer porquê. Estava muito vento, ele avançava diante dela, vigo-roso, alerta, enfeitado por tudo quanto via. Ela não respirava bem em campo aberto, os olhos não tinham onde pousar. Decidiu voltar à casa.

Na varanda, sentava-se velhíssimo o casal harmonioso, balançando lado a lado nas cadeiras, de manta sobre os joelhos, embora o vento pouco refrescasse o calor abafadigo. Levantaram os olhos do livro único que liam, de cabeças encostadas, para lhe sorrirem, mas abstraídos, como se ela fosse mais uma nuvem do céu. Nina vivia seduzida no temor por estes velhos. De manhã, no quarto, aninhados um no outro, ouviam-nos conversar na cozinha a fazer café, ouviam-nos na sala, ouviam-nos depois enquanto preparavam o almoço, num diálogo ininterrupto, onde não havia alterações de tom, nem emoção vária, nem pausas longas, apenas o diminuto silêncio da hesitação. Quando o jovem marido saía para o passeio da tarde, ela ficava a dormir no quarto, gozando o abandono, e ouvia os donos da casa a zumbir na varanda, a mulher lendo alto passagens de livros, recortes de revistas, e recomçava o vaivém do comentário. Ouvia-os depois no jardim virado ao vento, plantando e podando, e de novo na cozinha, e na sala, e insonse, ouvia-os às vezes ainda pela noite dentro, inescrutáveis.

Ele não resistia a ir cada vez mais longe. Não estabelecia metas, não registava feitos, simplesmente não conseguia impedir-se de ir todos os dias mais longe e de voltar a casa cada vez mais tarde. Nesse primeiro dia em que se zangaram sem saberem porquê, ele desceu a ondulação que se abarcava da varanda, virou a curva do pinheiro e desapareceu. Chegou a um lago onde encontrou uma mulher muito branca, nua, que lhe estendeu os braços. Ele despiu-se e banhou-se com ela; não teve medo, soube que ela o aceitaria logo e abraçou-a e toda a tarde a abraçou, até cair a

o. v. b. (1944) Babel em t. - Fant /
Tema, tema

6. Thirdeed Filipe

o. b. b. b. em t. - Fant /

o. b. b. b. do b. b. b. o
Hugo Roche n. b.

o. b. b. b. Tema - Fant /

A casa d' beir de esada
Hugo Roche :

o. v. b. (1944) Babel em t. - Fant /

o. v. b. (1944) Babel em t. - Fant /

noite e ela se afastar, desvanecendo-se algures, talvez dissolvida na água do charco. No outro dia passou o lago e alcançou um bosque onde encontrou um sábio que toda a tarde lhe disse coisas sábias que ele fez o possível por nunca mais esquecer.

A mulher especulava sobre o que diriam os velhos um ao outro. Talvez falem sobre as memórias que têm, disse ele, à noite, na cama. Não há fotografias na sala, em lado nenhum, não há retratos de filhos, de pais, nem deles próprios quando novos, disse Nina. Talvez comentem factos da vida das aldeias, disse ele. Aposto que nunca saíram daqui, disse ela, não conhecem mais da terra que a casa deles. No dia seguinte, intrigada, perguntou-lhe: Achas possível que eles estejam a discutir o sistema métrico? Ele não estranhou a pergunta. Tinha-os visto acalorar-se pela primeira vez sobre o comprimento de uma corda de jura e o homem parecerá inflexível. Não dizia nada, limitava-se a negar, abanando a cabeça, de olhos fechados.

Quando ele saiu no dia seguinte para o grande passeio, ela tirou da mochila a tela e os óleos e pôs-se a olhar para a planície. Mas o que queria verdadeiramente pintar era em linhas gerais o movimento sincronizado do casal harmonioso a pôr a mesa do jantar. Ele a toalha, ela o jarro do vinho, ele o talher, ela os guardanapos nas argolas, aos pares, primeiro dois, depois outros dois, tudo isto quase sem levantar os pés do chão, com torções leves do tronco, e quando um avançava a mão direita, o outro recolhia a esquerda, unidos pela cabeça, abaixo do candeiro. Era um presépio pitoresco em que acumulavam as funções de pai e mãe e burro e vaca. E estrela do presságio.

A planície não se deixava representar. O vento mudava as cores constantemente, distraía das formas que se tornavam vagas, debotavam do perímetro e pareciam elas mesmas aparções haladas. Dedicou-se primeiro à esquadria e ao parâmetro e obteve em traços grosseiros uma paisagem semelhante na forma

a um penico, e na alma, a um alcoólico viciado no jogo. Ele, pelo seu lado, depressa entrou numa área rochosa, curioso do que iria acontecer. De trás de um penhasco saiu-lhe ao caminho um bando de malfetores que, por lhe poderem roubar pouco, lhe deram muita muita pancada. Ficou a sangrar, depositado sobre um penedo, mancou até casa já noite feita, e deitou-se na cama onde Nina sonhava aflita que ele era espancado por um bando de ladrões.

Continuou no dia seguinte o projecto da planície, enquanto ele se afastava armado de varapau em direcção ao pinheiro. Ia decidido a vingar-se, para não perder a face diante dela. Ela aceitou desta vez como princípio a mancha e a marcação do território específico da cor. Ouvindo os velhos mecânicos por um lado, os efeitos construtores e destrutivos do vento por outro, e atraída pelo seu entrosamento, percebeu que devia tentar na tela a representação de uma máquina mutável enquanto o jovem marido vagueava pelos campos envenenados. Abandonou-o o impulso de caminhar a direito. Tornou-se um suspeito, de desvio em desvio.

Quando voltou, percebeu que ela também não conseguia pinhar. O vento parou ao fim da tarde, a luz mudou, sujou o campo, eles sentaram-se na varanda e magicavam, cada um por si, na maneira de resolverem o problema. Na cozinha, como autómato, os velhos tomavam comprimidos. Acho que é suicídio conjugal, disse ela. Andaram a estudar venenos todo o santo dia, têm para ali um armário cheio de soníferos. Ele sentiu o sonífero pertencendo à ordem vegetal, como junípero, conífera. Sei até o que discutiram este tempo todo: a forma de morrerem e quem ia primeiro. Devem ter pensado em atirar-se da falésia, devem ter pensado em enforcar-se os dois em simultâneo saltando sincronos das cadeiras para o ar, devem ter pensado em deitar-se na cama e deixar-se morrer de inanição. Estás a ver que se calaram

finalmente? Tomam os comprimidos segundo o método um para ti e um para mim. Não querem cá ficar um sem o outro e não sabem se têm coragem de levar a coisa até ao fim. Ele não achou estranha a fantasia. Disse que deviam ser vitaminas, para ficarem mais fortes, aguentarem mais um Inverno. Que se eles se calassem muito tempo teriam de pedir ajuda e chamar alguém que os levasse ao Hospital. Achas que tudo isto é por nossa causa? perguntou Nina. Não vejo como possa ser por nossa causa, respondeu Nina.

Havia fogo ali perto, ouviram gritos, o ar encheu-se de fumo e de fuligem. Eles desceram a correr, dobraram a curva do pinheiro e viram que ardia o campo todo, o mato, a erva, os troncos vergados da norrada, e o charco, como um olho de outra natureza, posto de parte, escusava-se por não ser inflamável. Mas imitava, na superfície, um vermelho carnudo, e o amarelo cádmio das labaredas que em volta subiam a pique parecia na água transformado em ocre num fundo de terra de sombra queimada. Como não viram ninguém, foram forçados a concluir que quem gritava eram eles: ela viu os verdes exactos que havia de usar, e recolheu uma mancha de terra com que dar aguada na tela. E ele amparou-a, ajudou-a a palmilhar o campo e não lhe estranhou a fantasia.

(1.1.1944) B. em t. - Fant. /
Tens, tens

6. Trindade Filipe

o b. b. b. em t. - Fant. /

o b. b. b. do b. b. b. /
o b. b. b. do b. b. b. /

o b. b. b. em t. - Fant. /

A casa d' beir de es. b. b. b. /
A casa d' beir de es. b. b. b. /

o b. b. b. em t. - Fant. /

o b. b. b. em t. - Fant. /

Atori de Vasconcelos:

a torre do cacado

/ Fant. → tema

trajin, espelhos
e manta-uvro

Hugo Roche:

A casa d' beir do estado

/ Fant. → Tema

ESPOJO

Hugo Roche:

O aspecto do hotel ...

/ Fant. → tema

ESPOJO

G. Trindade Filipe:

Tentaculos

/ Fant. → tema

Baldão (Maldão?)

À porta, um homem alto e louro, num excelente fato escuro, fala em surdina com a sua própria imagem. Tenta convencê-la, espera a resposta, escuta, pausa, pensa e insiste. O polícia olha-o, paciente, ensaia um gesto de apreensão e recua um passo, com uma frase simples. É um diálogo respeitoso que Vânia, sentada à mesa, de frente para a grande praça da catedral, não vê. Anota no caderninho de viagem que tem de organizar melhor o tempo se quiser chegar a ver tudo: «Mas às vezes o que parece desorganização é uma forma da afirmação da liberdade. Prefiro ser desorganizada, porque assim ao menos sei que estou viva. Gosto de me perder na cidade.» Na mesa do canto, quatro homens de chapéu jogam convictos às cartas e fumam sem mãos, uma habilidade que a entusiasmo a ponto de escrever: «Extraordinárias figuras de negro, de uma dignidade! Não falam, fumam, devem passar os dias aqui, no café, a jogar o tempo nas cartas.» Quando se levanta, eles desviam os olhos para ela um instante, um deles comenta, os outros dão uma risada e voltam ao jogo.

Vânia atravessa a praça em passo elástico, cheia de si. É assim que se sente, assim escreveu: «Estou cheia de mim. Aprendo

quem sou. Estes dias de solidão têm-me ensinado tanto!» e entra na catedral e olha para o altíssimo tecto em abóbada e admira a luz coada e procura no guia a explicação dos vitrais e senta-se à experiência dentro do confessional. Recolhe-se num banco traseiro a olhar para a cruz cravejada de preciosidades. Aprecia o clima particular desta igreja, fresco e seco, povoado de imagens carnudas em molduras pesadas, um predominante tom bojudado, uma curiosa falta de elevação, escreve: «Tudo pode ser belo. As cores, os cheiros, os ruídos. Tudo é apreciável. Sobre tudo este silêncio especial.»

Cá fora, o mendigo sem pernas estende o braço compridíssimo, a mão em concha, quase um bengaleiro. As longas barbas escondem o pescoço encardido, o olho radio segue duas velhas que se afastam agarradas aos *porte-monnaies*, enquanto o outro fixa Vânia com avidez. Começa a contar-lhe um por um os motivos do seu infortúnio. Vânia sorri, procura uma moeda para lhe dar e uma palavra do pobre léxico comum, segue caminho para o museu de arte antiga, estudar o princípio da perspectiva. No programa da tarde, ainda há o museu de figuras de cera e uma virgem miraculosa de cujos olhos flui um rol de incertezas. Para descansar dos profusos monstros do museu («os pesadelos também podem ser úteis e importantes», anotará antes de dormir um sono profundo de dez horas seguidas), Vânia senta-se numa praça protagonizada pela estátua dramática de um herói da resistência, rodeado de arcada românica, e escreve, a pensar no desmembrado anterior: «Não sei o que ele me dizia, mas tinha um ar tão sereno, uma figura de um quadro, um Job que perdeu tudo e que vive ainda, que ainda pode vir a ser feliz de novo.» Um bando de mulheres escuras, de garridas saias rodadas até aos pés, conversa de criança escarranchada na anca. Os meninos, bamboledados a um lado e a outro na consequência do diálogo das mães, olham-se, hostis. Vânia sente-se bem, está um sol frio,

admira o equilíbrio da arcada e a relação interessante que estabelece com o retorcido sofrimento do herói (que ela vê «lírico»), enquanto as mulheres a observam de viés e comentam entre si. Uma delas decide-se a avançar, quando se ouve o eco de uns cascos, e surgem a propósito dois oficiais de polícia a cavalo, dourados e emplumados, que as fazem dispersar espavoridas.

Cai o sol de repente, a temperatura desce a pique e Vânia decide continuar de autocarro. Na paragem, um cego, confortavelmente abancado, pena traçada, balançando a chinela, microfone na mão, declama explícito em três línguas o que se imagina, pela toada, serem poemas, acoplados ao seu pedido de esmola que termina em qualquer coisa mastigada e espirrada que soa a *shustalachi*. Vânia entra no autocarro a sorrir para si mesma e senta-se num banco de dois lugares; à sua frente um senhor de certa idade, muito bem posto, hesita antes de se lhe dirigir em Francês, será esta a primeira vez que se encontra ela na nossa magnífica capital europeia? E que pensa ela da catedral compacta, bombardeada e recompilada? E do grande castelo em que o betão substituiu com vantagem a pedra destruída? De monumento em monumento, este senhor, depois de se certificar de que ela passava ali uma semana sozinha, convidou-a para jantar na residência, no dia seguinte, com ele mesmo e a esposa e estendeu-lhe o cartão de visita. Vânia aceitou, pediu algum esclarecimento sobre como chegar e despediram-se amigos.

A paragem seguinte encontrou-a a pensar no Marcos. Era uma pedra na construção do seu castelo. «Do meu palácio», escreveu. «Cada momento, cada pessoa, é uma pedra, é um degrau na construção da minha história. O Marcos foi importante, ficou para trás. Anseio descobrir tudo, ver o mundo todo, conhecer toda a gente, conhecer-me.» Passava agora na zona do mercado. Não ouvia os gritos dos vendedores que a chamavam. Dois gatumos espiavam, combinavam acostar-se-lhe, um havia de distraí-la, o

(L. Costa G.)
e. 4. 5. 4. 3. 2. 1. Fant. /
Tema, culs

: 6. 7. 8. 9. 10. Fant.

o. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /

...
p. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /

o. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /

o. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /
A casa d'beir d' esado
Hugo Roche :

(L. Costa G.)
e. 4. 5. 4. 3. 2. 1. Fant. /

o. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /

o. 1. 2. 3. 4. 5. Fant. /

outro passava a correr e levava-lhe o saco. Para Vânia, boiando na multidão, as caras eram uma cara. Os gritos, música. Passou uma menina, toda de azul cerúleo, a saía rodada com uma barra de bordado inglês, e vinha pela mão de sua mãe. Ao passar, sem uma olhadela, toda clandestina, tocou os dedos de Vânia numa festa deliberada. Mais uma vez ela se sentiu eleita, rodou sobre os calcanhares e seguiu-a. Os gatinhos abanaram a cabeça, ela saía já do mercado, estava fora da sua zona de actuação. E Vânia atrás delas, enquanto mãe e menina se embrenhavam apressadas nos becos do bairro antigo, e cada vez por mais negra ruela, mais sórdida betesga, mais subtil atalho, mais inconformado carreiro, até as perder de vista, enfiadas pela abertura escavada num muro, e do outro lado uma praça abandonada por onde avançavam três homens curvados contra um vento que soprava súbito, gelado.

Estrava escrito no guia, na zona dos perigos: evitar o bairro antigo à noite, onde se juntam os ladrões; as traseiras da sé a toda a hora, onde se vende droga, mulheres e crianças; e o terminal das camionetas, o fim das linhas. Vânia passara em branco essa página. À noite, antes do sono beato, lia romances contemporâneos de moralidade simplificada. O guia servia-lhe, por isso, apenas como director de curso. Terve frio e despachou-se para o autocarro. Pediu ao condutor que lhe dissesse onde devia sair, perto da pensão. Ele acenou e assentiu. Mas numa curva do bairro antigo disparou e num instante se encontraram em avenidas largas de desenho imperial, com seus renques de plátanos e um pequeno arco que imitava bem o do Triunfo, por onde passaram as seis pessoas anódinas que cabeceavam, um travesti chorando e um par de drogados que, alertas, trocava comentários repetitivos. E Vânia anotando, em letra estremeçada, no seu caderno de viagem: «Vou contar o tempo a partir daqui: o tempo da minha primeira aventura. Agora, começo.»

O autocarro, entretanto – e muito gradualmente – transformava-se em camioneta. Começavam a ver-se os bairros de barracas e as semi-hortas, as instalações eléctricas ecléticas, fábriques e fumos esbranquiçados na noite de breu e um cheiro químico que picava. Seria ainda a mesma cidade? Ao levantar a cabeça do caderno Vânia encontrou-se sozinha diante de uma praça imensa, escura, deserta, ao fundo da qual se recortava nitidamente a fachada de ferro e vidro da estação de comboio iluminada. O condutor desaparecera com os passageiros. A camioneta recolhia-se, junto de muitas outras, fantasmagóricas, desabitadas, de luzes acesas, em fila no fim da linha. Vânia arrumou o caderno e saiu, espreitando pelo vidro à direita e à esquerda. Estava no terminal das camionetas, tinha de atravessar a praça, caminhar para a boca da estação e apanhar o comboio para voltar à cidade.

Dava o primeiro passo quando viu, ao longe, três meninas e as suas seis sombras, fugindo de dois enormes marinheiros louros. Os marinheiros vão descompostos, cambaleiam, falam alto, excitados parecem persegui-las, querer agarrá-las. Elas correm aos tropeções nos sapatos enormes de salto alto, param, dão gritinhos, olham para trás, ensaiam a fuga, param de novo. Mas se os marinheiros param, elas avançam um pouco para eles, fazem uma espécie de dança infantil, guerreira, e recuam de novo, mantendo a distância. Os marinheiros localizam Vânia, esbracejam numa aflição de bêbedos, desviam a marcha e dirigem-se para ela, em altos brados, apontando as meninas. Vânia agarra bem o saco e corre para elas. «Stop, stop» diz, perdendo o fôlego. Abrandam o passo, esperam que Vânia as alcance. São três meninas chinezas, franzinas, sujas, desgrehadas, que não têm mais de dez anos. Agora consideram Vânia hostis, em silêncio, de alto a baixo. Os marinheiros pararam a meio da praça, abraçados, prestando o desfecho. Quando as meninas cercam Vânia, ela volta-se para eles a calcular a distância, vê-os estenderem-lhe um braço teatral,

(1.º. 5. 4. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851. 852. 853. 854. 855. 856. 857. 858. 859. 860. 861. 862. 863. 864. 865. 866. 867. 868. 869. 870. 871. 872. 873. 874. 875. 876. 877. 878. 879. 880. 881. 882. 883. 884. 885. 886. 887. 888. 889. 890. 891. 892. 893. 894. 895. 896. 897. 898. 899. 900. 901. 902. 903. 904. 905. 906. 907. 908. 909. 910. 911. 912. 913. 914. 915. 916. 917. 918. 919. 920. 921. 922. 923. 924. 925. 926. 927. 928. 929. 930. 931. 932. 933. 934. 935. 936. 937. 938. 939. 940. 941. 942. 943. 944. 945. 946. 947. 948. 949. 950. 951. 952. 953. 954. 955. 956. 957. 958. 959. 960. 961. 962. 963. 964. 965. 966. 967. 968. 969. 970. 971. 972. 973. 974. 975. 976. 977. 978. 979. 980. 981. 982. 983. 984. 985. 986. 987. 988. 989. 990. 991. 992. 993. 994. 995. 996. 997. 998. 999. 1000.

Tenda, curules

6. Tirzede de Fant.

o bnt B Fant. ← Fant. /

o bnt B Fant. ← Fant. /

o bnt B Fant. ← Fant. /

o bnt B Fant. ← Fant. /

o bnt B Fant. ← Fant. /

o bnt B Fant. ← Fant. /

uma advertência solene, e depois as meninas falam rapidamente entre si e dão-lhe pequenos empurrões, pequenos toques e uma agarra-lhe a mão e puxa-a em direcção à ofuscante fachada no final da praça. Vânia sente a sua primeira dúvida que começa como um desconforto nas barrigas das pernas. Liberta a mão, ultrapassa as meninas, de corrida chega à porta - e é engolida nas fauces da luz.

Acorda com o barulho das *lambrettas*, a cabeça a estalar do calor e do *valium*. Não há maneira de fugir ao ronco omnipresente, lançadas nas vielas em competição, correndo no Lungotevere por entre os carros. É *ferragosto*, feriado cumprido a rigor, a única distração é comprar mapas da cidade e programas culturais nos dois quiosques abertos no centro, para acabar a seguir turistas no carril Piazza Navona, Panthéon, Fontana di Trevi. Onde quatrocentas pessoas de todo o mundo se sentam, sedentas, contemplando a pouca d'água.

O mar propriamente dito fica a milhas e o percurso inclui autocarros e comboios; aqui estão trinta e cinco graus de poluição densa, como numa sauna pantanosa em que se desprende a custo o pé do verde limo, e a gente se arrasta no ruído das *vespas*, o caldo, a alma, a forma, o fundo de onde se eleva o fragor ao longe dos carros, e junto à porta, na viela, os gritos limpidos das romanas pelos seus homens e pelas suas crianças, que ficam a reverberar solitários nas vogais abertas e sobem pelas paredes até à água-furtada sufocante onde dorme no chão, de janela aberta. É o terceiro dia em Roma, não sabe já dizer se o barulho está nela

(Fant. → Teme ^(M. D. S. J. P.) Basilis)

Teme, culas

6. Trindade Filipe :

(Fant. → Teme ^{EP} EP)

Hugo Roche r. : O aspecto do hotel ...

(Fant. → Teme ^{EP} EP)

Hugo Roche : A casa à beira do estado

(Fant. → Teme ^{EP} EP) espelhos e portas-vidro

Atori de Vasconcelos : a torre do cad

ou na cidade. Dá por si a folhear o programa das festas e a procurar, em vez das tradicionais feiras culturais que animam o Verão da Europa, a secção dos hotéis, dos hotéis com piscina. Telefona para os dois ou três recensados, inquire sobre as medidas da piscina e a afluência, o meio ambiente, a extensão do parque e não se esquece de perguntar se a gerência garante o sossego. A rececionista, uma voz fresquíssima, ri-se, e garante.

O hotel é no extremo oposto da cidade, ela atravessa em vários autocarros, enganando-se no sentido, usando generosamente o passe semanal e encontrando-se com o Vaticano, que tem andado a evitar, pelo menos duas vezes. Nisto leva uma hora e meia e enfim, no calor esbrascante das doze, chega ao destino. Paga o que lhe pedem para entrar, senta-se num suspiro na cadeira de piscina, à sombra, no meio de um parque imenso, de colinas mansas, relvadas, e árvores singulares, de muita história. Abre as suas *101 Histórias Zen*, reclina-se, suspira de novo – ao longe ainda ouve o zumbido das máquinas na cidade que ela escolhe ignorar, seguindo já a lição da leitura – e ao suspirar ouve o som pertuante do martelo pneumático que se lhe desatara nesse instante mesmo por trás da cabeça. Olha em volta, súbita e apavorada. Os banhistas mantêm-se de olhos fechados, ou lendo revistas de *jet set* internacional, impávidos. Parece ter aterrado num mundo em que só ela via, só ela ouvia. Ao empregado que lhe passa ao alcance da mão, levando *cocktails* de bandeja, pergunta retórica que barulho é aquele e se estará demorado. Percebe que estão a fazer obras na piscina interior. O empregado ri-se ao informá-la. Tem orgulho na piscina interior. Pergunta-lhe se quer beber alguma coisa, faz um gesto na direcção do *cocktail*, como se pudesse ficar logo ali. Ela recusa, escandalizada à ideia de ficar com a bebida destinada a outro, olhando de novo em volta à procura de apoio, que não encontra. Tenta a leitura, desiste. Levanta-se para dar um passeio pelo parque, vê a piscina interior

ainda sem tecto, de perfeita colunata neoclássica, que gente do Leste constrói determinada e obtusa. Senta-se enfim protegida por um chorrão imenso e continua a leitura.

Soyen Shaku morrera aos sessenta e um anos, deixando um largo corpo de discípulos e ensinamentos. Durante o Verão, os discípulos podiam fazer a sesta, embora ele próprio fosse incansável na meditação e nunca dormisse de dia. Diz-se que quando tinha doze anos e era discípulo aplicadíssimo, uma tarde soçobrara, exausto. Dormiu três horas profundamente e acordou em sobressalto, à entrada do mestre, que estracou na soleira, confuso, embaraçado.

– Perdoa-me – murmurou o mestre, recuando – perdoa-me. E saíra em pontas de pés, como se o discípulo fosse um hóspede muito ilustre. Soyen Shaku, dizia a moral do conto, nunca mais dormira de dia.

O martelo pneumático parara para almoçar, sacara da marmitta e sentara-se com os três homens do maço e do picão. O capataz, assim como vigiara franzido o trabalho, vigiava agora o recreio, em pé, ao sol, comendo a sanduiche, na mão esquerda a lata de cerveja. Ela aproveitava o silêncio, correra para dentro de água. É insufficientemente cantado o eco das vozes nas piscinas, como se refractam na água, se tornam múltiplas de si próprias, parecendo sair de paredes, de planos imateriais, de recortes, da natureza das miragens. Mas a água estava morna, uma velha americana atléctica fazia vinte e cinco piscinas inalterável, em linha recta, à alemã, passando por cima de quem estivesse. Ela saiu para se deitar na cadeira ao sol, mas ansiosa, lançando de quando em vez o olho aos operários que agora fumavam em silêncio. Descansar depressa, dormir de dia. Saltam então dos buchos para a borda da piscina dois portentosos pançudos e começam a jogar à bola. Acertam à primeira numa senhora que lhes acena diplomática de longe, compondo o chapéu de palha. A alegria deles é indizível

(... 5.4.82) Tem +. Fant /
Tema, tema

: 6. Trizade

o h b B Tem +. Fant /

... o h b B
Hugo Roche r.

o h b B Tem +. Fant /

A casa d'beir de esado
Hugo Roche :

o h b B Tem +. Fant /
Soyen Shaku r.

o h b B
Otri. de Vasconcelos :

e perante a indiferença dos sentados nas cadeiras de repouso, chega ao rubro quando se lhes junta um terceiro gigante ruivo e cor-de-rosa, coberto de anéis e fios de ouro. Jogam na pedra escaldante, defronte de uma tabuleta que expressamente proíbe um rol de actividades, entre elas, e prioritariamente, jogar à bola.

Exasperada, abre os olhos, senta-se, torce o cabelo para escorrer a água e está para se levantar e ir pedir a intervenção dos empregados, quando são eles próprios que intervêm para se reunirem aos outros em algazarra futebolística, com passes cheios da arte dos latinos. Os dois jovens bem-parcidos, vestidos de branco a preceito e chapéu de palhinha – o hotel é de cinco estrelas –, demonstram assim aos outros, talvez russos, a superioridade da finura sobre a força bruta, ainda que lhes escape a bola duas ou três vezes para os pés das cadeiras neutras.

Voltavam ao trabalho na piscina interior. O martelo pneumático insiste agora num troço particularmente moroso e ela ganha coragem para a travessia de volta ao Trastevere. Mas quando abre os olhos, nuvens formam em castelo no horizonte. A luz muda de repente, é uma luz vítreia que desce sobre as árvores e as santíficas, inefável, quase efeito especial; ao longe, relâmpagos cortam o céu a seco. As várias nacionalidades interpretam esta mudança do tempo conforme o carácter do folclore respectivo. Mas o céu carrega de tal modo que não dá azo a mais do que uma versão. Mães pedem a pais que dêem às crianças ordem de recolher. Os últimos dos optimistas drapejam toalhas turcas sobre ombros abandonados e começam a guardar os colchões das cadeiras que, por uma razão qualquer, podem molhar-se apenas de água com cloro, nunca de água da chuva.

Rebenta a tempestade. Grossas bagas batem no chão fumegante. Os jogadores abandonam enfim o campo, os empregados fecham os guarda-sóis. Ela fica sozinha na piscina, puxa a toalha

para o queixo, sorri. Adormece. Não vê, a uns três metros, um raio abater-se sobre um cipreste e rachá-lo ao meio. Acorda uns minutos depois – e pareceram cem anos esse sono encantado – com a chuva em cachão sobre a cara.

Entra no táxi a pingar.

O condutor ouve com atenção pelo rádio todas as chamadas, próprias e alheias. A voz nasalada da telefonista anuncia lugares. Recolhida no carro abafado, vê passarem *lambrettas*, agora quase insonoras, do lado de lá da janela fechada. Numa inesperada corrida sem obstáculos no Lungotevere, avista um pouco à frente do táxi um rapaz numa dessas *lambrettas*, em tronco nu, de calções pelo joelho, descalço. Da *T-shirt* fizera turbante, de onde se desprendiam os cabelos compridos, molhados, voando pesadamente. Na omoplata tatuara as armas do Lazio. Ia devagar, no meio da estrada, de peito feito, gozando a chuva. Os carros abrandavam, lançavam-lhe um insulto, contornavam-no e seguiam. Quando passou, ela quis ver-lhe a cara. Mas ele furtou-se, virando a cabeça nessa altura, manobrando para se escapar por uma rua à direita. No dia seguinte, ela parou muitas vezes à porta de lojas de aluguer. *Vespe cinquanta mille lire al giorno*. Mas arranjava sempre um bom pretexto para não entrar.

...
 0.9.5.4.8.2.1 Fant. → Teme

Teme, Teme

6. Tirade de Filipe

0.9.5.4.8.2.1 Fant. → Teme

...
 0.9.5.4.8.2.1 Hugo Roche r.

0.9.5.4.8.2.1 Fant. → Teme

Hugo Roche:
 A casa à beira do estado

...
 0.9.5.4.8.2.1 Fant. → Teme

0.9.5.4.8.2.1 Fant. → Teme

Antônio Vasconcelos:

a torre do cacad

/Fant. → *uma* *capim*, *espelha*

e *matto-uro*

Hugo Roche:

A casa à beira do estado

/Fant. → *teme* *EPYGO*

Hugo Roche:

O aspecto do hotel ...

/Fant. → *teme* *EPYGO*

G. Trindade Filipe:

Tenda'culos

/Fant. → *teme* *BASTIÃO*

(*mitos...*)

No momento em que escreve acendem-se três imagens: na primeira, um casal de gabardinas atravessa um parque de estacionamento subterrâneo, na segunda uma mão fechada em punho é esmagada numa janela de guilhotina por uma mulher que faz chantagem e a terceira, menos nítida, tem uma leoa sentada na savana, mas é uma imagem em que se ouve apenas crepitar o calor no capim. Provavelmente não é imagem tão cacofônica como a frase em que aparece. A palavra tração vem já associada à segunda imagem, levou seis meses a aparecer a palavra da primeira, que veio a ser *subcutâneo*, na óbvria dependência de subterrâneo. No entretanto, as imagens, apagadas, nada produziam. No momento em que não escreve, especula sobre as razões da improdutividade.

Isso apareceu numa altura em que se perguntava muito sobre o trabalho que fazia e o tempo que ainda lhe restava para o fazer. Ânasia de plenitude e vazio do que viria, e o verso de Shakespeare, *that every word doth almost tell my name*. Outra parte de si, mais remota, garantia-lhe que houvera vida antes e vida viria depois, com certeza, provavelmente, sem dúvida alguma,

talvez. Ouvria a música, mas ali ficava, inerte, vozes desinteressadas que depressa se esqueciam do seguimento para dizer e ouvir. A coisa chegou ao ponto agudo de já não acreditar quem era. Não deixava era de ensaiar.

Fazia espaço à volta e por dentro, para ouvir. Não conseguia senão dividir-se por fases, por temas, por letras, por iniciais, por meias tintas. E o espaço vazio não era senão espaço vazio. Mas duvidava de que fosse vazio. Ia descendo uma parte para o sono, uma página que lhe adormecia as pernas, outra página que lhe chegava ao peito, por fim a frase que lhe fechava as pálpebras, e não queria falar disto, porque queria falar de muito pouco, e logo depois um solavanco e era de novo um ser desperto, oco.

Seguiu-se um período de viagens. A segunda imagem estacara, mas ainda lhe parecia, por veia da angústia, a que mais havia de lhe bem soar. A mão em punho na guilhotina da janela e a palavra tração, flamejante, tão clara que proibia tudo. Depois, omnipotente, julgou que essa proibição lhe era imposta de si para si e que, uma vez compreendido e descrito tal fenómeno, flutiria sem dúvida, talvez, da janela para dentro, onde o resto da mão, o pulso, o braço, quem sabe a cara, se mostrariam ao trabalho de os mostrar, rendidos.

Seguiu-se o mar e o horizonte. A música não vinha. Um dia disse alto para si que não forçasse a imagem a falar, muito menos a palavra a revelar-se, e conformou-se. A música também podia ser *appoggiatura*. A que quase não existe, fruto de uma ânsia do compositor, do exibicionismo do cantor.

Seguiu-se a sedução da Musa. Constatava que não lhe queria. Se dizia é isto que eu sou, é isto que eu faço, no mundo acenavam uns para os outros, comentavam entre si, com olhares de inteligência – é isto que é, é isto que faz. Mas a Musa parecia querer mudar. Era uma velha Musa ronqueira, que já amava o

seu conforto, os seus cremes de corpo, as suas momices. Mas não se considerava pronta ainda para a cadeirinha, queria fazer coisas, esta Musa, queria muito *fazer coisas*. Era fácil seduzi-la, era como dar rebuçados a uma criança. Começou pelo clássico escrever de poemas de amor em condições atmosféricas excelentemente propícias: luas-cheias, praias desertas, noites de promontório, serenas, desenhadas apoplexias da beleza natural, e outras paisagens que camuflassem a verdade – *time's thievish progress to eternity* – paisagens tão lisas que se escorregava por elas à medida que escorregavam por nós. E a Musa, mocha e raposa velha, fingia *a-dor-rar*, e já estava afinal com imenso sono e heterodoxa vontade de conhecer outras paragens.

Seria a história daquela dissensão? Dos dois separados no estacionamento subterrâneo, ela um pouco à frente, falando pelo canto da boca para ele que a seguia, irreflexiva, sacudindo os ombros, a ele pré-agredido, pré-agredindo, mas esperando ainda a concordância, a anuência dela? E a náusea de mais uma e outra histórica! A violência de lhes entrar no entremeto e especular em proveito próprio! Ele é algum *gangster*, algum detective, algum meteorologista e ela arqueóloga? Num a pinclada, golpe de arco, defini-los pelas coisas pequeninas deles, mas é ela que retira do bolso fundo da gabardina masculina uma pistola? E a pistola, não é dele, afinal? Espraíem-se por amor, ou no delito dele, espraíem-se para mim.

Ninguém falava. De onde lhe vira a «história» deles? Libertou fins de tarde e fins-de-semana. Seguiu-se uma certa arte de uma certa *appoggiatura*. Já chegava de ensaios e de hesitações.

Seguiu-se o episódio vertiginoso da cortina. Se não era a caneta, era a cortina, porque subiam por ela acima cornucópias

... (Linha 1) o tempo da noite → Tant.

Tanto, tanto

... (Linha 2) o tempo da noite → Tant.

o tempo da noite → Tant.

... (Linha 3) o tempo da noite → Tant.

o tempo da noite → Tant.

o tempo da noite → Tant.

... (Linha 4) o tempo da noite → Tant.

o tempo da noite → Tant.

finas, cornucópias de um azul marcado, que a distraiam do seu interior.

Mas o amor, o amor a isto, ainda era maior.

THE CONGA LINE

Ele era Justino, ela Justina. Dançavam na fila da conga. Justino amava Justina e não a amava só a ela, urbana bela, mas a Cristina, jovem sensual e polimerizada, cujo hobby era saudir os ombros sob todas as suas formas. Ah! Cristina, que gigantesco fun, que gigantesco frá! Em Justina, Justino amava o sexo negativo e seus ademanes preciosos, seu modo de dizer, seu olhar de longe, mas amava muito mais ainda a possibilidade de amar Justina e Cristina e muitas outras e muitos outros em pacote viral. A roda viva. Setembro-Outubro era o momento de acasalar para o Inverno e de outras decisões de monta. Justina, pelo seu fraco lado, decidiu empobrecer. Ascetizar, estoicizar - pate et abstinence te, pela arte e pela vida. Olhou em volta e tentou, fissando-se, imaginar o que seria aquela mesma casa despida de tudo o que fosse vendável. Violinos e guitarras seriam os primeiros, despachados sem qualquer sentimento - revolta, paixão, medo do futuro - para o jornal ocasião. Nem de propósito, na «vertigem do despropósito», num dos extremos da cidade, Justino e Cristina, vivendo maritalmente, experimentaram esta necessidade misteriosa de alindarem a sala comum. Compraram jornais de anúncios e leram-nos, sentados nos sofás de orelhas de couro, lado a lado. Pareceu-lhes curioso alguém querer desfazer-se de um violino barato e desgafnado, com três cordas apenas - falava o mi - e as cordas do arco a clamarem por reforma e substituição. Apanharam transportes ao sábado de manhã e foram sentar-se no sofá de Justina que também estava à venda. Ela revelou que contava vender as estantes e os poucos livros e os candeeiros, armários e chaise longue, carpetes, tapetes e naperons,

e uma enunciação quase infinita (umas três ou quatro linhas para dar a ideia exata do muito que pretendia mudar na sua vida e, na mesma frase, do deapautério que dela se apoderou naquele mês). A ideia geral seria exactamente esta: que o sofá descartado de uns é o sofá retornado de outros e que, na passagem de testemunho, correntes de energia cósmica invisível mas inevitável se estabelecem, e se criam novos e profícuas homeostasias, e quando de novo os olhos pousam sobre a configuração da sala, nada é, nada é como era e nunca da maneira esperada, sempre da maneira encontrada. Começou pelo violino. Não valia nada. As maçanetas das portas eram de latão, fingiam antigo, teriam oportunidade de se valorizarem no mercado da ladra. Mas a fúria de libertação que Justina, de pé a meio da sala, representava, incendeu a imaginação do cabeça de casal. A filósofa de alcova de Cristina não lhe permitia susceptibilizar-se. Assim que Justina os viu na disponibilidade de comprar, o próprio sofá que cobigavam serviu de cama para tudo, até para a exposição dos retratos da família; quis mesmo, em dado momento, desfazer-se de um conjunto de primeiros planos de antepassados que já não sabia com segurança colocar no embondeiro genealógico, e embalada, pretendeu fazer-lhes um preço bom pelas paredes do próprio apartamento, recentemente pintadas. Emocionado, Justino, que até aí assistira ao despojamento exibicionista de Justina sem interferir, ofereceu levá-la a almoçar a um restaurante típico de Sesimbra. Desde a refeição viveram em trio, depois à quatre, já que Cristina se sentira na obrigação de empatar.

(...^(...) 20.5.48) Ben Terre → Famt /

Terre, Cale

: id. Fi. Nordest 6.

o hdb mat → Famt /

... ptoy op Nordest 0
Hgo Roche

o hdb Terre → Famt /

A casa d' beir de end

Hgo Roche:

curt-curt 2
Speke Wilh mat → Famt /

pacad a terre
Arri. di casaco to v.00

Outri de Vasconcelos:

a torre do rochedo

/Fant. → uma ^{vasilha, espelhos}
e manta-vo

Hygo Roche:

A casa à beira do estado

/Fant. → Teme Espago

Hygo Roche:

O aspecto do hotel ...

/Fant. → teme Espago

G. Trindade Filipe:

Tenda, culas

/Fant. → teme ^(música...) Bastião

Justina teve dúvidas. Mas não as tinha sempre? Pensava que era tempo de ir subindo no privilégio e no favor de Justino. A casa permanecia intocada, memorizada. O violino no saco e as guitarras encostadas às paredes repletas. Teme saudades. Daquelas grandes construções no ar. Que se sustentam da sua própria realidade.

Atari de Vasconcelos:

a torre d'arracada

/Fant. → teme

vaspido, espelto
e mato-vivo

Atygo Roche:

A casa d'beir de estrada

/Fant. → teme

ESPAGO

Atygo Roche:

o aspecto do hotel ...

/Fant. → teme

ESPAGO

6. Trindade Filipe:

Tentaculos

/Fant. → teme

Bastardo
(Midiast...)

POR EXTENSO

– Quero o maior! – desde pequenissima, sempre o maior.

O urso: o maior. O cãozinho: o maior. O livro, se o escolhia: o maior, o com mais cores, o com a letra mais gorda. E, na comida: o prato maior, a fatia maior, a posta maior. O bolo: evidentemente, o maior. Poupada, apenas nisto das letras. Abreviaturas, simplificações. Escolhido para nome Nê, porque encontra muito comprido o que lhe impuseram – Ana Lúcia é o seu nome da escola, com que assina os testes e os trabalhos, e Nê o seu nome livre.

Vai agora a atravessar a passadeira de peões e a escrever uma sms ao mesmo tempo. É um truq q costuma fzer para mostrar q tanto se lhe dá. Que é forte. Um carro pára, os travões guincham, os pneus até d'm fmo, a mulher baixa o vidro e grita-lhe:

– O menina, quer ir já para o céu, tão novinha?

Nê treme tanto que os dentes chocallham na boca, o carro a dois milímetros dos ténis de plataforma que nesse dia estreia, o telemóvel na mão onde a sms começada ainda enlanguesce: «vimos hje ao cc cinema k v o k?»; e a condutora olha-a de dentro da carinha familiar, sorrindo, cínica e arrancando, em esfogueada primeira, grita:

- Menina [...]! Menina Qualquer Coisa, palavra que ela não percebe e escreve no tm «ia sendo atropelada! tou aq td a trmer!» e envia à Ana Márcia que lhe responde logo «tase!».

Aq palavra q ela não percebeu teve um efeito curioso em Ana Lúcia. Começou a tomar mais atenção ao mundo, a estar mais alerta para td o que ia e vinha à sua volta, à espera de a reconhecer. Podia acontecer em qualquer lado, na piscina, a meio de um salto da prancha, e ter a orelha tapada pela touca. No polivalente, à passagem de alguém, embora lhe parecesse pouco provável. No polivalente havia sobretudo ruído. Mas era preciso estar prevenida. No café, ao interv' do almoço, no meio da vozzeria dos rapazes que se batiam por td e por nada, ouviu a palavra «desconchavadada» vinda de uma mesa de mulheres-gralhas e achou q não era Aquela a Que Demandava, mas acabou por ficar.

Agora, em vez de responder «tase» quando o tio António, o meio tolinho meio-irmão do pai q vive na cave, lhe pergunta com um olho meio fechado: «O tal o dia...? Na escola...?», ela diz «Olha, tive um dia mesmo desconchavadado», deixando a Leília interdita, com a franja a encaracolar-se-lhe e a escova de alisar o cabelo a pilhas rodando estupidamente na mão. Foi lanchar, quase sem fome, escolhendo a frita maior. Leília disse, no dia seguinte, afundada na torrente de palavras sem sentido com q normalmente a enviava para a escola: «encardida». «O quê?», perguntou. «O quê o quê?», perguntou a Leília. «Disseste que a camisola estava o quê?» «Encardida?» A palavra que Ana Lúcia buscava não era «encardida», mas passou a usá-la tb na frase «Sinto esta fase da minha vida um bocado encardida». E comeu pouco ao pequeno-almoço.

SMS para cá e para lá nas aulas. O tema: um MMS da Ana Sandra que mostrava um homem todo nu com uma grande cabeça de abóbora. Mas Nê já estava noutra. Achou os colegas todos «lúgubres». E, no interv' das dez e meia, espantou a Ana Mar-

garida ao dizer que a comida do refeitório era «sórdida», que o Paulo andava «sorumbático» e «extravagante», mas sorriu ao nome da namorada dele, quando lho disseram: Mirtília Túlia. Não era de troça, era um nome q era um nome verdadeiro. E a frase favorita: «O Paulo é cá um lapa.» E o filme de murros no centro comercial? «Inane», comentou. Procurou (sem realmente procurar) os sítios onde seria mais provável ouvir a palavra que não percebera da primeira vez. A casita onde morava com o meio tio e a mulher, Leília, passou a ser uma «choça» e o carro deles um «chago». Olhou Silvestre, o misterioso vizinho que estudava matérias misteriosas, com nova motivação. Espiava-o do seu pátio em frente à garagem e achava tudo feio - fora a cameleira, «deslumbrante». E pequenos musgos no muro, «pitorresco». Não falava muito. Ficava a apreciar o pouco que tinha, procurando as palavras mais apropriadas com gula. Não era, por exemplo, pai-xão o que sentia por Silvestre, mas «encantamento», e em outros momentos, «delírio». De vez em quando escrevia uma palavra no muro, de líquen a líquen. Silvestre, entretanto conquistado pelo prolongado silêncio dela, convidou-a para tomar um café. Acompanhou-a à vitrina do balcão.

- É um pastelzinho, por favor - pediu Ana Lúcia -, aquele ali. E apontou, discreta. Era o mais humilde, mas foi dito por extenso, com um belo sorriso de amor, com as letras todas.

(... (S... (W))
o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Tente, culas
Fam +. /

o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Fam +. /

o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Fam +. /

o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Fam +. /

o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Fam +. /

o. 4. 5. 4. 3. 2. 1. 0
Fam +. /

VÍTIMAS DE UMA HISTÓRIA MUITO LONGA
E IMBRICADA

Para iludir o *spleen* dos domingos, iam até Lisboa. Embora limitados, os encantos da praçeta, da esplanada, da praia e das colinas de Paço de Arcos, não chegavam a entusiasamá-las. Tinham quinze anos, uma queria ser médica, a outra mudava de ideias todos os dias. Ao sábado, as aulas acabavam à uma da tarde. Elas começavam pelas três as voltas à praçeta, descidas à praia, subidas aos campos. Passando como proscritas pelos grupos de amigos, formados à roda das motoretas, ouvem-nos de raspão falar de cilindradas e de professores do liceu. As raparigas do grupo, periféricas aos rapazes dos motores, olham de viés essas que aí vão, fora do jogo. No dia seguinte, depois da missa, só a ideia de refazerem, pela tarde, o que ficara feito no dia anterior, lhes aperta a garganta. lhes dá vontade de chorar.

Agora uma diz que se tratava de um passeio regular, a outra insiste que só esporadicamente saltavam para o comboio que as levava a parar em todas até ao Cais do Sodré. Uma lembra-se de viagens diferentes, que a outra diz não ter acompanhado, por não se recordar dos pormenores. A primeira reclama da má qualidade da memória da segunda. A segunda protesta que é a primeira

Atti. de Vasconcelos:

a torre do cacad

/Fant. → teme

vaquillo, espelha
e motor-vivo

Attyo Roche:

A casa al beir de estrada

/Fant. → teme

ESPASO

Attyo Roche r:

o aspecto do hotel ...

/Fant. → teme

ESPASO

6. Trindade Filipe:

Tenda'culos

/Fant. → teme

Bastardo
(Mediasp.)

⇒

quem comete confusões, mistura as épocas e reclama do abuso. Estão as duas no intervalo maior, na sala de aula de uma delas - e sem saber como, foram parar ao passado.

Já nessa altura, nos domingos de mil novecentos e sessenta e oito, só se encontrava no centro da cidade quem não tinha mesmo mais nada que fazer. Os divertimentos eram poucos e consistiam sobretudo em passear e em olhar. Grande parte deste passear e deste olhar fazia-se em ruas, praças, igrejas e castelos. Às duas amigas, ainda incertas dos interesses espirituais próprios, a arquitectura, e mesmo a história daquelas pedras, motivava pouco.

O entretenimento que sobrava eram os estrangeiros. Havia relativamente poucos franceses. De qualquer modo, o francês era uma língua escolar, que evocava o senhor e a senhora Dupont dos manuais, com os dois pequenos Marie e Michel e as suas actividades impossivelmente pequeno-burguesas. Quando interferidos na *promenade*, os franceses respondiam mal aos avanços delas. Eram desconfiados e as mulheres faziam beicinho aos contra-tempos. Não gostavam que se lhes demonstrasse que não estavam absolutamente a par de tudo, passado ou presente. Se as raparigas, no seu fervor, diziam que os portugueses tinham inventado as touradas, o casal antipático lembrava que já os gregos, já os micênicos se confrontavam com a besta e, ainda por cima, não se matavam aqui os touros como era de lei. Se, em desespero, elas falavam de Francisco Sanches, de Pedro Nunes e do nónio, não muito seguras da importância universal daqueles sábios, o casal havia de encolher os ombros, de recordar a Inquisição, as Invasões, quando não a guerra em África. Só mais tarde, uns anos mais tarde, é que os franceses se renderam ao *typico* e exigiram ser levados como iguais às tascas onde se comem as coisas populares. Os alemães, por seu lado, punham dois problemas: não falavam línguas e eram demasiado cultos. Quando falavam Inglês, e o

faziam sem esforço e sem agravo para as glotes, eram temíveis. Ninguém conseguia enganar um alemão. Quando ouviam as raparigas dizer que os portugueses tinham descoberto a América, o Brasil, o Japão, povoados a Índia e, sem qualquer ajuda, colonizado de uma penada o continente africano de cabo a rabo, olhavam firmemente de uma para a outra, abanavam a cabeça e puxavam do guia de bolso. Esse livro estava cheio de datas, de reproduções de fachadas, de avisos contra gente como elas. Repunha a verdade dos factos. Não havia nada de mais humilhante do que um alemão bem informado.

Houve outros dissabores. O maluco que as perseguia um dia. Rua dos Fanqueiros abaixo, teimando em convencê-las de que era ele mesmo Pedro Álvares Cabral. Os dois velhos surdos que elas acompanharam pelas ruas de Alfama em altos brados, fazendo assomar às portas as comadres interrompidas no eterno dormir. Uma família de nacionalidade indefnida, intrigante, com três meninos tão bem comportados que davam arrepios na espinha, pegados como pingentes às saias da mãe. E os turistas que, de guiados se transformavam em guias, e as puxavam por capelas, por museus, a explicar as riquezas patrimoniais que lhes davam sono e tédio. Havia ainda as nacionalidades intermédias que não tinham para elas qualquer interesse: os luxemburgueses, os holandeses, felizmente raros; tinham alguma timidez em aproximar-se de noruegueses, suecos e dinamarqueses pela reputação de imoralidade que os precedia. E os espanhóis de todos os quadrantes, evidentemente, não contavam.

Por isso elas preferiam, sobre todos os outros, os americanos. Entre esses, os *hippies* americanos do Rossio. Entre esses, os mais sujos e desgrenhados. Se tocassem guitarra, a tarde estava ganha. Estes rapazes americanos, foram elas descobrindo com a experiência, eram de uma candura inexcusável. Se lhes diziam que tinham sido os portugueses a inventar o telefone, o fio do

(Lúisa Costa Gomes) Beira - Teme - Fant.

Teme, culos

6. Trizdade Filipe

o boby → Teme → Fant. /

... o boby do boby o boby
o boby → Teme → Fant. /

o boby → Teme → Fant. /

o boby → Teme → Fant. /
A casa do beir de estado
o boby → Teme → Fant. /

(Lúisa Costa Gomes) o boby → Teme → Fant. /

o boby → Teme → Fant. /

o boby → Teme → Fant. /

telefone, a linha do comboio, as árvores de fruto, o andar em pé, maravilhavam-se. Maravilhavam-se igualmente de tudo, fosse o elas terem caçado leões, haver terras romanas por baixo do Rossio, ou ter o bom do Giraldo Giraldes ficado entalado na porta de um castelo. A sua ignorância era tão geral que não eram capazes de suspeição. Lam sempre dedilhando a guitarra, e dizendo bes-tial, incrível, num halo de haxixe. Eram tão fáceis como difíceis de impressionar. Uma diz agora que não era por isso que preferia os americanos. Preferia os americanos porque eles se estavam nas tintas para o lugar. Insiste que, a maior parte das vezes, eles nem sabiam bem onde é que estavam. Não estavam na América, isso chegava-lhes. Era tudo bom, o mar, o sol, a comida, o vinho, as raparigas. E ela queria era ir para a América e não se lembrar mais de onde é que estava. A outra diz que não era bem assim. Admite que eles não fariam muito finca-pé na verdade dos factos, estavam ali para se divertir, mas também porque o americano não compreende a noção abstracta de História Muito Longa e Imbricada, de países que se perdem na bruma dos tempos e dos romanos e, talvez, egípcios. Apenas conhece o Facto Concreto. Sai de casa, apanhei o avião, em Espanha namorei uma espanhola. Mas têm de concluir que eles deviam saber que estavam a ser enganados. Era por delicadeza que se maravilhavam. Afinal, estavam num país que não era o deles. Por mais nordestinos que fossem, tinham o seu quinhão – nesse tempo ainda limitado – de convivência com latinos. Já reconheciam, educados pelo cinema, a figura e as patranhas dos mexicanos. Na pior das hipóteses, tinham atravessado a Espanha. E desenvolvido, com isso, uma atitude de entusiasmo sem compromisso em relação a tudo o que lhes quisessem contar.

Elas tinham Pago d'Arcos e o liceu. Imaginavam esses longos e retorcidos percursos, sem rumo, leves, de mochila às costas. O que tinham para dar? O Quinto Império do Mundo e uma guerra em África.

O seu *modus operandi* tinha poucas variações. Agora, caladas na sala de aula, ouvindo o tumulto dos miúdos no recreio, uma delas pensa que não havia intenção deliberada, que tudo se passava por acaso. Pensa que é a outra a inventar um propósito, quase um sistema, onde ele nunca chegou a existir. Mas para esta é claro que pelo menos o método de aproximação era constante. É verdade que tanto podiam meter conversa com um casal de velhos alemães, como com três colegas suíças que, com risinhos, procuravam maneira de chegar ilesas ao Castelo. A acostagem dava-se logo no Cais do Sodré, porque era aí que começavam as dificuldades dos turistas saídos do comboio. Para onde ir? Que autocarro tomar? Onde descer? Era sobre essa aflicção do turista que elas agiam.

Uma diz que era sempre a outra que começava. A segunda afirma que não teria imaginação para tanto. A primeira lembra-se da versão – tão inventada como outras – da lenda de S. Vicente, em que os corvos que acompanharam a barçaça do santo se transformavam em abutres negros, uma espécie rara e que hoje não existe na Península, e comeram – enquanto conversavam, porque eram abutres muito faladores – as entranhas do primeiro traidor português, um tal Gonçalo Anes de Bandarra, esperando que ele não constasse dos guias.

Depois era conforme. Se os tinham ali, fixos e bem impressionados, evoluíam para histórias de casas assombradas na baixa pombalina. Velhos arruinados que se atiravam de janelas, na tradição solene dos Vasconcelos. Muito ouro, afundado em galeões, à boca do porto. Histórias de amor negro, com corações arrancados, palpítantes, pela boca. E a epopeia das Descobertas, com

(...
o 24/5/1982
Tema, culas
Fam. /

: 6. Filipe de...
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

o 24/5/1982
Fam. /

a sua prociissão de sucessos, colocação de padrões, invenção do mundo, domínio do mundo. Eram mitos universais, referiam o poder e a riqueza, não tinham nada que enganar. Os velhos alemães, se percebiam o Inglês delas, sorriam de uma certa maneira. As raparigas suíças davam os seus gritinhos, em pé aos solavancos no eléctrico dos Prazeres. Lá estava uma mais séria que pedia pormenores, para se recolher a ponderar. E havia sempre um momento em que passava nos olhos do estrangeiro uma espécie de medo, que o retraía.

– Medo de quê? – pergunta a primeira. – De duas miúdas que se divertem a contar mentiras aos turistas?

Essa diz que não era medo, mas suspeita, depois certeza. A outra insiste que era medo, havia sempre um momento em que eles tinham medo. Do nosso império? Da nossa força? Não sei de quê, responde a segunda, nem há mistério. Medo de ser escolhido para a mentira numa terra alheia.

– Porque deixámos de o fazer? Aconteceu-nos alguma coisa? A segunda, talvez porque tenha acabado por se dedicar ao estudo da História, responde que tudo acaba um dia naturalmente, pela mera força da passagem do tempo. Mas também sabe que deve ter acontecido alguma coisa que pudesse ter feito as vezes de uma conclusão.

– Lembro-me de um inglês – diz a primeira – de bicicleta e sandálias.

Houve um homem inglês de sandálias que, naquele tempo, era coisa pitoresca de labrego. Que lhes disse ele? Ficam ambas caladas, olham para o quadro verde onde uma alinhou as formas de um verbo em -ir, e esse inglês entre elas, muito rosado, com o panamá descaído sobre os óculos de lentes grossas. Perguntou-nos primeiro se éramos portuguesas, diz uma. E tu disseste «infelizmente». E ele até estremeceu. A segunda tem de concordar. Estavam à porta da Sé e ele tinha-as ouvido falar Inglês com

uma rapariga que esbracejava sobriamente num pânico todo alemão. Segundo perceberam, a fachada da Sé não correspondia à reprodução que ela trazia no seu livro de bolso. Estava suja, estava velha, e ficava contra todas as expectativas a meio de uma subida, entalada em prédios condenados. Paisagisticamente, o fenómeno era um desastre.

A primeira diz que o inglês deve ter feito uma pergunta muito simples sobre História. Uma pergunta cuja resposta se aprende nas primeiras classes da escola e se esquece em virtude do peso de tantos outros factos que se aprendem depois. Elas ficaram as duas em silêncio um bom bocado e a primeira diz que foi a segunda que decidiu mentir. Não era mentir, diz a acusada, era inventar. Como fazíamos sempre, acrescenta. Como fazíamos sempre. A meio da resposta pronta, o inglês montou na bicicleta, disposto a descer para a Baixa. Já de pena alçada, abanou vigorosamente a cabeça, lançou-lhes um olhar de tancor, de desprezo:

– You don't know? You don't know?

Elas vieram, sem ser propriamente atrás dele, descendo silenciosas a Rua de Santo António. Só pararam no Cais das Colunas. É curioso, diz a primeira, é exactamente assim que me sinto ainda. A segunda brinca: tínhamos quinze anos, ainda não sabíamos de que terra éramos. Íamos para Lisboa como quem vai ao estrangeiro. Mas suspeitávamos já que havia ali muito para estudar. E a primeira: devíamos considerá-lo uma injustiça. Com tanto país em que não se passa nada...

Dando as costas aos turistas desobrigados e livres que passavam de mãos dadas, em pequenos bandos, nesse domingo, ficaram ambas viradas ao rio, pregadas ao chão – e tinham aos ombros todo o peso da vergonha.

(...
o inglês
Tanta, culas
Tant. /

o inglês
Filipe
6. /

o inglês
Tant. /

o inglês
o inglês
Rocha /

o inglês
Tant. /

o inglês
A casa
Rocha /

o inglês
Tant. /

o inglês
Tant. /

NÃO IR E OUTRAS FORMAS
DE CHEGAR AO PORTO

Sempre houvera em casa esta coisa de ir ao Porto. Aos doze anos o Bruno já nem ligava. Pelo meio de Setembro, bronzado, o proverbial pai, sentando-se para passar o Inverno diante da televisão, dizia:

- Não importa, vai-se para o ano.

- Pelo S. João - dizia a mãe. E era a mesma mulher que tinha medo de ir à praça, que se encolhia colada às paredes, assustada com os guinchos das peixeiras.

Do Porto era uma gente excêntrica casada com a tia Maria de Lourdes. Primeiro um tio Manolo que tivera, depois de um último passeio *au naturel* de bengala e chapéu de palhinha rua de Santa Catarina abaixo, de ser internado e divorciado. Um tio Fernando, reconhecidamente comunista, com retratos de Estaline colados por dentro dos armários e que cantava fado de Coimbra com letras «melhoradas» por ele, como dizia em *post scriptum* fatal às cartas bimensais da tia, agrafando-lhes a lítica. Quando finalmente a tia Maria de Lourdes se ofendeu com o regular enxovalho da visita prometida e adiada cada ano pelos parentes, era já mulher do tio Heitor, negociante em grosso de congelados.

Atm. de Vasconcelos:
a torre do cacad

/Fant. → tme ^{vaspilo, espelas}
e mato-rio

Atmo Roche:

A casa d'beir de estado

/Fant. → tme ^{EPMSO}

Atmo Roche r:

o aboco do hotel ...

/Fant. → tme ^{EPMSO}

G. Trindade Filipe:

Tenda'culas

/Fant. → tme ^(mido...)
Bastardo

E contava em última missiva à irmã que era feliz como nunca, mas que faltava à felicidade dela conhecer o sobrinho, reconhecer o cunhado - e rever naturalmente em pessoa a Maria de Fátima, que ficava sempre nas fotografias com um olho aberto e outro fechado.

Bruno, nas férias grandes dos seus dezasseis anos, decidiu chegar ao Porto pelos seus próprios meios e estrear a idade adulta. Fizeram-se telefonemas, a tia exaltou-se primeiro com recriminações, depois chorou, desenterrou rivalidades do passado, vinganças soezes das preferências parentais, depois pediram-se desculpas, e ouvia-se ao fundo o bater dos dados e o bruí-á-dos amigos do tio Heitor, uma imprecação mais castiça atravessava os ares de Portugal e fazia a mãe de Bruno tapar com pudor o bocal do telefone. Foi-se comprar o bilhete de comboio, marcou-se o lugar, fizeram-se planos, deram-se recomendações e, na véspera, o Bruno caiu à cama com uma doença infantil. A tia, susceptibilizada, esqueceu-se de mandar nesse ano o cartão de Natal, que havia de ser ou um S. Nicolau com grossa barriga de cerveja, na assunção injuriosa de que só as pessoas gordas é que são divinamente boas, ou um coelhinho branco que sobrara da Páscoa.

Curado em duas semanas, Bruno fizera, entretanto, a sua praia na Caparica. Apanhara os escaldões e as dores de barriga que lhe competiam e fizera por se interessar pelo meio ambiente. Mas as raparigas de Lisboa não conseguiam agradar-lhe e não se podia fazer ao piso às estrangeiras, dada a fraca fluência que obtivera nas línguas delas. O mundo das raparigas de Lisboa - e Bruno incluía nessas latamente a margem sul - era-lhe tão estranho e ameaçador como um filme a preto e branco. Eram as risadas desprezivas, as dietas, as fomes de constante novidade, as fantasias com actores de cinema, um rol de coisas misteriosas que lhes davam prazer ou as enojavam. Sentado na toalha, olhando em volta, o Bruno achava-as todas insuficientes. Ou magras e perni-

curtas, ou magras e rabudadas, ou gordas e peitudas ou gordas e sem peito, ou narigudas, ou olheirentas, ou narigudas e olheirentas, uma colecção de combinações disparatadas, próprias do facto de haver mulheres em excesso. Nenhuma tinha aquele corpo digno de um grande amor. Aquelas mãos de anúncio, os olhos de cores singulares, a pele lisa e mate dos manequins. Muito novas eram muito secas, escorranhavam o cabelo ou deixavam-no crescer a baixezas intoleráveis, coloriam-no, descoloravam-no, faziam dele o centro do mundo. E pintavam as unhas dos pés a verniz preto ou roxo, punham tatuagens no baixo ventre, despindo-se em qualquer lado com à vontade para as exibirem. Tropeçava-se nestas raparigas por todo o lado. Mas não se podia mexer. Não havia sossego. Ao encontrá-lo na rua, as colegas de escola com chusmas de primas e de amigas, chegavam-se muito a ele, as mãos enfiadas nos bolsos de trás dos calções, oscilando num único chinelo de plataforma, como cegonhas à espera de atacar. Procurando os olhos dele, que fazia peito e cruzava os braços, fixando o horizonte, elas lambiam os beijos. Encurralado, o Bruno arranjou um pequeno método para sobreviver, namorando sempre em número par e em múltiplos de dois. Saía com duas raparigas, em dias alternados, depois com quatro. Mas andava sempre pelo menos com uma, para se proteger das outras todas.

Do Porto vinha, entretanto, um silêncio de morte. Passou o Natal e, em Março, quando reuniu a turma para decidir o destino da viagem de fim de curso, foi com admiração que ouviram o Bruno propôr o Porto.

- Ao Porto? Fazer o quê?

Havia, naturalmente, as vantagens de ser perto e de ser barato. Mas não teve votos, e acabaram em Faro com bebedeiras de caixão à cova, a vomitar pelos cantos, primeiro passaporte para uma verdadeira história pessoal. A partir dessa altura, as coisas precipitaram-se. Submerso num horário escolar mais do que com-

(... (1972) 5.482B B... fant - fant)

Tenda, culas

: edip. Fil. de 1972. 6.

- o b... fant - fant

... o b... fant - fant

- o b... fant - fant

... o b... fant - fant

(... (1972) 5.482B B... fant - fant)

... o b... fant - fant

pleto, o Bruno reduziu-se às delícias e aos rancores do *one-on-one* de um amor por e-mail, cujo atormentado final coincidiu com uma nítida revelação interior e a morte da tia Maria de Lourdes. A nítida revelação interior relacionava-se com o facto de compreender que nunca na vida seria engenheiro e que o seu futuro havia de passar pelos filmes ou pela televisão.

Em Junho de 1998, com vinte anos perfeitos, o Bruno sentou-se finalmente no *Intercidades* com destino ao Porto. Começara a tomar um suplemento vitamínico uns quinze dias antes, consciente de que não se pode ser nunca demasiado desconfiado. Este era o seu primeiro emprego, a primeira reunião a que ia com responsabilidades quase executivas, enviado pela produtora cinematográfica em que fazia a recruta. Agarrava-se à pasta e levava máquina fotográfica. Também levava a fantasia de bater à porta do tio Heitor e de se apresentar. Devançando, sentado na carruagem, já virado a norte, sonhava em abraçar aquele tio, sentia que tinha direito àquele tio.

Não se atrasara, não se enganara, não adormecera. Ninguém lhe poderia assacar a responsabilidade de não chegar ao Porto e de faltar à reunião, fazendo perder o contrato decisivo à produtora. Coisas acontecem que nos ultrapassam, mesmo sendo mais pequenas do que nós. Não fora morte de homem, drama natural, problema sindical. A falha técnica ocorrera em Vila Franca, esperara-se uma hora, duas horas, quando finalmente a composição resolvera avançar, ainda era possível, ainda tudo era possível, embora a margem de segurança tivesse sido tragicamente diminuída. Mas Santarém viu de novo o comboio parado a cinco quilómetros da estação e quem soubesse ler as expressões corporais dos experientes homens de linha, concluiria que o problema estava longe de se resolver.

Ou seja, não chegou a chegar ao Porto, comendo de pé uma bucha seca na estação de Coimbra. E como já nada valia a pena,

porque passara a hora da reunião, adiada para dia incerto, o Bruno voltou para trás. Comboio, nunca mais. Esse emprego sem futuro fora substituído por outro, noutra pequena produtora especializada em filme documental para instituições do Estado, e Bruno era o designado por exclusão de partes para as tarefas que não interessavam a mais ninguém. Neste contexto, havia de ir realmente ao Porto a um Festival Internacional do Filme Publicitário Farmacêutico. O avião, pagou-o do seu bolso, telefonando tantas vezes para a companhia aérea que já tratava as funcionárias pelo nome próprio. Esteve três dias e três noites no Porto soterrado na cave de um hotel a ver filmes, de pouco lhe valendo, como dizia o folheto, a excelente localização, muito central, daquela unidade hoteleira. Da experiência ficara-lhe uma impressão de abafamento cheio de pó, tinha visto uma ponte, luzes à noite. Chorando com o excesso de imagens por segundo, tenso, dorido, empanturrado de informação desagradável sobre laxantes e antidepressivos, o Bruno não esperara pelo avião do regresso e apanhara uma boleia às quatro da manhã para Lisboa.

Conheceu, entretanto, uma mulher com quem casou. Estava na altura. Mas o Porto, o frustrante, distante Porto, ainda imaculado apesar da orgia de anúncios farmacêuticos, chamava-o ainda. Teve uma oferta de emprego, na produção de um filme a sério, para a Televisão. O casamento desfazia-se. Ele foi.

Foi com todas as calmas. Foi por dentro, em carro próprio, parando turisticamente pelo caminho, para ver Alcobaga, para ver a Batalha, o país que havia à beira da estrada secundária. Se fosse segura a existência de motivações inconscientes no Bruno, não seria arriscado dizer que ele desafiava o destino. Quería, talvez, ver se conseguia chegar atrasado à entrevista. Sendo o destino, esse sim, imprevisível nas suas maquinações, colocou-lhe um acidente em cadeia no caminho, envolvendo uns quantos automóveis, feridos ligeiros, óleo na estrada, atrasos de

(...
e. v. 5. 4. 1998
B...
T...
Fant. /

: edip. Fil. ...
6.

o b...
Fant. /

o b...
R...
o

o b...
T...
Fant. /

o b...
A casa d'...
F...
R...
Fant. /

o b...
F...
Fant. /

o b...
A Torre d'...
F...
Fant. /

ambulância e presença demorada da polícia, e fazendo com que, de facto, o Bruno falhasse a entrevista para o emprego e se encontrasse sozinho, sem perspectivas e fluído como nunca no Porto, ao fim de uma tarde de Junho. Jantava uma *francesinha* numa tasca imunda e fixou-se por acaso numa rapariga que conversava sobre futebol com o empregado, encostada ao balcão, a mexer o café. O Bruno já tinha discutido futebol com mulheres, e isso até então parecerá-lhe um pouco aberrante. Mas esta sabia o que dizia, nomes, datas, posições e classificações, e tinha a desenvoltura de quem não tem nem tempo nem paciência para os preliminares. O Bruno introduziu-se na conversa como lisboeta aficionado do Norte, sofreu os ataques deles com galhardia e aceitou o convite da rapariga para irem a um bar ter com amigos.

Passando pelos Aliados, o Bruno achava tudo grande, tudo bonito, e até o comovia um pouco o nome dela, que era Leocádia. Era alta e atlética, os cabelos negros crespos e soltos batiam-lhe nas costas enquanto andava. Ele tentava acompanhar o passo largo e todo jovial que parecia ser o estilo das raparigas do Porto. No meio da conversa dela, saudável, quase desabrida, sobre os dois homens de que no momento tentava desembaraçar-se para amar um terceiro, o Bruno ia fazendo perguntas sobre o velho Porto, apercebendo-se com surpresa de que não sabia, nem aproximadamente, a morada do tio Heitor. Conteve-se para não perguntar a Leocádia se conhecia um tal negociante de congelados que fora casado com uma Maria de Lourdes Ferreira. E fazia o gesto habitual de afagar o telemóvel, na intenção de perguntar à mãe o paradeiro do tio, quando a Leocádia o empurrou para um desvão, o beijou de língua na boca aberta, e lhe disse que tinham chegado.

No bar, discoteca minimal, Leocádia deixou-o ao balcão e esqueceu-se dele. O Bruno tomou a atitude que se esperava, bebendo *gin* numa atitude descomprometida e ocupando-se a

percorrer com os olhos a sala que, salvo pequenas diferenças na população, era afinal sempre a mesma. Numa destas observações panorâmicas, descobriu um surrufo a pouco metros, um bruta-montes agarrando pela cintura uma rapariga que o empurrou e se dirigiu, no tal passo largo e jovial, ao balcão onde estava o Bruno.

- Diz que estás comigo - mandou ela.

O Bruno ficou com dúvidas. Não lhe agradava mentir. Mas o sorriso aberto dela, a ondulação dos cabelos compridos e claros, os olhos trocistas não permitiam qualquer reserva. Era Amélia, disse, trabalhava numa loja de desporto e havia de se tornar sócia daquilo tudo dentro de pouco tempo. Era grande, a Amélia, com umas pernas magras que não acabavam. Pagou a última bebida ao Bruno e levou-o para a cama.

Na manhã seguinte, abria ele o frigorífico à procura de água, e parou com uma sombra a deslocar-se no canto do olho. À janela, em contraluz, com uma caneca de chá na mão que dizia VAI TUI, olhando-o, radiante, estava a Cidália.

- Vim beber água - disse o Bruno. Por trás dela, avistava-se tipicamente a Torre dos Clérigos e um céu baço de cidade industrial. Amanhecia. Uma motoreta subiu a rua num estrepito e abafou as palavras dela. Mas os olhos diziam tudo.

(... (1992/93) Beira - Terça - Fant / Tenda, Cule

: id. Fil. de Madeira / 6.

- Beira - Terça - Fant /

... Beira - Terça - Fant / id. Fil. de Madeira

- Beira - Terça - Fant /

Beira - Terça - Fant / A casa de Beira

(... (1992/93) Beira - Terça - Fant /

Beira - Terça - Fant / A casa de Beira

Atm. de Vasconcelos:

a torre do cacad

/ Fant. → tema

trajin, espelha
e mator-vivo

Hugo Roche:

A casa al beir de estrada

/ Fant. → Tema

ESPAGO

Hugo Roche r:

O aspecto do hotel ...

/ Fant. → tema

ESPAGO

G. Trindade Filipe:

Tenda-cules

/ Fant. → tema

Bastião
(Midiast...)

FELICIDADE

Ela apareceu à porta da sala, estava cansada e sabia que não ia dormir, ele chegava sempre tarde do consultório, ela interrompia o que estava a ver na televisão para lhe fazer um copo de leite e uma torrada. Ele ou comia a torrada e deixava o leite ou bebia o leite e deixava a torrada, forma de um homem preservar alguma independência.

- Não bebes o leite?

Sempre magoada. Levava-lhe um *croissant* ao consultório, a meio da tarde. O último doente entrava às sete, era um habitual de queixas sem consequência, medicado e despachado em dez minutos. Ela fez menção de esperar que ele acabasse as consultas, como muitas vezes fazia, olhando as montras pelas redondezas e sentando-se depois na sala de espera a ler revistas.

Quando entrara no gabinete, sem se fazer anunciar, ele estava ao telefone. Tivera, ao vê-la, um movimento de contrariedade. A forma como ela o surpreendera a falar ao telefone, recostado, lânguido, feliz. O rosto elevado a um ponto abstracto, a luz branca do negatoscópio batendo no lado bom, rejeitando a cicatriz do desastre para uma escuridão discreta.

- A Zíniinha teve 18 a Matemática - disse ela.

E ele pousara o auscultador. Agora era preciso fechar as portas à chave, confirmar que as persianas estavam corridas e travadas e olhar uma última vez lá para fora, para o pátio das traseiras onde de vez em quando passavam sombras e se dizia acontecerem coisas. Apertou bem o roupão, foi à cozinha, puxou a fita da persiana, que não cedeu. Os filhos já dormiam, ela teve cuidado.

Confortou-o a ele o som familiar. Todas as noites ela rondava a casa guardando restos, fechando coisas em caixinhas de plástico, aferrolhando portas, tapando, cercando, travando e encerrando e era assim que ele sabia que o dia tinha acabado. Ouvia, sentado de frente para a porta da sala, os ruídos da pessoa dela como um emissor de radar. Ela parava à porta da sala, ele fechou o sorriso.

- Estás a beber.

Ficara na sala de espera do consultório até às sete e meia. Na universidade pedira um certificado de frequência para a Zíniinha, mais abaixo comprara uma camisola para o Tico. Depois lera no jornal as notícias que já conhecia da televisão. Eram tantas, as notícias, tantas as catástrofes. Na última meia-hora dormitara na sala de espera que cheirava a gente, onde dois velhos conversavam de coisas remotas. Ele mandara então a enfermeira avisá-la de que ainda ia demorar. Ela conversara com a rapariga, tentara extrair-lhe a origem do telefonema do sorriso, mas ela trabalhava ali há pouco, desconhecia tudo.

Ao sair do consultório, ao rodar a chave na porta do carro, e nas curvas do caminho, apresentou-se-lhe como um fantasma de terror, inteiro, sempre novo, o sorriso de beatitude que ao entrar no gabinete surpreendera nele. Como agora, de cháviena na mão, parada de frente para o frigorífico, quando se suspende e lhe espia os movimentos, na sala. Sente que ele se mexeu no cadeirão, que vai levantar-se, pegar no telefone, continuar a conversa interrompida. Num instante está na sala, urgente, de pé,

(... (Zíniinha) Bem tem - fant /

Tema, tudo

: tipo F. de ...

o ... fant /

... o ...

o ... fant /

A casa do ...

Hygo Roche :

(... (Zíniinha) ...

fant /

A torre do ...

Atori do ...

encostada ao sofá. De repente o Tico sai do escuro da entrada, dá um passo e recorta-se alto, magro, silencioso, vestido de negro. Para como se nunca tivesse andado, a olhar fixo para a televisão apagada.

- Pensei que estivesse na cama, a dormir!

O filho passa ao largo, desaparece no corredor.

- Ainda lá fora a uma hora destas! E de manga curta!

Veio depois pousar a cháviena da verberna delicadamente, afastando no tempo de mármore da mesa pequena o copo de uísque com o dedo mindinho. Empurrava-o aos bocadinhos, fazendo-se desentendida, conquistando espaço.

- Bebe mas é o chá.

Ele ouviu-a depois nas lavagens e ulimações. Parecia seguiu-a um rasto de luz curta, naquela mecânica de ligar e desligar interruptores. Parava para se pentear sob uma campânula de claridade, a toda a volta a escuridão gradualmente tomava corpo; depois aparecia enquadrada noutra porta, passando ainda lesta nas pantufas, a cabeça erguida, atrasada para fechar assuntos. Não que lhe interessasse o que ela fazia ou não fazia. Era parte da sua vida. Reconhecia o familiar peso no peito, seu velho devotado amigo, coisa perfeitamente sentada sobre o esterno. Agora o peso tinha nome próprio, chamava-se cancro, era um segredo - o sorriso voltou enquanto a seu lado a verberna esmorecia.

Acorda, não sabe se acorda, não se lembra de ter dormido. Sente-se em falta. Precisam dela. Tem sempre medo. Levanta-se e vai à sala, onde ele dorme no sofá, ao lado de uma garrafa de uísque completamente vazia. Depois abre a porta do quarto de Zíniã, ouve no escuro a respiração pausada e avança, tem de olhar para ela, tem de lhe ver a cara. A luz que vem do corredor não chega, ela acende o candeeiro e pousa-o no chão, para não ferir o sono da filha. Zíniã sabe o que quer. Mesmo dormindo,

sabe que acabará o seu curso de Biologia, que se casará entre os vinte e cinco e os trinta com um homem de profissão, que terá dois filhos, um menino, uma menina, que viverá em Lisboa e depois, com as crianças criadas, terá uma quinta algures, com bichos à solta, porque Zínia gosta de cavalos. Não quer piscina. Quer uma quinta ao pé do mar, para olhar ao longe. Dorme pouca, penteadada, as unhas róseas chegadas umas às outras sobre a almofada. Nada aflige Zínia. Ama seu pai, sua mãe, vai ao cinema, faz ginástica, viaja com os amigos nas férias do Verão.

Apaga o candeeiro, respira fundo, mete-se pelo corredor. O quarto de Tico está vazio. A roupa espalhada, os livros da escola em pilhas, o computador aceso, no monitor, em contínuo, a legenda do costume NÃO ACONTECEU NADA NÃO ACONTECE NADA NÃO ACONTECERÁ NADA ACONTECERÁ NADA NUNCA ACONTECERÁ NADA, a legenda da parede de silêncio em que ela embate sempre, falem com ele, diz o psicólogo, têm de arranjar maneira de comunicar com ele, e esse olhar negro, de lâmina, que o filho lhe deita quando ela se interessa pelo que o interessa, a fórmula 1, o futebol, mas desajeitada, incompetente – há três anos fechado no quarto, chegando a desoras não se sabe de onde, saindo sem dizer uma palavra, é uma fase, diz o pai, é normal, isto passa. Mas encorajado pelo exemplo heróico dele. Talvez um dia também o homem da casa consiga voltar a desoras. Ela revista as gavetas do filho com vergonha, é a única forma de estarem juntos. Apanha-lhe papéis que a mostram em caricatura, com penas de galinha, a cacarejar. E poemas, não sabe se escritos por ele, se copiados de livros, sobre a tristeza, sobre a tristeza e a miséria e a injustiça do mundo, sobre não saber quem é, sobre não querer nada. Ela odeia-se. Lê livros que falam muito do amor. Livros em que o amor é a solução. O psicólogo diz que ele está a crescer, que é absolutamente normal que queira ter mais autonomia, refe-re-se-lhe na consulta como «a mãe». Ela protege de mais, ela não

protege o suficiente, ela não tem vida própria, ela é demasiado egoísta, ela não pode invadir, não pode abandonar, não pode culpar, não se pode culpar, tem de estabelecer regras, tem de ter a sensibilidade para saber quando não as aplicar, tem de ligar, tem de desligar, tem de ser feliz, serena, firme e ela olha para o psicólogo, composta, no seu papel de mãe normal e dentro da cabeça grita-lhe apavora-me que ele se sinta sozinho, que ele tenha de passar por isto tudo sozinho, não quero que o meu filho sofra. É assim tão difícil de compreender? Digam-me ao menos que não é por minha causa, que não sou eu que o faço infeliz. Mas para quê perguntar? O psicólogo compreende tudo.

Foi à cozinha tomar outro comprimido para dormir. Fechou a porta do quarto de Zínia, foi à sala, passou a mão na mão dele, depois olhou-o de perto, pondo os óculos de ler para lhe ver a cicatriz na cara. Não era nada de especial, um pequeno acidente de automóvel, um vidro, um estilhaço, não se notava quase. Ele é que se ressentira. Falava a três quartos. Deixara de ter vontade de ser ele.

Mas o sonho dela não era melhor. Via-se com um recém-nascido nos braços, a sair de um velho edifício. Procurava não molhar os pés nos charcos onde apareciam em espelho longas ramadas. Olhava para a rua alagada, que ia dar a uma praça para onde a água corria em catadupas. Chora, mansa, perdida na cama. O tempo passa.

(Luisa Costa Gomes) Basília Teme → Fant. /

Tema, culas

6. Thirza de Filipe

→ Thirza Teme → Fant. /

→ Thirza Teme → Fant. /

→ Thirza Teme → Fant. /

A casa al beir de estrada

Thirza Roche :

(Luisa Costa Gomes) Thirza Teme → Fant. /

→ Thirza Teme → Fant. /

Thirza de Vasconcelos :

Osni de Vasconcelos:

A Torre do Relógio

/Fant. → tema *capitão, espadas*
e mato-uro

Hugo Roche:

A casa à beira do estale

/Fant. → tema *Esopo*

Hugo Roche:

O aspecto do hotel ...

/Fant. → tema *Esopo*

G. Trindade Filipe:

Tenda, culos

/Fant. → tema *Bastião*
(médico...)

Proposição. As armas e os barões assinalados, etc. Invocação. E vós, Tágides minhas, etc. Dedicatória e Narração. Epopeia é narrativa em verso, etc. Luís de Camões (1524?-1580). Morre a 1 de Junho de 1580, pobre e abandonado por todos. Sendo o seu enterro feito a expensas de uma instituição de beneficência a Companhia dos Cortesãos. Salvou a sua obra com o braço no ar. Foi vítima de naufrágio. Amou uma bárbara na Índia. Dez cantos, verso decassílabo, clássico ou heróico, em estrofes ou estâncias, oito versos cada. Rima abababcc. O herói de *Os Lusíadas* é o povo português. Ocidental praia lusitana, sinédoque. Prosopopeia. Personificação. Baco, contra. Vénus, Júpiter e Marte, a favor. A nossa epopeia é superior porque a Europa domina o mundo. O Renascimento é nada do que é humano me é estranho.

Isto sabia o Carlos com segurança. O resto logo se via, era questão de ir deitando o olho à direita e à esquerda, quicá mais além ainda, e inventar à medida. Não é o homem a medida de todas as coisas? A verdade é que o tempo não dera para mais. Quedara-se na véspera com um olho no hollywood e outro no resumo do Camões, ouvira a mãe rezingar antes de adormecer

melancólica das coisas que tendo sido foram o que foram e davam saudade do tal futuro que nunca seria. Porque entre o Quinto Império do Mundo que ela não sabia exactamente o que era e esta Europa do Marketing e da Publicidade, de onde o espírito escapara, mormente o épico, Formosa sentia-se a olhar para as mesmíssimas grades nas janelas do imenso abarracamento temporário de anexos e pré-fabricados escolares em que passava os dias. Grades a que também o Carlos arrimava os olhos, perplexo com os versos que lhe propunham. Parece que ser português era ter sempre vontade de fugir. De ir por aí fora com barões ou sem barões. Buscar era coisa de grandeza. Ficar punha-nos docentes, naquela moinha como quem coça – ou histéricos, pregados ao esgar perene dos anúncios de grandezas.

Andou ali um bocado a brincar com o lápis por cima dos quadrádhinhos da escolha múltipla. O Gama era herói épico na senda dos grandes heróis da epopeia grega. Verdadeiro ou falso? Quem era o protagonista da *Ilíada*? Aquiles? Ulisses? Homero? O Carlos arriscou Aquiles, depois riscou Aquiles e pensou de novo. A vida toda era um concurso. Era uma adivinha em que os vencedores davam saltos e socos de alegria no ar e os vencidos dedicavam de olho enxuto a derrota aos vencedores. Isso aprendia-se e treinava-se na escola. No resto, talvez acertasse por acaso. O Carlos confirmou Aquiles por exclusão de partes, botou-lhe uma cruzinha e foi para a gramática. «Nisto trabalha só; que bem sabia/ Que, depois que levasse esta certeza,/ Armas e naus e gentes mandaria/ Manuel que exercita a suma alteza/ Com que a seu jugo e Lei someteria/ Das terras e do mar a redondeza:/ Que ele não era mais que um diligente/ Descobridor das terras do Oriente.» Sete ques. Felizmente aqui não tinha de perceber o sentido, só dizer o que era cada um dos ques. O Carlos, que gostava sobretudo da Neide, da forma como penteara o cabelo com o que houvesse à mão, madeixas penduradas nos lápis, enroladas

nos pincéis da educação visual, a franja agarrada à cabeça por bocados de fita-cola, trancinhas, repuxos, ganchinhos coloridos. Já comeste a Neide?, brincava o Flávio. O Carlos, que gostava. Pronome relativo. Repara que na mesa lhe tinham feito um *graffiti* dos Aerokids. O qual, dissera-lhe a mãe. Assim, sabes sempre. Quando puderes substituir por *o qual*. Manuel *que*, parecia evidentemente relativo. Que bem sabia que. Ai, o Carlos ficava-se. Mas não eram os sacanas dos ques todos relativos?

O Flávio apanhou-o a olhar para a Neide, mostrou-lhe a lhinha, riram os dois. O Flávio levantou três dedos, também estava com dificuldades nos ques. Que bem sabia que. Quem sabe, sabe alguma coisa. E o Carlos, depois de deitar um fugaz olhar significativo à professora, esticou o dedo médio na direcção dela e o Flávio fungou de riso. Formosa desviou os olhos, não quis intervir. Fingiu que tivera uma ideia de repente e puxou de um papelinho – e o Carlos, abandonado, teve de voltar à solitária tarefa lusitana.

(...
o 25.4.83) emt → Fant/

Tens, culs

: 6. Trindade Filipe

o 25.4.83 emt → Fant/

...
o 25.4.83 emt → Fant/

o 25.4.83 emt → Fant/

o 25.4.83 emt → Fant/

(...
o 25.4.83 emt → Fant/

o 25.4.83 emt → Fant/

EÇA DE QUEIRÓS:
Um episódio menos conhecido da sua intimidade

Tomado da fúria de escavar, nem ouviu o trovão que assustou os outros. Só muito remotamente se apercebeu do uivo rouco do pequeno Albert Dureau que, sentado no seu carrinho solitário, no meio da relva, abria muito a boca a olhar o céu. José Maria largara a pá que usava na praia, em Val-André, e arrancava à mão as raízes que já deviam pertencer à sebe de lilases e os longos filamentos de relva; a Maria dava gargalhadas troçando do medo de Lucien, que parecia tão estovado e afinal tremia com uma pinga de chuva e o estalar do trovão. Agarrou-se a ele, puxou-o mais para debaixo do arbusto e esqueceu-se do José Maria que continuava de cara no chão, os joelhos enterrados na terra mole, unhas pretas, cada vez mais fundo.

Interrompeu-os o grito de dona Isabel que vinha a correr pelo jardim. Queria que se abrigassem da chuva. Não ouvindo resposta abriu a pequena cancela que separava o jardim dos Queirós do jardim dos Dureau e pôs-se a anunciar em voz muito alta a ementa do lanche que os esperava a todos na cozinha. A Maria foi a primeira a ceder, assim que ouviu o santo nome do arroz-doce, resto do jantar da véspera, mas arroz-doce *tout de même* - e o Lucien correu atrás

(Fant. → teme Bastião ^(André))

Teme, culas

6. Trindade Filipe:

(Fant. → teme Espago

Hugo Roche: o aspecto do hotel ...

(Fant. → teme Espago

Hugo Roche: A casa à beira do estado

(Fant. → teme ^{espago} ^{lugar} ^o ^{mar} ^{-vivo}

Adri. de Vasconcelos: a torre do ~~estado~~

Verdade

tos de dormir e apagou a vela. Agora completamente só seguiria apenas a luz fraca do bico de gás que ardia no patamar de cima, até vislumbrar o risco luminoso por baixo da porta fechada do gabinete do pai.

La tão cheio de precauções que a meio desse último lance percebeu que se esquecera de respirar. Parou diante da porta, à escurta. Não se ouvia nada. Pelo buraco da fechadura não viu mais que as familiares estantes de carvalho, cheias de livros encadernados, ordenadíssimos. E a banca de trabalho, da altura das estantes, com o tampo inclinado, sob o qual reinava um esboço de confusão. A lareira estava acesa e no grande espelho que ficava sobre ela, viu reflectida, ao longe, a imagem do pai. Abriu a porta sem medo, e sem ruído, para que o não notasse. Viu a figura alta e esguia, em pé, de costas para a porta, a cabeça curvada sobre um livro. Depois viu-o caminhar absorto até à lareira, chegar o livro mais à vela que ardia no parapeito; ali ficou uns instantes a ler, depois fechou o livro de repente e passou, para trás e para diante.

Zezé aproveitou uma destas passagens para se esconder atrás do reposteiro. Dali podia ver melhor, embora o espectáculo tivesse o seu quê de monótono. O pai tirava um livro da estante, ou da mesa de trabalho, ou de qualquer outro lugar, abria-o, fechava-o, dizia uma frase que ele não conseguia ouvir bem, parava com o livro na mão, arrumava-o de novo, caminhava para cá e para lá na sala, parava, caminhava. Enrolava muito devagar um cigarro, acendia-o, puxava duas fumaças, esquecia-se dele no cinzeiro e ia enrolar outro para diante do espelho. Agora falava sozinho. Mas calou-se de repente, a cabeça erguida, posta um pouco de lado, um meio-sorriso nos lábios, que lembrou ao Zezé, num calafrio, a tola expressão atrasada do pequeno Albert Dureau. O pai esqueceu-se ainda desse segundo cigarro, e atrás da banca alta, cantarolando, entreteve-se a dobrar a margem e

a cortar à faca tiras de papel *glacé* que juntava no tampo a seu lado. Quando achou que tinha terminado, voltou ao início do ciclo, rebuscando livros, enrolando cigarros, caminhando para cá e para lá – mas aquela felicidade que Zezé primeiro vira nele, tornara-se num caminhar sombrio, de cenho carregado, que mordía a mortalha e se esquecia do livro aberto para resmungar, cabisbaixo, fechado.

Pensou o filho que ele havia de ser um animal numa gaiola. Que espécie de animal seria, Zezé não sabia dizer. Não lhe parecia animal de ameaças, grandioso, inesperado. Um animal doente, isso sim. E também todo doméstico, como os gatos pesa-papéis que datavam do tempo em que houvera duas gatas em casa, ou como os cães e os pardais de louça que enfeitavam as mesas e as estantes. Um animal doméstico velho e doente. Aquêle passar não era de tigre, nem de leão, mas de bicho aborrecido, que ansiava por uma distração.

Zezé interessou-se de novo por ele quando o viu precipitar-se sobre a alta banca de trabalho, molhar a pena no tinteiro de cristal facetado e arranhar a folha de papel – riscando-a, primeiro em traços largos e depois em gestos mais miúdos. De onde estava não conseguia ver bem, percebia com clareza que o casaco de trabalho do pai se descompusera, que ele escrevia com os braços muito levantados, a cabeça curvada sobre a folha, sem sorrir uma única vez. A testa franzida encarava a página difícil que não queria ceder. Zezé via o monóculo baloiçar desamparado no fundo do cordão.

O que lhe passou pela cabeça foi a imagem de um grande cão crucificado. Um longo cão negro arquejante com as patas sobre os ombros do seu dono. Quando o cão se preparava para lhe lambear a cara, o Zé Maria acordou, para ouvir o dito áspero do pai que repunha, seco, a pena no sítio:

– Isto é que eu sou uma besta!

(...
o 2.º e 3.º B) em t. - Fant /
Tema, tema

: o 1.º e 2.º B) em t. - Fant / 6.

o 3.º B) em t. - Fant /

...
o 4.º B) em t. - Fant /

o 5.º B) em t. - Fant /
A casa de Zezé e de
Hugo Roche:

o 6.º B) em t. - Fant /
o 7.º B) em t. - Fant /
o 8.º B) em t. - Fant /

o 9.º B) em t. - Fant /

E assim lhe resolvia o enigma. O pai não conseguia escrever versos. Não era como o Zezé, que rimava os seus *tombeaux* com *bateaux* e *roseaux* sem se alterar. *Père* com *mère*. *Penser* com *aimer*. Pareceu-lhe ouvir passos na escada. Era de certeza a Maria que vinha estragar tudo. Adiantando-se à irmã, Zezé espiritou.

O pai suspendeu-se. Abriu muito os olhos, fez um ar excessivamente espantado, fingiu não ter percebido de onde vinha o som. Já cheio de riso, Zezé forçou novo espirito, abanou um pouco a cortina. Viu o pai dirigir-se pé ante pé na direcção contrária, com grandes gestos de comédia, empunhando o corta-papéis como um punhal.

— Anda aqui um grave resfriado — dizia ele —, onde estará ele, esse grave resfriado?

E fingia procurar nos lugares impossíveis, dentro de caixas de cigarros e de livros de estampas, por trás de estantes e dentro do tinteiro, pondo o seu monóculo com grandes ares de drama, retirando flores das jarras e espreitando-lhes a água, inquisitivo. Com estas actividades vinha brincando, onde estará o *resfriado* — *si mo gravissimo*, o *serious cold*, *very cold indeed and serious*, o *very serious rhume*, *somebody sneezed*, *oh yes a sizeable sneeze*, *oh yes through a snortly snout*, *qui est-ce qui a snizé?*, onde estará o *très rhumant méche*, o *méchant rhume* — e assim se ia aproximando, em círculos cada vez mais apertados, do Zezé que se encolhia, deleitado, à espera de que ele abrisse a cortina. Quando a Maria finalmente entrou no escritório, já eles riam loucamente nos braços um do outro.

Nasceu bebé prematuro, mirrado, sufocado de viscosidades, tão meio-morto que nem chorava, apesar das pancadinhas que a Maria Carantonha, aflita, lhe ia dando com dois dedos nas costas. Fora encontrar Mécia escondida no galinheiro, espapaçada a um canto, e só dera pelo sangue quando lhe metera a mão por baixo para lhe pegar ao colo. Enrolara o inocente no xaile que trazia aos ombros e saíra dali sem destino, rente às paredes, rua do Souto abaixo, atordada pelos sinos que tocavam já matinas, nas miríades de igrejas e capelas. Ainda via a menina-mãe, mostrando como chagas nas mãos os ovos esmagados, uma última vontade na boca:

— Chama-lhe Ga-galante — disse Mécia, trocando, no delírio, o nome da mãe, Silvana, com o da vaca que a matara.

Na corrida, fora dos caminhos conhecidos, Maria teve mais que tempo de se afeiçoar também à recém-nascida, afeição de misericórdia, tal a que dedicava a Mécia, a filha meio-gaga, arreganhadinha e melancólica de Luís de Azevedo. Não a pai-xão animal que dera logo aos seus dois bastardos, entregues por ele à roda; benzeu-se em reflexo, na ponta dos dedos, à porta

(... (origem) ... o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.)

Tema, tema

: o 2.º. 4.º. 8.º. B.

o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.

... o 2.º. 4.º. 8.º. B. o 2.º. 4.º. 8.º. B.

Hugo Roche r.

o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.

o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.

Hugo Roche r.

(... (origem) ... o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.)

o 2.º. 4.º. 8.º. B. em +. fant.

Hugo Roche r.

Hugo Roche r.

e a guerra própria – e deixaram-no estar. Com Anjos, no entanto, não havia meio de acabarem as bênçãos. Caiam-lhes em casa como chuva, entravam pela porta, desciam pela chaminé – tudo renascia, crescia, brilhava. O gado, a horta, a boa vizinhança.

Logo que os dois irmãos reais se desentenderam, Anjos quis inteirar-se do que se jogava para o futuro. Foi receber o senhor D. Pedro ao Mindelo. No fim do cerco do Porto, velando a família esfomeada, não quis ser parte de um país dominado por um rei traidor e caceteiro. Foi aí, sorrateiramente, que lhe começou a falar o sangue paterno, a França a sussurrar-lhe lá de longe e a chamá-la. Pois fizeram todos a trouxa e foram de caminho para Paris, mal sabendo que cumpriam a sugestão genética do soldado de Souto que, aproveitando uma distração da Maria Carantonha, apanhara sozinha a Mécia e lhe fizera em três tempos a criança.

Mas não passaram sequer os Pirenéus, que as saudades apertavam. Davam em chorar todos, entrosados como o vime nos cestos, babando a broa, acampados nalgum palheiro; tal Sansão com seu segredo, a força desta Anjos desvanecia-se na distância do Minho.

Entretanto, o Imperador do Brasil lá avançava como podia. Ela acabou por reconhecer que, feitas as contas, a terra tem pouco a ver com os seus reis. Voltaram. Lembraram-se do tesouro enterrado, imaginaram subtrair-lhe umas peças para se estabelecerem alguns nos bons ares, fora da cidade. Jam portanto, quase de passeio, procurando sem procurar, por onde lhes dava na veneta, seguindo o rasto dourado de Anjos, à espera que ela dissesse alto!, aqui ficamos. No meio disto, salta-lhes ao caminho um rapaz affito que os puxa pelas mangas para um casarão perdido num vale. Lá dentro, morria uma velha senhora ainda fidalga nas falas:

– Silvanal – disse ela, muito pasmada, a olhar Anjos. – Dona Silvaninha de Bravões que faz aqui? E tão nova, tão forte! Isto será

o céu? Pois não morreu? Que é feito da vaca Galante? Também cá mora?

A família, junto à cama e ainda admirada do interior magnífico da casa, entreolhou-se e pôs aquilo na conta do delírio de moribunda. A velha senhora fê-los prometer que aceitavam a doação – a casa derrancada, os outeiros, os arroios, os matos, os arvoredos, os milheirais, as belas barrosãs e um pavão solitário e confiou-lhes o rapazito mudo, que se encostara à ombreira a olhar para fora. Não foram mais longe. A terra não dava por falta de cuidado, cuidaram dela. Espalhou-se por ali a fama da força milagrosa de Anjos. Sabiam-na constitucional, diziam que bebia, fumava, praguejava e não desdenhava de perder o seu tempo a sovar quem se quisesse medir com ela.

Um dia, andaria pelos vinte e muitos, saiu sozinha para caçar nos lados da Portela Grande. Andou por montes e vales até ter sede, parou e quando levava à boca o canil viu um pouco mais à frente, sentado numa pedra, um homem a olhar para um coelho. O bicho, muito queto, olhava a direito para ele. O cão, deitado aos pés do dono, considerava ora um ora outro, intrigado. Anjos achou graça ao quadro, chegou-se mais. O coelho fugiu e o homem virou-se. Olhou-a sem a ver.

– Calado, *Medor!* – disse ele para o cão.

– Então vocemecê deixou-me fugir o coelho?

– E que tem vocemecê a ver com isso?

– E com uma espingarda que é um mimo!

– Calado, *Medor!* – disse ele ao cão, que já estava calado.

Pegaram na conversa por causa da arma, a última palavra em espingardas de caça, trochada e de espoleta, e passaram-na de mão em mão. O homem apresentou-se, Telmo de Montenegro e Azevedo, da Quinta do Amparo e passado um bocadinho achou coisa estranha no caçador. Quando Anjos, de jaleca castanha, calça justa e bota alta de carneira lhe disse o nome e tirou

o coelho
Telmo, Azevedo
6. Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o coelho
Telmo, Azevedo

o chapéu, soltando a cabeleira ruiva e fazendo alçar, no gesto natural, o peito, acendeu-se nele o interesse. E ela mirava-o também, apreciando-lhe o cabelo arruivado, os olhos pretos e o corpanzil.

Estavam assim entretidos, ouviram o piar da perdiz. Ela assentou a lazarina e de um tiro certeiro matou-a. O Medor abocanhou a peça sem entusiasmo, foi depositá-la aos pés do dono, que a recebeu e se pôs, à distância, a fazer o jogo que melhor conhecia.

- Que me dás por ela, Anjos? Dás-me um beijo?

- Hei-de comprar-lhe o que é meu?
E, sem mais, foi-se a ele e pegou-o de cernelha. Ele torcia-se, de perdiz na mão, fazendo negaça, afastando Anjos, resistindo-lhe. Ela fincou-se bem, agarrou-o pelos lombos, levantou-o no ar e largou. Telmo bateu de surpresa com os costados no chão.

- Tomel - disse ele, de mau modo. E, já levantado, agarrando a espingarda, sem lhe procurar os olhos que há pouco parecia desejar, atirou-lhe a perdiz. - E passe bem.

Anjos ficou a vê-lo ir, sorrindo. O Medor é que voltou atrás, pelo sim pelo não e levou o troféu.

NO BARRIL

Desta vez decidiu que ia ficar sozinho e observar o Natal no silêncio religioso da quinta. Inventava uma desculpa qualquer, uma gripe fatal contagiosa, ou uma tarefa rústica. Eles haviam de respeitar isso, referiam-se sempre ao trabalho com a admiração que se tem por uma coisa que não se compreende. Já experimentara umas quantas vezes, para não ter de ir a festas de anos e aos crismas das filhas das primas, e funcionava bem. «Não posso ir, estamos a mondar o centeio» ou «há que podar a ervilha» e «é tempo de engravatar o feijão frade». Não havia apelo. Tinha justamente acabado de formular a decisão quando a mãe telefonou a dizer que a irmã mais velha, a quem calhava fazer a consoada nesse ano, se tinha ido embora de repente, passar o Natal ao Brasil, a um sítio que se chamava, estupidamente, Natal; e que ela desceria à quinta com a tia Celisa para «tratar de tudo» e convidar toda a gente.

Ele fez a mala, meteu-se no carro e rumou a Espanha. Deixou um bilhete em cima do contador indo-português da entrada, e dizia simplesmente: «Fui-me embora. Importante Congresso de Agro-Pecuária em Sevilha. Volto depois do Natal.» E assinou o

o 4.5.48 Babilona → Teme → Fant. / Teme, cules

6. Trindade Filipe :

o 4.5.48 Teme → Fant. /

... o 4.5.48 o 4.5.48
Hugo Roche :

o 4.5.48 Teme → Fant. /

A casa al'beir de esxad
Hugo Roche :

o 4.5.48 e matos
o 4.5.48 Fant. /
a Torre do Corredor
o 4.5.48

o 4.5.48

nome completo, Manuel José Andrade Lá-Dentro, para o caso de a mãe não o reconhecer, entre sete filhos, só pelo nome próprio. Ao quilómetro vinte e um, o carro parou. Ele chamou o reboque pelo telemóvel, esperou vinte minutos na bermada auto-estrada, e teve um baque quando lhe apareceu o Valente ao volante, porque soube logo que ia correr mal. O Valente levantou-se do assento, bateu com a testa no espelho, no ressalto deu uma cabeçada na porta, atirou o cotovelo contra a janela e deitou-se no chão a gritar com dores agarrado ao braço. Ele chegou-se ao Valente para o ajudar a levantar, mas ele gritou, como já se esperava: «Nem me toques, pai! Estou todo partido!» e o Manuel José resignou-se a pedir uma ambulância pelo telemóvel. Este era o tal Valente que estivera «tuberculoso» uns dois ou três dias, depois de ter tido um «cancro do intestino» que se curara por si mesmo.

Começou a chover muito. O Valente continuava a gritar e a água borbulhava na boca, esparrinhava como um chafariz. Manuel José atirou-lhe um plástico por cima, refugiou-se no carro e adormeceu. A ambulância chegou passados outros vinte minutos, recolheu o ferido e zarpou sem ele dar por isso. Quando acordou era de noite, rodou a chave na ignição e o carro pegou. Eram dez anos de caprichos assim. Já devia ter aprendido. Passou a fronteira, a chuva parou, ele desligou o telemóvel e procurou um hotel para passar a noite. Saiu da auto-estrada, atravessou uma ou duas aldeias, umas quintas, umas herdades, as deprimentes torres quadrangulares de umas quantas igrejas e compreendeu que não seria fácil encontrar melhor que uma pensão de beira de estrada para camionistas. Acolheu-se, exausto, ao *Noches Buenas Barry Habitaciones*.

O Natal em casa dos Lá Dentro era uma operação em grande. As oito irmãs da mãe, felizmente ainda todas vivas, compareciam com a descendência até à terceira e mesmo quarta geração, juntando-se aos quatro irmãos do pai, já muito mouco, mas ainda

belicoso, para comparar reminiscências, enquanto os consortes cruzavam conversas sobre temas de actualidade e as crianças muito engalanadas se espalhavam pela casa e tinham carta de alforria para todo um leque de safaezas que ficavam, por uma noite, impunes. Era tudo – e isto muito possivelmente não seria coincidência, mas efeito de algum gene – gente muito alegre e conversadeira. De modo que, sendo apenas umas cento e sessenta e poucas pessoas, em virtude da jovialidade da quadrada e dos vinhos da região não lhes era difícil parecerem umas quinhentas ou mais. Há sete anos, quando fora a vez de a mãe fazer a consoada, a festa do Natal vítima, só na véspera, uma cozinheira e uma criada de dentro, derreadas de stresse e horas extraordinárias. Manuel José caíra de cama com um vírus. E a enfermeira russa do pai, uma das primeiras a fugir à fome no Leste, afirmou, indignada, não lhe ser possível imaginar tanta indigestão.

Para Manuel José isto ia contra a sua natureza mais profunda, que era quase monástica, além de significar uma canseira sem igual e sem ajuda. A mãe preferia mandar fazer. Ficava genuinamente espantada com o facto de as coisas, quaisquer que fossem, não se organizarem sozinhas e aparecerem feitas de moto próprio. «Tratar de tudo» consistia em sentar-se muito agasalhada na sala grande, a beber *gin* com a tia Celisa. O Natal servia para ver a família, trocar prendas – as irmãs competiam na magnificência dos presentes que davam e a parada era cada ano mais alta – e jantar maravilhosamente no esplendor matizado de velas acesas, à sombra do pinheiro autêntico, rodeada dos passos, devidamente abafados, das crianças. Atígia Manuel José este materialismo, o esquecimento do significado profundo do Natal, a levandade, a perversidade dos anúncios que apelavam aos mais baixos instintos das crianças. Afinal, a quadrada simbolizava o nascimento do Menino, o amor de Deus pelo Homem, o começo puro da Vida e de uma Nova Aliança.

(1981) o boby emt (- . fant /

Tanta, cula

: o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

... o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

(1981) o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

o boby emt (- . fant /

Para uma pessoa sensível ao barulho, o *Noches Buenas Bar y Habitaciones* não constitui a escolha ideal. Manuel José não pregou olho, desesperado com o vaivém de pégas e camionistas, o bater de portas e o guinchar de velhos elevadores. E ainda discerniu, no alvoroço da madrugada, um desconcertante rouxinol que lhe esgotou a paciência. Levantou-se e desceu para o *bocadillo* da manhã. Ignorava que o dono do bar era maiorquino, e com surpresa percebeu que havia de comer *ensainadas*, dando-lhe náuseas a ideia dessa banha de porco a que rescendem. Na mesa do canto juntava-se uma dúzia de camionistas mascarados de Pai Natal, na sua grande maioria ainda perdidos de bêbedos, as companheiras de aventura pousadas nos joelhos, ou abraçados a outros Pais Natal.

Encolheu-se Manuel José no canto oposto e fez de conta que não existia. De tripas revoltas, enrolou a boca a *ensainada* e fechou os olhos. Engoliu, teve um vômito, e quando abriu os olhos, tinha sentado à sua frente um dos Pais Natal da mesa dos bêbedos. Era um Pai Natal imprevisivelmente credível. Tinha uma barba verdadeira que lhe caía a direito até ao esterno, um ar afável, avuncular, sereno, quase santo e esta ideia era transmitida, compreendeu, em virtude de uma única pálebra descaída. Como Manuel José havia de descobrir e lamentar, Joaquín Javier não era o tipo de homem a quem se podia dizer que não. O «não» excitava-lhe o lado argumentativo, ele erguia a cabeça para poder ver melhor pelo olho meio aberto e não desistia enquanto o interlocutor lhe fizesse frente. E não era propriamente loquaz, apenas não aceitava réplica. Isto para dizer que Manuel José acabou por se encontrar, sem saber como, empoleturado no assento do camião *tir*, a caminho do *pueblo* de Joaquín Javier, onde se vivia, segundo ele, o verdadeiro espírito do Natal.

Chegaram ao meio-dia – Manuel José retemperado por uma viagem em que dormira descansado – a uma praceta árida, no cimo de um planalto a meio de uma planície que se estendia a

perder de vista em todas as direcções. Estava um frio de rachar e soprava um vento que gelava. Acabavam de descer do camião – Joaquín devolvido à vida civil na sua roupa natural de camionista – quando lhes saltou ao caminho um homem alto e magro dos seus trinta anos, num traje de inspiração bíblica, que cumprimentou Joaquín expressivamente e lhe perguntou à queima-roupa:

– Quem sou eu?

Joaquín considerou-o em silêncio de alto a baixo um bom momento. O homem vestia uma túnica branca de algodão rude até aos pés e umas pantufas de carneira. A barba, postíça, era longuíssima, assim como a cabeleira branca. Trazia um bordão a que acrescentara, atado com um cordel, um raminho de oliveira.

– A Paz – disse Joaquín, apontando o raminho no bordão.

– Não – disse o homem.

O «não» depoletou uma discussão breve e intensa. O grosso do argumento seria este: Joaquín defendia, lacónico, um certo consenso simbólico. Se assim não fosse, seria o caos, a anarquia! O raminho de oliveira simboliza a Paz desde tempos imemoriais e não era um papalvo qualquer de Prallá de San Ildefonso que ia mudar isso. Talvez um grande artista, um grande pintor pudesse colocar o raminho de oliveira no bico de uma águia ou de um urso polar e assim torcer-lhe o sentido, mas para isso era preciso um génio que ali por suposto não havia.

– E a criatividade individual? – gritou o outro. – Não adivinhas, pronto, está certo, mas não me venhas com teorias! – E desceu a rua furioso, brandindo o bordão a que Joaquín arrancara num último assomo de raiva o raminho de oliveira, aos gritos:

– Sou a Paciência, *coño!* A Paciência! A Paciência! Era assim tão difícil de adivinhar? – E Joaquín gritou-lhe que era batota representando as Virtudes Anexas.

(...
e.g. (1941) emt → fant)
Tens, culs

: 6. Tirade de

→ fant → fant /

→ fant do fant
→ fant

→ fant → fant /

→ fant do fant
→ fant

(...
e.g. (1941) emt → fant /

→ fant do fant
→ fant

→ fant

Os habitantes, por razões que se perdem na noite dos tempos, chamavam à aldeia Prallá de San Ildefonso, ou seja, Para Lá de San Ildefonso, embora San Ildefonso, a vila mais próxima, tivesse sido arrasada durante a Guerra Civil. Há uns cinco anos o alcaide tivera uma ideia promocional e criara uma tradição. Em Prallá ia viver-se o verdadeiro espírito do Natal. Recriar-se-ia, com todo o realismo, a Natividade. E desde então se representava durante uma semana o Auto do Natal, em que toda a aldeia participava. O alcaide chamara as partes interessadas e despachara a construção das infra-estruturas para acolher os turistas. Esboçou-se um movimento de resistência, rapidamente abafado com a promessa de um campo de futebol. Fizeram-se três hotéis, um deles com piscina interior. Esperou-se a invasão dos turistas. Por enquanto, eram só Manuel José e uma pequena velhinha solitária, que se dizia ter sido ama-de-leite do alcaide.

Na preparação do Auto, os «actores» jogavam uns com os outros o «Quem sou eu?», embora os prémios não fossem de molde a incentivar o empenho. Para além de Maria (uma rapariga que dava efectivamente à luz na véspera de Natal) e de José (no papel alternavam os dois carpinteiros desempregados da aldeia), criava-se uma profusão de personagens animados e inanimados do Antigo e do Novo Testamento, porque todos tinham de ter, por mais pequena que fosse, a sua deixa. E todos os anos se inventava mais personagens, para renovar o jogo. Num golpe de imaginação, o alcaide concebeu para esse Natal a personificação das Virtudes Principais (as quatro cardeais e as três teologais) que, na véspera da representação do nascimento do Menino, defrontavam na praça os Sete Pecados Capitais. O pároco fechara os olhos quer à calinada teológica (toda a gente sabe que as Sete Virtudes Principais não se opõem aos Sete Pecados Capitais, basta ler Hugo de S. Vítor) e fechou sobretudo os olhos ao Carnaval dos Pecados Capitais, cada um representado por um animal exótico.

160

Basta dizer que a Avariza era o homem mais pequeno da aldeia num fato de urubu e a Indolência, como o próprio nome indica, uma preguiça; este ano calhara a um adolescente hiperactivo que operara por representar a Indolência escalando os candeeiros da Rua Direita.

Joaquín Javier decidiu que Manuel José também ia ser actor. Entrando na taberna onde se amodorravam Noé e Zebedeu, enquanto Moisés seguia a emissão do *Eurosport*, Joaquín saudou a assembleia. Na parede do fundo, por baixo do anúncio de *Prallá de San Ildefonso Viva El Verdadero Espiritu de Navidad*, sentava-se um friso de Reis Magos com as respectivas oferendas. O Incenso era dono da única oficina da aldeia, onde se mandava arranjar os tractores, por uns preços disparatados. Noé pousou a pomba e disse:

— E tu, quem és?

Joaquín percebeu com vergonha que não estava vestido para o Auto. Desculpou-se com o trabalho, disse que lhe tinha sido distribuído o papel de Fariseu, mas que o chapéu era complexo, e ainda não estava pronto. Conferenciaram depois sobre o que poderia Manuel José representar no Auto de Natal, assim à última da hora; os papéis estavam todos tomados e o pastor de cabras que fazia de Mirra lembrou-se das Bodas de Caná.

Manuel José não se podia impedir de estranhar aqueles espahnóis. Eram todos graves, circunspectos, cerimoniais, e ouviam-se uns aos outros até ao fim, acenando com a cabeça. Havia de ser isto naturalmente por força da personagem que encarnavam. Ao cair da noite todos deviam estar nos seus postos. Começava o combate entre o Vício e a Virtude. A rapariga que fazia de Maria estava por pouco, já se lhe ouviam os gritos na rua. Passou um romano a cavalo. Joaquín Javier apressou-se. Levou Manuel José para trás da Igreja que dava para a praça, por uma ruela que fazia cotovelo. Ai, no cimo de três degraus de pedra, estava um barril.

161

(...
e 45 (4) BCB emt (- fant)
Tema, tema

: 45 F. F. de 11. 9

o BCB emt (- fant)

...
Btooy do ndoy 0
-: epe Roche

o BCB Tema (- fant)

o BCB Tema (- fant)
A casa d'beir do endo
Hugo Roche:

(...
e 45 (4) BCB emt (- fant)
Tema, tema
o BCB Tema (- fant)
A casa d'beir do endo
Hugo Roche:

o BCB Tema (- fant)

e era justamente o segundo dedo do pé direito. Já via as luzes de Lisboa, a dor aumentava na proporção da consciência dela, tornava-se obstinada e exigente, aquela única coisa no mundo que não admitia negociação.

O carro pegou logo, e sofrera sobretudo no seu amor próprio tecnológico. Era um jipe para matar, não para morrer. Quem lá fosse dentro por aquele prego não estava submetido às leis naturais. E embora o acidentado não se lembrasse da grande família que o esperava para a ceia de Natal, reunida na casa de origem, foi perfeitamente capaz de esmiuçar as vantagens e desvantagens de cada hospital de Lisboa. Decidiu-se, enfim, por uma zona nobre, com uma clientela que ele supôs mais escolhida, onde as pessoas de um lado e do outro dos balcões sabiam quem era quem. Mas a sala de espera abarrotava afinal de gente anónima, queixosa e sonolenta e ele preferiu ficar cá fora a fumar um cigarro e a ganhar coragem para tomar lugar na fila. A dor no dedo partido, no entanto, não tinha tantos preconceitos sociais. O dedo doía-lhe já no corpo todo. Sentia os olhos a enterrarem-se nas órbitas e surpreendeu-o o gemido contínuo que lhe saía da boca. Decidiu puxar pelas galonas e enfrentar os demónios da burocracia. A enfermeira disse-lhe, impaciente, que se sentasse na sala e esperasse a sua vez, rematando, com gosto:

– Há gente a morrer na sala de espera.

Sentou-se e esperou. Entrou um homem baixo, magro, que timidamente se ajeitou ao lado dele, conquistando espaço na cadeira devagar. Trazia a mão direita envolta numa ligadura cheia de sangue. Ele teve ganas de começar uma conversa de hospital, mas conteve-se, e deliberando, adormeceu. Acordou ao toque do telemóvel, uma voz festiva de mulher perguntava: onde estás? ainda demoras muito? estamos todos à tua espera! e ele respondeu que tinha tido uma reunião até tarde e que estava a sair nesse

instante do escritório. Ao dizê-lo, olhou para o chão, onde alastrava uma poça de sangue aos pés do homem da mão entrapada. O homem percebeu o olhar e o horror que implicava e timidamente procurou esconder o sangue, pondo-lhe as grossas botas em cima com cuidado. Primeiro uma, depois outra, ao centro do lago vermelho.

Ele procurou, sabendo que não tinha, aspirina nos bolsos do casaco. O dedo partido doía-lhe intensamente na cabeça. Adormeceu de novo, a transpirar. A enfermeira tocou-lhe no ombro, acordou sobressaltado e seguiu-a para o ortopedista e daí para a radiografia. Coxeia pouco depois pelo corredor com a radiografia ao alto na mão direita, orientado por uma outra enfermeira que o leva à ortopedia e lhe faz sinal para se sentar noutra corredor, noutra cadeira, ao lado de outra porta.

A sonolência é agora povoada de vozes confusas. Tira o telemóvel do bolso e vai passando os nomes da agenda. Pensa em pedir socorro. A dor, com o tempo, torna-se insuportável. O nome da mulher da voz jovial junta-se enfim à cara dela e reconhece-a: é a mulher dele. Faz-lhe uma festa pelo visor do telemóvel. Os outros nomes da agenda vão tomando corpo: os filhos, os pais, os irmãos, à espera na casa de origem. Quando levanta os olhos, sorrindo, encara os dois médicos que o olham de pé, bem-parrecidos, jovens, seguros de si, como numa série americana de hospitais. O mais alto traz um barrete de Pai Natal e o outro um discreto ramo de azevinho pregado na banda da bata branca. O do barrete curva-se para lhe tirar a radiografia da mão enquanto o outro o olha fixamente como se tivesse uma coisa importantíssima para lhe dizer, mas não se conseguiu lembrar do que era. Ali mesmo à luz do corredor, o médico do barrete vermelho ergue bem alto a radiografia e inclina-se todo para trás. A bota branca do barrete oscila no ar.

– Você tem aqui uma fractura no terceiro dedo – disse.

(...
o 454BBB
Tema, culas
Tant. → Tema → Tant.)

6. Tirade de Filipe

o boyo → Tema → Tant. → Tema → Tant.

o boyo do boyo
o boyo r.
Hugo Roche r.

o boyo → Tema → Tant. → Tema → Tant.

Hugo Roche:
A casa al beir do estado

car-cara r
supra 10110101
Tant. → Tema → Tant.

Otri. de Vasconcelos:
a torna duracod

10110101

CRISTO EM CASA
DE MANUEL ASSUNÇÃO & FAMÍLIA

- Não é no terceiro - disse ele - é no segundo. - Dói-me hor-
rivelmente o segundo dedo - e levantou um pouco o pé, para que
também ele fosse testemunha do acidente.

- Aqui na radiografia mostra uma fractura do terceiro dedo,
portanto... - e inclinando-se sobre o pé, seleccionou-lhe o
segundo dedo e violentamente lho puxou e apertou.

Quando ele gritou de dor, o ortopedista perguntou, sereno:

- É este que lhe dói? No entanto, na radiografia...

- Mas eu não estou aí na radiografia, estou aqui sentado à sua
frente.

- No entanto, a verdade médica - disse ele - está na radiografia.

- As pessoas não são só carne e ossos.

- São carne e ossos, sim - disse o médico, como o pai que
falasse a uma criança birrenta - tal e qual o peru do Natal.

Muitas saudades da casa onde a família o esperava para a ceia
da véspera de Natal. Não quero conversar, disse ele ao médico,
tenho a família à espera. Dê-me qualquer coisa para as dores que
eu tenho pressa. O ortopedista do azevinho ao peito, que até aí se
manivera silencioso, erguendo o dedo das sentenças, teve enfim
a sua intervenção:

- Ah - disse - é a voz do sangue.

Afastou-se a coxear pelo corredor sombrio. Quando chegou
à porta e se voltou para trás, ainda viu os dois ortopedistas lado
a lado, rindo-se com sacudidelas de ombro, como ratinhos.

(origem) o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

Temt, culs

: 6. Trindade Filipe

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

... o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

Hygo Roche :

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

Hygo Roche :

(origem) o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1 temt → tant. /

o. 2. 5. 4. 8. 2. 6. 1

Para onde vai um, vão todos, é o lema de Manuel Assunção e família. No caso vertente, não vão a lado nenhum, porque o homem dos estores tinha dito que vinha na quarta, não quinta, ou melhor sexta feira, e Manuel Assunção e Senhora acordam todos os dias pelo dealbar da aurora com a luz cinzenta e têm a manhã estragada. Paciência, lêem mais a Bíblia. Fazem leitura temática, catando nas Escrituras *todas* as passagens sobre o amor divino, *todos* os versículos sobre o fogo do Inferno, e as onze da manhã encontram Manuel Assunção e Senhora, ao despique, em sabatina, examinando reciprocamente os conhecimentos. Mas, com o passar do tempo, têm-lhe dado cada vez mais forte no Apocalipse.

É que se o homem não vem naquele dia, nunca mais, só depois do Natal. Para tudo no Natal. À senhora de Manuel Assunção oferecem os colegas, todos os benditos anos, na troca de prendas da festa de Natal, a mesma caixinha de *Ferrero Rocher*, que ela dá à Madalena, que diz: «Ah, é verdade, vocês são Testemunhas de Jeová, não celebram o Natal!»

O homem dos estores viera há quinze dias e deixara tudo na mesma. Ficara parado a meio do quarto, com uma espécie de

indignação, mista de desânimo, a olhar para as ripas encravadas em diagonal. Diagnosticou, desdramatizou. «Isto quase nem vale a pena a deslocação!» «Mas é que nos faz imensa diferença!», disse a senhora de Manuel Assunção. «Pois virei na quarta-feira!», disse o homem dos estores.

E era sexta, hora de almoço, e a Sarinha lia a passagem dedicada ao Segundo Advento, tocaram à campainha, a família imobilizou-se. Seria ele? Poderiam essa noite dormir sem a ameaça da precoce madrugada? A Sarinha foi devagar (era mesmo assim, lenta) abrir a porta. Manuel e Senhora sorriram, por cima de cava-las e batatas. «Aqui estou!», disse o homem. E assim foi.

Somos o que somos. Nada de fora nos pode mudar e, de dentro, não mudamos. Somos o que somos para sempre e para sempre. Pingara a primeira lágrima, pesada, redonda, marulhando circuitos concêntricos no *consummé*. Telma baixou a cabeça e agarrou-se com quantas forças tinha ao que lhe restava da ideia essencial.

Fez cento e vinte quilómetros, de noite e à chuva, os limpa-pára-brisas numa agitação maníaca de Sísifo, para mo vir dizer. A sobremesa – açúcar! açúcar! – aparecia no horizonte do desastre, destrutiva e redentora. No fim, antes de se conseguir arrancar da mesa e correr para o carro, diz que já não percebia se era ela que comia a *mousse* ou a *mousse* que a comia a ela e que essa imagem de feto, essa indiferenciação do caos a assustou mais que tudo.

Agora está quase calma, bebendo a lucialima que lhe deitei na chávena, mas ainda relutante em deixar-se cair no sossego do meu campo. Diz que lhe apareceu sem saber como esta noção de «jantar *raffiné*». Era uma ideia peregrina, própria de uma pessoa meio louca. A expressão era abstrusa, porque ela não conseguiu

(¹⁶⁸) Basília → Teme

Teme, cula

6. Trindade Filipe

→ Teme → Teme

Hugo Roche → O abito do hotel ...

(¹⁶⁹) Basília → Teme

A casa à beira do estado

Hugo Roche:

(¹⁶⁸) Basília e marido

→ Teme

Atori de Vasconcelos → a torne da roçad

→ Teme

nunca imprimir-lhe o cunho cómico que ela merecia. Tomou a sério uma noção irónica! Tentou ignorá-la, depois resistiu-lhe, combatu-a e acabou por se render. E cedendo-lhe, acabou a namorá-la de olhos em alvo, dias e dias, sonhando *pâtés* e *soufflés*, e andou ali de roda a imaginar combinações de sabores e decorações sublimes. E ahs! e ohs! de admiração dos comensais. Mas tudo isto como se se tratasse de uma viagem que se quer fazer e se vai permanentemente adiando, para ficar na nossa vida ao menos uma coisa inviolada e estrita.

Foi ela a primeira a ficar surpreendida ao estacar no supermercado diante dos livros de cozinha, junto de um carrinho com três crianças muito pequenas. Telma não tinha experiência, cozinhou a trivial sem prazer, para comer e dar de comer. Mas agora olhava os títulos dos livros de receitas e as fotografias brilhantes. Qualquer prato de lentilhas, se bem iluminado, faz boa figura. Os meninos do carrinho, sérios, lambuzados, vigiavam-lhe os movimentos. Ela lançava a mão para umas saladas e recolhia-a, arrependida. Qual dos seus amigos, dos amigos do marido, apreciaria sem preconceito um jantar de saladas, ainda que substanciais e com nomes *waldorf*?

Viu, com desconsolo, que era quase impotente para evitar que os jantares caíssem em categorias – o tradicional pesado, o saudável leve, o exótico, o redondamente étnico, o clássico francês, o bom velho inglês; percebeu que a ementa, para ser boa, teria de mostrar originalidades, mas não tantas nem tão excessivas que pudessem tornar irreconhecível o jantar como «*raffiné*» ao gosto dos amigos, tornando-o meramente caótico, caricato. Abandonou os meninos à sua sorte para reflectir. Vagueou entre prateleiras, cismando na consistência lógica da ementa, no bom equilíbrio entre a novidade e uma familiaridade de coisa antiga cuja existência se esqueceu. Parada diante de vinhos, alertava-se para o perigo do exibicionismo gratuito, do virtuosismo sem

outra justificação. Omnipresentes e paradoxalmente lançados para uma zona de total irrelevância, ainda via no horizonte os seus convivas, barrigas crescendo de quantidades de comida sem critério e as amigas, mães de filhos pequenos, legitimamente desleixadas. Do meio deles, salvador, ergueu-se a figura de príncipe renascentista do Marco, ideal amigo, destinatário por excelência das delicadezas. «Príncipe do Renascimento», diz ela que é expressão da mesma fôrma, farinha do mesmo saco, de «jantar *raffiné*», grosseiras armadilhas. Mas já não se queixa, sentada no sofá, no lugar que sempre foi o seu, abraçada ao cão, conforto e lembrança das desfeitas humanas.

Acabou por se fixar num método para escolher as receitas – pois elas são infinitas. Tudo o que fosse raro, caro, demorado, complicado e difícil de fazer tinha boas hipóteses de entrar na ementa. Se o nome soasse bem, acrescentava-lhe um ponto. Com isto, construiu uma lista de dez pratos, que reduziu a oito irreduzíveis, e lançou-se à parte prática com um sentimento tão ambíguo, feito de uma quantidade tal e tão variada de ingredientes, que só me soube dar dele a tonalidade em resumo: obsessão e vertigem. Eu compreendi. Era o infinito a fazer em Telma o seu trabalho.

E o prazer?, pergunto eu. Esteve lá sempre, também, mas submisso, na imaginação, na preparação, na fabricação. Até ao momento em que os amigos entraram ruidosamente na sala, Telma julgara poder controlar o seu destino. Dominara bem a ideia de «jantar *raffiné*», mantivera dentro de baías a fantasia do «príncipe do Renascimento», a ementa era boa, original sem ser autista, privada e no entanto razoavelmente palatável a outrem. Claro, diz-me ela agora numa vozinha de quem pretende ser perdoado, tudo isto é discutível. Justificou-se mais, o que era um péssimo sinal de deslocado narcisismo. Disse que se desprendia da ementa, enfim, uma leveza, uma simplicidade que tinha os

(... (1984) ement → fant)

Temas, culas

6. Philippe

o boy → ement → fant

... boy do menino
Hugo Roche

o boy → ement → fant

A casa al beir de estrada
Hugo Roche

curriculum r
supêria Wilhams ement → fant

paradair
Otri. de casa ement

fant

seus ornamentos. A verdade daquela ementa, achava ela, estava no princípio do *consumme*: poucos ingredientes muito bem pesados, investimento emocional a tempo inteiro, oito horas de lume brando. Por ironia, sobre ele é que chorara.

O Marco, penetrado do seu papel, fora apoio incansável. Que-ria saber tudo sobre polmes, sobre *clarificações*, interessava-lhe por vezes mais o processo do que o resultado, este por vezes e compreensivelmente viciado na origem por hormonas que alteravam texturas e químicas que desnaturavam naturezas. Mas se as perguntas eram benévolas e atentas as explicações tornavam-na, a ela, impossivelmente pedante. Não se podia descrever uma receita setecentista de *Mince Pies* da família Twisten sem que todas as conversas se suspendessem e os comensais cravassem nela uns olhos redondos, perdidos. Alguns fingiam que provavam e limpavam a boca ao guardanapo, outros desaprovavam por princípio a mistura de carne de borrego com grosselhas e esfafelavam as empaadas entre dedos. E ela ficava intimidada tanto com a solicitude como com a rejeição deles. A ignorância do Marco, no entanto, foi mais difícil de suportar que a indiferença ou o silêncio ofensivo de outros que despachavam *pâtés* e *gélés* exigindo cerveja de litro, agressivos diante da festividade que se lhes apresentava intrigante e, sobretudo, do característico arremedo da Telma, que lhes apagara a televisão a meio do jogo e os mandara a todos para a mesa como crianças.

Não podia correr bem, disse eu. A gente não pode ir para a mesa contrariada. Felizmente ninguém percebeu que ela chorava. Foi uma lágrima furtiva, disse eu. Era o complemento de *kirsch* que faltava, disse ela. Já sorria à disparatada ocorrência, queria dizer que estava um pouco mais salva. Na mente de Telma ocupava então um espaço crescente a tigela singela de *mousse* de chocolate (ovos de galinhas conhecidas, claras batidas à mão com pulso paradoxal, firme e flexível, chocolate austriaco, açúcar penicirado,

pingo de *cognac*, avelãs) que apanhava o fresco no escuro do congelador. Solitária nas garras da dialéctica ilusória do sucesso e do fracasso, Telma calava-se a um canto, levantando-se automática para ir buscar mais um prato, recebido com murmúrios mistos de troça e novidade.

- E isto - perguntava um deles, cheirando o prato - também é do século XVIII?

- Este é de hoje - disse o Álvaro. - Vocês nem imaginam o trabalho que a Telma teve na cozinha.

- Os chineses comem baratas - disse Margarida.

- Eu cá era incapaz.

Telma viu, impotente, rolar uma ervilha pelo prato até à borda. Outra ervilha deslizou no seu encaixe. Quando a primeira parou a segunda embateu nela, afastou-se no ricochete, mas via-se pouca vontade de ir mais longe, deixou-se ficar.

- Porque me persegue? - perguntou a vítima. - O prato é tão grande!

- Pois, por isso mesmo - disse a outra.

Telma viu-as verdes, bem guisadas, honestas, em tudo semelhantes, e no entanto uma era áspera e fugidia, a outra doce e permanente, e ambas a olhavam cândidas, um pouco estrábicas, à espera do seguinte. O leitão, na baça carapaça, amordaçado, rolou os olhos ao céu. Bufou, impaciente. Irritavam-no ervilhas litigantes.

Telma teve já crises destas. É sensível ao mundo, que interfere muito com ela. Digo-lhe que não se ligue tanto, que não se deixe assombrar por tanta sombra, mas é mais fácil de dizer que de fazer.

- Deixa-te estar - digo-lhe -, dorme cá hoje.

Eu, por mim, deixei de comer. Parece que o meu corpo se alimentava do que já tem. Sento-me na minha gordura de Inverno, protectora, e tomo atenção, sem esperar por ela, à chegada da Primavera.

(Lúcia Costa Gomes)
 o 5.4.1981 Teme → Fant)

Teme, Cules

: o 6. Thirde de Fant

o 6. Fant → Teme

o 6. Fant → Teme
 o 6. Fant → Teme

o 6. Fant → Teme

o 6. Fant → Teme
 o 6. Fant → Teme

(Lúcia Costa Gomes)
 o 6. Fant → Teme

o 6. Fant → Teme

o 6. Fant

175

Ator: de Vasconcelos:

a torne dirreocad

(cur-cetura e mato-rio)

/Fant. → tema

Hugo Roche:

A casa al beir de estrada

/Fant. → Tema

EPAYO

Hugo Roche r:

O aspecto do hotel ...

/Fant. → tema

EPAYO

6. Trindade Filipe:

Tenda, culas

/Fant. → tema

(mida:...) Bastão

«Calcio», «Solo & The conga line», «Doubleface», «Três meninas», «Fantasma» e «A boa mãe», publicados na revista *Egoísta*, respectivamente n.ºs 11, 17, 18, 19, 20 e 29.

«Por extenso», publicado no *Notícias Magazine*, Abril, 2007.

«Vítimas de uma História muito longa e imbricada», revista *Vida Municipal*, Fevereiro, 1998.

«Não Ir e Outras Formas de chegar ao Porto», publicado em *Porto. Ficção*, Asa, 2001.

«Felicidade», publicado em *Le Monde de l'Éducation*. Quinze Nouvelles Inédites, «Être Jeune en Europe», Paris, Julho-Agosto, 2002.

«Que.», publicado na edição de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, Canto VIII, *Expresso*, 2003.

«Eça de Queirós, um episódio menos conhecido da sua intimidade», publicado em *Retratos de Eça de Queirós*, Campo das Letras, Fundação Eça de Queirós, Porto, 2000.

«Memória de Silvana», publicado em *Retratos para Aquilino*, edição da Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2000.

«No barril», publicado em *Outros Belos Contos de Natal*, Edraia, 2004.

«Carne e ossos», publicado na revista *Caras*, Natal 2003.

«Cristo em casa de Manuel Assunção & Família», *Expresso*, Natal 2006.

«Em Telma, o infinito», publicado em *Jornal de Letras*, Agosto, 2002.

visões

Atos de Vasconcelos:

a fome duradoura

(Fant. → fome rapina, espelhos e mato-vivo)

Hugo Roche:

A casa à beira do estado

(Fant. → Teme Espago

Hugo Roche:

O aspecto do hotel ...

(Fant. → teme Espago

6. Trindade Filipe:

Tenda'culos

(Fant. → teme Bastião ^(Mizal...))

Luísa Costa Gomes nasceu em Lisboa, em 1954. Licenciou-se em Filosofia e é professora do ensino secundário. Publicou romances, contos e peças de teatro, entre as quais *Nunca Nada de Ninguém*, o libreto da ópera *Corvo Branco* e *O Último a Rir*. O seu primeiro romance, *O Pequeno Mundo*, ganhou o Prémio Dom Dinis da Casa de Mateus e *Olhos Verdes*, o Prémio Máxima de Literatura. A colecção de contos, *Contos Outra Vez*, ganhou o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores. Dirige *Ficções* (revista de contos). Na Dom Quixote editou o romance *A Pirata* (2006) e livro infantil *Trava-Línguas* (2006) com ilustrações de Jorge Nesbitt.

Capa de Atelier Henrique Cayatte
sobre fotografia de © Luísa Costa Gomes
Fotografia da autora: © Luísa Leica
Pré-press: Critério - Produção gráfica, lda.